FUNDADOR — JOAQUIM MANSO SÁBADO, 19 DE MARÇO DE 1960 ANO 39.º — NÚMERO 13 389

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA EDITOR—J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

CONSAGRAÇÕES

Nos países verdadeiramente civilizados, onde a palavra cultura corresponde a uma realidade efectiva, quando morre uma personalidade ilustre, é quase sempre uso e costume os seus amigos e admiradores organizarem, em grande ou pequeno grupo de fieis, associações destinadas a celebrar e perpetuar a lembrança do nome e da obra da desaparecida.

Essa comovente afirmação de respeito e admiração póstumos constitui também testemunho de civismo eficiente, pois consiste na romagem ao tumulo do morto que se quer recordar—anualmente praticada — e, a seguir, n u m a reunião despretenciosa em que se relembram as qualidades, os méritos, as atitudes, os escritos e acções mais ou menos importantes da figura célebre, assim evocada em conversa familiar. As vantagens que daí derivam e resultam são óbvias, e uma acentuarei sem demora, porque a julgo essencial e evidente aos olhos de quantos pensarem no facto apontado: o de estabelecer convívio espiritual ou mental entre as gerações que se vão sucedendo. Têm, a meu ver, ainda mais importancia de

JOÃO DE BARROS

(Continua na página seguinte)

Fernando Castiella

será recebido

pelo presidente

dos Estados Unidos

WASHINGTON, 19 — O ministro dos Negócios Estrangeiros espanhol, Fernando Maria Castiella, conferenciará com o presidente Eisenhower, na quarta-feira.

Castiella conferenciará, também, com o seu colega americano, Christian Herter, e com outros funcionários superiores do Departamento do Estado, com o senador William Fulbright, presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado, e com Samuel Waugh, presidente do Banco de Exportação e Importação.

O ministro espanhol chegará de avião a Nova York, na terça-feira. Após uma permanência de duas horas, seguirá, por via aérea, para Washington.

O ministro regressará na sexta-feira, a Nova York, onde almoçará com o cardeal Spellman, discursará na Camara de Comércio Hispano-Americana, efectuará uma viagem de helicóptero sobre o Manhattan, jantará com Henry Cabot Lodge, representante permanente americano nas Nações Unidas, e assistirá á revista musical «Fiorello», baseada na vida de Fiorello La Guardia, o antigo «mayor» republicano de Nova York, agora em cena na Broadway. — (R.).

A SUCESSÃO DE FRANCO

CIUDAD RODRIGO, 19 — Os monárquicos desta cidade informam que o generalíssimo Franco vai encontrar-se aqui com o conde de Barcelona, pretendente ao trono, hoje ou amanhã.

Os monárquicos continuam a afirmar que nas conversações entre Franco e o conde de Barcelona serão tratados assuntos relacionados com a sucessão do caudilho e com a futura educação do príncipe D. João, que conta actualmente 22 anos. — (A. N. I.).

«Siga esta rapariga» — diz o cartaz — e ele segue-a realmente. Tony sai do teatro atrás de Margarida...

A princesa Margarida *não quer*

que a vejam chorar

no casamento

LONDRES, 19 — O jornal «Daily Mirror» informa, hoje, que a princesa Margarida proibiu que fosse transmitida pela televisão a cerimónia do seu casamento, «porque milhões de espectadores de televisão viram chorar a princesa Paola, de Itália, quando se casou o ano passado com o príncipe Alberto da Bélgica».

O palácio de Buckingham tinha

(Continua na página central)

A Rússia aceitou

as propostas norte-americanas

sobre as experiências nucleares

GENEBRA, 19 — A Russia propôs a conclusão de um tratado que ponha termo a todas as experiências nucleares, incluindo as detonações subterraneas inferiores a uma certa potência.

A proposta foi apresentada hoje, numa sessão da Conferência para a proibição das experiências nucleares, iniciada há cinco meses, sessão que foi inesperadamente convocada pelo delegado soviético, Tsarapkin.

Um comunicado publicado depois da reunião diz:

«A delegação soviética apresentou uma proposta para se concluir um tratado para a cessação de todas as experiências subterraneas com armas nucleares, incluindo todas as experiências subterraneas que produzem abalos sísmicos de magnitude igual ou inferior a 4,75, conforme se propunha na proposta norte-americana de 11 de Fevereiro.

«A União Soviética aceitou, também, a proposta norte-americana sobre a realização de um programa conjunto de pesquisas e experiências nucleares a realizar pela U. R. S. S., pelos Estados Unidos e pela Grã-Bretanha, desde que todos os signatários do tratado se comprometam simultaneamente, a não realizar durante esse período qualquer experiência de armas nucleares que produzam abalos sísmicos de magnitude igual ou inferior a 4,75».

(Continua na última página)

Um curioso aspecto da Londres nocturna, com o Big-Ben em grande plano

A INGLATERRA DE HOJE — (5)

A última noite em Londres

Estava uma noite fascinante: temperatura suave e no céu um azul estrelado como ainda não admiráramos durante a nossa breve permanência na Inglaterra.

Depois de um jantar de ostras e salmão, no «Scott's»; e de um espectáculo de cinerama, no Casino, de um deslumbramento e de um idealismo tais que o aconselhamos aos poderosos deste Planeta — passámos umas horas bem divertidas no «Blue Angel», um dos inumeráveis clubes nocturnos cuja entrada é apenas facultada aos seus membros. No entanto, certa influência e algumas libras poderão permitir a penetração nesse Mundo estranha-

CÉSAR FAUSTINO

(Continua na 11.ª página)

Capricho do acaso

WORCESTER (Inglaterra), 19. — Jack Principe, de 77 anos, deteve-se, ontem numa rua desta cidade, para auxiliar uma senhora a encontrar o numero da casa que procurava. Qual não foi a sua admiração, ao verificar que a senhora era sua irmã Annie, de 75 anos. Não se viam há quarenta anos. — (A. N. I.).

Visado pela Comissão de Censura

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Terapêutica das doenças da inteligência

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

O HOMEM viveu, em todas as épocas, no decorrer da sua própria história, horas angustiosas, de penumbra, de sombra, durante as quais comportamento e acção se modificaram ao sabor de acontecimentos inesperados.

Coisas indeterminadas, difíceis, para lá dos limites da concepção, deixaram fundas cicatrizes no género humano e imprimiram rumos diferentes à própria Humanidade.

A filosofia e a psicologia surgiram unidas, lado a lado, uma e outra procurando evitar falsas interpretações, estabelecendo barreiras «entre o que é» e o «que deveria ser».

Sempre que se procura definir o

(Continua na 11.ª página)

O intercâmbio cultural luso-americano

vai ser intensificado

(Ler notícia na 7.ª página)

O ministro dos Negócios Estrangeiros, dando a direita ao ministro da Educação Nacional e a esquerda ao embaixador americano, assina o novo acordo

VISADO PELA CENSURA

Hoje 32 páginas

O Diario de Lisbôa
PUBLICA
Magazine * Juvenil
De uma semana para a outra

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

TIPO NORMATIVO PORTUGUÊS

EM toda a história da civilização não encontramos talvez raça menos atreita a discriminações políticas, religiosas ou sociais do que a portuguesa. No tempo da reconquista enquadram-se na população portuguesa e são assimilados os cruzados bretões e germanicos que por cá ficaram e as populações mouras que não retiraram com o domínio sarraceno; nas descobertas foi política geral, e bem expressa pelo maior dos obreiros da nossa expansão no Oriente — Afonso de Albuquerque — a da confraternização e assimilação, bem como o respeito pelas crenças de todos. Espalhar a cristandade não era destruir, impôr. Só quando os dirigentes foram mais fracos, os soldados menos valentes e a decadência se tornou evidente é que principiaram discriminações religiosas e fogueiras. Mesmo então discriminação rácica foi coisa que não existiu. O prof. Adriano Moreira, subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, proferiu ontem na Faculdade de Letras de Coimbra notável conferência sobre a unidade política portuguesa e o estatuto das populações. Nela definiu o tipo normativo do português de hoje que é o que vem de ontem e a constituição política consagra. São sobremodo significativas as palavras do prof. Adriano Moreira: «A coexistência secular das várias religiões ecuménicas professadas respectivamente por milhões de portugueses é a prova mais cabal do sentido dessa política. Integração cultural, interpenetração cultural, e nunca expansão agressora de um grupo dominante. Onde a política de assimilação implica substituição de padrões e cultura, é apenas naqueles domínios em que o imperativo da dignidade humana exige a intervenção que hoje aparece proclamada nas declarações universais dos direitos do homem como dever geral da Humanidade. Mas isto é justamente aquilo que nós sempre adoptamos sob a designação de ordem publica, e que foi aparecendo explicitado nos textos como o dever de impedir as práticas contrárias á moral e aos ditames da Humanidade. Por isso mesmo a unidade política é coerente com a diferenciação de estatutos das populações, porque só os estatutos diferenciados permitem assegurar o respeito pelas formas culturais da vida privada de cada um dos grupos que se uniram para formar o povo português».

FEIXE DE NOTICIAS

A Casa do Alentejo voltou a encher-se ontem á noite. Nova conferência promovida pela Sociedade Portuguesa de Escritores, novo êxito. Conferente um dos espíritos mais vivos, mais inteligentes e abertos a tudo o que seja cultura: o professor jubilado da Faculdade de Letras Vieira de Almeida. O tema da conferência: romance italiano contemporaneo. Peça literária notável pela riqueza dos conceitos, pela penetração filosófica e psicológica e pela escolha e análise dos termos comparativos e definidores. A literatura italiana contemporanea e mais particularmente o romance, a partir de Pirandello e de Gabriel d'Anunzio, foram magistralmente tratados sob vários angulos determinantes da sua criação e formação evolutiva.

*** Outra conferência, esta na Fundação Gulbenkian. Um dos mestres da arquitectura contemporanea, o prof. Franco Albini, dissertou sobre «as minhas experiências como arquitecto das exposições em Itália e no estrangeiro». Especificou claramente a diferença entre museu e exposição. Finalidade muito diversa no que se constroi para ficar e no que se levanta por algumas semanas, meses quando muito. A Fundação Gulbenkian vai arejando, com estes contactos internacionais, a nossa cultura, a nossa técnica, numa obra que se impõe pela sua inteligente orientação.**

*** O eng. Ferreira Dias, ministro da Economia, visitou ontem uma das colmeias industriais portuguesas. Em Lousado, Famalicão, esteve nas instalações da Industria Textil do Ave e na Mabor que há anos lançou entre nós a industria dos pneus e galhardamente tem mantido a sua produção. Em ambas as empresas, o ministro, acolhido pelos administradores e técnicos responsáveis, observou atentamente o funcionamento das industrias.**

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. embaixador dr. Marcello Mathias, ministro dos Negócios Estrangeiros; dr. Rafael Duque, governador do Banco de Portugal, e eng. Duarte Abecassis, presidente do Conselho Superior de Obras Publicas. * Com o sr. Presidente do Conselho trabalharam ontem os srs. ministros da Presidência e do Ultramar. * Sob a presidência do sr. dr. Luís Supico Pinto reuniu a secção de interesses de ordem administrativa (subsecções de justiça, finanças e economia geral), que continuou a apreciação do projecto de parecer acerca do emparcelamento da propriedade rustica. * No avião da T. A. P. procedente de Paris chegou a Lisboa o secretário de Estado do Comércio, dr. José Gonçalo C. de Oliveira, que presidiu á delegação oficial portuguesa que participou, em Viena, na reunião ao nível ministerial, da Associação Europeia do Comércio Livre. Era acompanhado pelos srs. secretário de Estado da Agricultura, subsecretário de Estado do Comércio, subsecretário de Estado do Tesouro e outras individualidades.

IAM ALISTAR-SE

na Legião Estrangeira mas arrependeram-se...

Chegou ao Tejo, procedentes de Tanger, o iate de carga português «Manelica», com garrafas de «wisky», caixas com sabonetes, pastas para dentes e bidões vazios.

O capitão do barco entregou ás autoridades João Manuel Rita, de 21 anos, natural de Elvas, e António de Jesus, de 23, de Barcelos, os quais haviam saído clandestinamente do País, pelos terras do Norte, através da Espanha, com o objectivo — segundo declararam — de se alistar na Legião Estrangeira. Não se deram bem e foram para Tanger, onde o nosso consul resolveu proceder ao seu repatriamento.

Linha de SINTRA

Cinemas

ALGUEIRÃO — *Cine-Teatro* «Chaby», ás 21 e 30: «Veneza, a lua e tu». (17 anos).

AMADORA — *Recreios*, ás 21 e 15: «Rio Bravo» (12 anos).

CACÉM — *Cinema S. João*, ás 21 e 15: «O tubo da morte» (17 anos).

ERICEIRA — *Cine-Casino da Ericeira*, ás 21 e 15: «Fuga ao Sol» (17 anos).

QUELUZ — *Queluz-Cinema*, ás 21 e 15: «A bela moleira» (17 anos).

SINTRA — *Carlos-Manuel*, ás 21 e 30: «O capitão Paul Jones» (12 anos).

VENDA NOVA — *Cine-Portugal*, ás 21 e 15: «Miguel Strogoff» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Cavaca*, Rua Elias Garcia, 209. Tel. 930019.

QUELUZ — *Zeller*, Rua da Republica, 61. Tel. 950045.

SINTRA — *Marrazes*, Largo da Rainha D. Amélia, 25. Tel. 980158.

VEM A PORTUGAL

o arqueologo inglês prof. Glyn Daniel

A convite do British Council, vem a Portugal, para realizar uma série de conferências em Lisboa, Porto e Coimbra, o distinto arqueólogo inglês dr. Glyn Daniel. Em Lisboa haverá, nos dias 28 e 30, respectivamente, conferências na Sociedade de Geografia e no Instituto Britanico.

O prof. Glyn Daniel visitará, a convite de distintos arqueólogos portugueses já seus conhecidos e correspondentes, vários trabalhos em curso em Portugal, no Norte Centro e Sul do País.

CONSAGRAÇÕES

(Continuação da 1.ª página)

que um monumento erguido na praça publica, ou a lápida comemorativa. Bem sei que Théofile Gautier acentuou um dia, em verso conhecido, que o busto sobrevive á cidade («le buste survit à la cité»). Não há duvida que tal acontece. Mas também é certo que a maior parte da gente passa diante dessas, aliás, necessárias e solenes demonstrações de veneração. post-mortem, *sem as olhar sequer, e dess'arte se perde a intenção que as promoveu. Passada a inauguração respectiva, o interesse e a curiosidade apagam-se bastante, o que, aliás, não as condena nem lhes diminui o valor. Não as considero, porém, suficientes, embora louvem e dignifiquem a memória dos homenageados e das entidades sim ou não oficiais que as suscitem e executem. Não criam a indispensável intimidade do presente com o passado, do passado com o futuro, e é isto que, auxiliados pela Imprensa—que se lhes refere sempre —, o grupo ou associação que me permito aconselhar, suscita e perpetúa. Certo é, repare-se, que Soares dos Reis, Columbano, Augusto Gil, Teixeira de Pascoais, Afonso Lopes Vieira, Eugénio de Castro, António Correia de Oliveira, por exemplo, na literatura, Egas Moniz, na ciência — isto para não citar mais nomes, estão já muito longe dos velhos e dos jovens de hoje. Perdem-se seus nomes e obras numa bruma indistinta — indistinta e injusta — que uma consagração periódica, por breve que seja e não retumbante, provocaria. Duas excepções:—Guerra Junqueiro e João de Deus, qualquer deles mantido «vivo» pelos cuidados constantes de pessoas de família. Junqueiro pela veneração irradiante de sua ilustre filha; João de Deus, pelo insistente apostolado do filho, fundador dos Jardins-Escolas, defensor da «Cartilha Maternal» o método do ensino de leitura que se impôs já a nacionais e estrangeiros, como o unico, autenticamente «racional» que existe.*

Pode ser que eu esteja mal informado. Creio, no entanto que não. Pergunto, pois: — não seria util, nobilitante, digno para todos nós, que dos Portugueses insignes, nossos companheiros na vida, ontem ainda, evocássemos amorávelmente a presença? Seria, no mínimo, prova de gratidão. Da gratidão que devemos á glória que nos legaram, e que é um património indestrutível do povo a que pertencemos.—J. de B.

O eng. Armando Cortesão

distinguido pela Real Sociedade de Geografia de Londres

O eng.-agron. Armando Cortesão autoridade máxima na história da Cartografia Portuguesa, recebeu nova e valiosa consagração científica dos seus trabalhos. Com efeito a Real Sociedade de Geografia, de Londres, concedeu-lhe agora a «Vitória Medal» pela sua obra, que vai desde a «Cartografia e Cartógrafos Portugueses», em dois volumes, á edição da «Carta das Novas», ás investigações aturadas para a publicação da monumental «Portugalliae Manumenta Cartographica» e sua orientação. Será talvez este o maior e mais perene monumento erguido ao esforço português no ano do centenário henriquino.

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — *Stadium* — Ás 21 — «Herodes, o Grande» (17 anos).

CASCAIS — *Académico* — Ás 21 — «A morte não é o fim» e «O capitão Scarlett (17 anos). *S. José* — Ás 21 e 30 — Programa de variedades e «O aprendiz do diabo» (15 anos).

ESTORIL — *Casino* — Ás 21 e 30 — «O inspector geral» (17 anos).

Oeiras — *Cine* — Ás 21 — «Europa de noite» (17 anos).

PAREDE — *Royal Cine* — Ás 21 e 15 — «Totó e Marcelino» e «O ultimo apache».

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Branco*, Av. Combatentes da Grande Guerra, J. L. Tel. 012081.

CASCAIS — *Cordeiro*, R. Frederico Arouca, 16. Tel. 080170.

ESTORIL e MONTE — *M. Marques dos Santos*, Alto Estoril. Tel. 060116.

OEIRAS — *Central*, R. Conde Ferreira. Tel. 043058.

PAÇO DE ARCOS — *Godinho*, Av. Patrão Joaquim Lopes, 4. Tel. 042039.

PAREDE — *Artur Brandão*, Av. Republica, 77 C. Tel. 047054.

Mais 24 mil contos

de comparticipação da indústria nacional

noutro fornecimento para a Siderurgia

Celebrou-se no passado dia 17 um importante contrato entre a Siderurgia Nacional, S. A. R. L., e a Agência Geral de Material Eléctrico, Ld.ª — AGMEL —, em que intervieram as sociedades francesas Société Anonyme Applevage, Société de Construction et de Location d'Appareils de Levage et de Matériel de Travaux Publiques, e Société Technique d'Equipament Mécanique pour Enterprises et Industrie — STEM.

Esse contrato tem por objecto o fornecimento e montagem de um sistema de transporte mecanico de matérias-primas para as instalações fabris da Siderurgia Nacional.

Nesse fornecimento foi assegurada á industria nacional a importantíssima comparticipação de 24.000 contos.

Outorgaram o acto, pela Siderurgia Nacional, os administradores Senhores Major António de Spínola e Professor Galvão Telles, pela Applevage, o Senhor Engenheiro Jean Orlandini e pela Stem, o Senhor Engenheiro Robert Yvon.

Termas de Monfortinho

ESPECIALMENTE DESTINADAS AO TRATAMENTO DE AFECÇÕES HEPÁTICAS, GINECOLÓGICAS E DOENÇAS DE PELE E DOS CLIMAS QUENTES

ABERTURA EM 1 DE ABRIL

HOSPEDE-SE NO

HOTEL FONTE SANTA—Telefs. 4 e 28

A CIDLA AVISA TODOS OS EX.MOS CONSUMIDORES QUE DEVEM EXIGIR A IDENTIFICAÇÃO DOS SEUS EMPREGADOS QUE SE APRESENTEM PARA EFECTUAR QUALQUER SERVIÇO, ANTES DE LHES FACULTAR O ACESSO AOS POSTOS DE GAZCIDLA (GARRAFAS E APARELHOS) QUE UTILIZAM.

UMA CHAMA VIVA ONDE QUER QUE VIVA

Um infantário

para os filhos dos empregados de escritório foi esta tarde inaugurado

Numa bela vivenda solarenga, na Rua D. Luís de Noronha, 13, foi, esta tarde, inaugurado o infantário e jardim infantil «Roseiral», criado pelo Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa para os filhos dos seus associados, até á idade de 6 anos e cujas mães exerçam profissão fora do lar.

Presidiu ao acto inaugural o ministro das Corporações, que ali chegou ás 15 e 30, sendo aguardado pela direcção daquele organismo, presidida pelo sr. Humberto Alves Dinis, e pelas componentes da secção feminina que tomou a seu cargo a realização do louvável melhoramento, cuja presidente é a sr.ª D. Ester do Carmo Alves. Assistiram também várias outras entidades e muitos sócios do sindicato

Depois de saudado pelo sr. Humberto Alves Dinis, o sr. dr. Henrique Veiga de Macedo proferiu breves palavras para sublinhar a importancia da iniciativa. Afirmou que desde há muito que o seu ministério e o sindicato se preocupavam com o problema das mães que são empregadas, acrescentando que foram, exactamente, de casos deste género que partiu o estímulo para a criação de secções femininas nos sindicatos.

Depois disse:

— As providências ultimamente tomadas neste campo obtiveram já francos resultados e, tendo merecido sempre o apoio das mulheres portuguesas, vão sendo compreendidas e aceites pelas entidades patronais. Prosseguiremos no caminho traçado e esperamos que outras medidas de identica natureza possam ser encaradas, mormente no respeitante a educação familiar, protecção á maternidade, estabilidade de emprego e aplicação do princípio de que a trabalho igual deve corresponder ordenado ou salário igual.

O ministro salientou o significado da obra admirável inaugurada, visitando-a, por fim, demoradamente.

Têm sido processados

e condenados em Tribunal *traficantes que especulam* com o comércio da batata

Os especuladores com o comércio da batata continuam a manobrar, não obstante a activa vigilancia das brigadas da Intendência-Geral dos Abastecimentos. Assim, apesar de assegurado o abastecimento normal do produto indispensável, em Lisboa, no Porto e noutras localidades, muitos comerciantes e oportunistas procuram vendê-lo a preços superiores á tabela, que é de 2$00, o quilo.

Não há, pois, segundo nos informa a I. G. A., motivo para condescender com esses especuladores, e o consumidor deve ser o primeiro a defender-se, queixando-se, sem demora, quando lhe forem exigidos tais preços

No Porto as brigadas de fiscalização prenderam três vendedores de retalho, dois do Mercado do Bolhão e um da Rua D. João IV. Um deles transaccionava a batata a 2$40, o quilo. Foram caucionados, no tribunal, em 5 contos, cada um. Organizaram-se, também, processos contra máis nove vendedores, em outros pontos do País, incluindo um armazenista da Figueira da Foz, que vendera a retalhistas cerca de 4.000 quilos de batata, ao preço de venda ao publico.

As manobras dos traficantes

A outro armazenista de Vila Franca das Naves foram apreendidos 18.700 quilos, que pretendia vender também a preço incompatível com a tabela estabelecida para o publico. A batata apreendida foi entregue a outro armazenista, também da mesma localidade, com a condição de vendê-la a um preço que permitia a revenda consoante a tabela. Este armazenista, porém, comerciou logo parte do artigo a preço superior, pelo que foi detido e processado, sendo-lhe apreendidos 38.800 quilos. A batata está agora a ser lançada no mercádo.

O valor das duas partidas de batata apreendidas (no total de 91.173$95) foi depositado á ordem do tribunal competente.

Especuladores condenados

Ainda por especulação na venda de batata, foram condenados em tribunal os comerciantes de Lisboa: Fernando das Neves Gonçalves, em 30 dias de prisão remíveis e 1.000$00 de multa e imposto; e Jorge Ferreira Martinho, em 25 dias de prisão, também remível, e 500$00, igualmente de multa e imposto.

O prof. Le Gentil

proferiu nova conferência na Faculdade de Letras

O prof. Pierre Le Gentil, catedrático da Sorbonne, pronunciou esta manhã a sua segunda conferência na Faculdade de Letras de Lisboa, desenvolvendo o tema «Debate de François Villon com o seu coração». Presidiu o prof. Vitorino Nemésio, ladeado pelos profs. Jacinto Prado Coelho, Délio Santos, Moreira de Sá, Maria de Lurdes Belchior, Ester de Lemos e David Mourão-Ferreira.

Após ter comentado a balada «Debate de Villon com o seu coração», o prof. Le Gentil disse que a atitude de recusa do poeta, perante as censuras do «coração», não significava a negação da salvação final. Exemplificou com outras duas baladas a confiança em Deus, tão própria do homem medieval.

No final, o catedrático francês foi muito aplaudido pela assistência que enchia a sala.

Revisão e rectificação

dos nomes dos arruamentos *e dos números das portas*

A revisão e rectificação dos nomes dos arruamentos e dos numeros de polícia das portas, nas cidades, vilas e outras localidades, efectuar-se-á no mês de Julho do ano corrente, como acto preparatório do 10.º Recenseamento Geral da População.

Este trabalho de revisão e rectificação tem grande relevancia para a comodidade de todos e para a simplificação de certos serviços publicos (correios, registo predial, etc.). O n.º 1 do art.º 8.º do Decreto n.º 42.631, de 4 de Novembro de 1959, que estatui sobre a matéria impõe como obrigação aos presidentes das Camaras a efectivação desse trabalho.

A determinação das populações das localidades condiciona, a sua vida e progresso, pois as medidas legislativas que podem interessar-lhes são muitas vezes estruturadas em função do seu desenvolvimento populacional (ex.: a divisão administrativa é feita em função do contingente populacional; as licenças para a abertura de farmácias depende do numero de habitantes; os estudos para a construção de estradas, abastecimento de águas e saneamento, etc., dependem, igualmente, do apuramento do numero de habitantes das zonas visadas nesses estudos).

A definição dos limites das povoações para a determinação da sua população, tem também, uma relevancia decisiva.

As localidades, no seu progresso, muitas vezes não têm em conta as divisões administrativas, convindo acentuar que, para a determinação do numero de habitantes se deve ter em conta a área real e de facto e não a legal.

PARA OS APRECIADORES DE BOM CAFÉ!

A FÁBRICA DAS FAMOSAS PANELAS DE PRESSÃO SEB CONCEBEU UMA CAFETEIRA DE PRESSÃO

ECONÓMICA

50 % DE CAFÉ MENOS DO QUE NUMA CAFETEIRA VULGAR

RÁPIDA

1 MINUTO POR CHÁVENA COM ÁGUA FRIA (30 SEGUNDOS COM ÁGUA QUENTE)

E ASSOBIA

A ÚNICA QUE ASSOBIA QUANDO ESTÁ PRONTO O CAFÉ

...E QUE CAFÉ!

Moka SEB

e que café!...

A VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

REPRESENTANTES:

RÁDIO INDUSTRIAS, LDA.
R. PASCOAL DE MELO, 127-1.º - LISBOA
Telefones 55693 - 55564 - 55897

DISTRIBUIDORES NO PORTO:

RÁDIO ATLÂNTICA
R. SA DA BANDEIRA, 390 - TEL. 25815

FEIRAS DA EUROPA

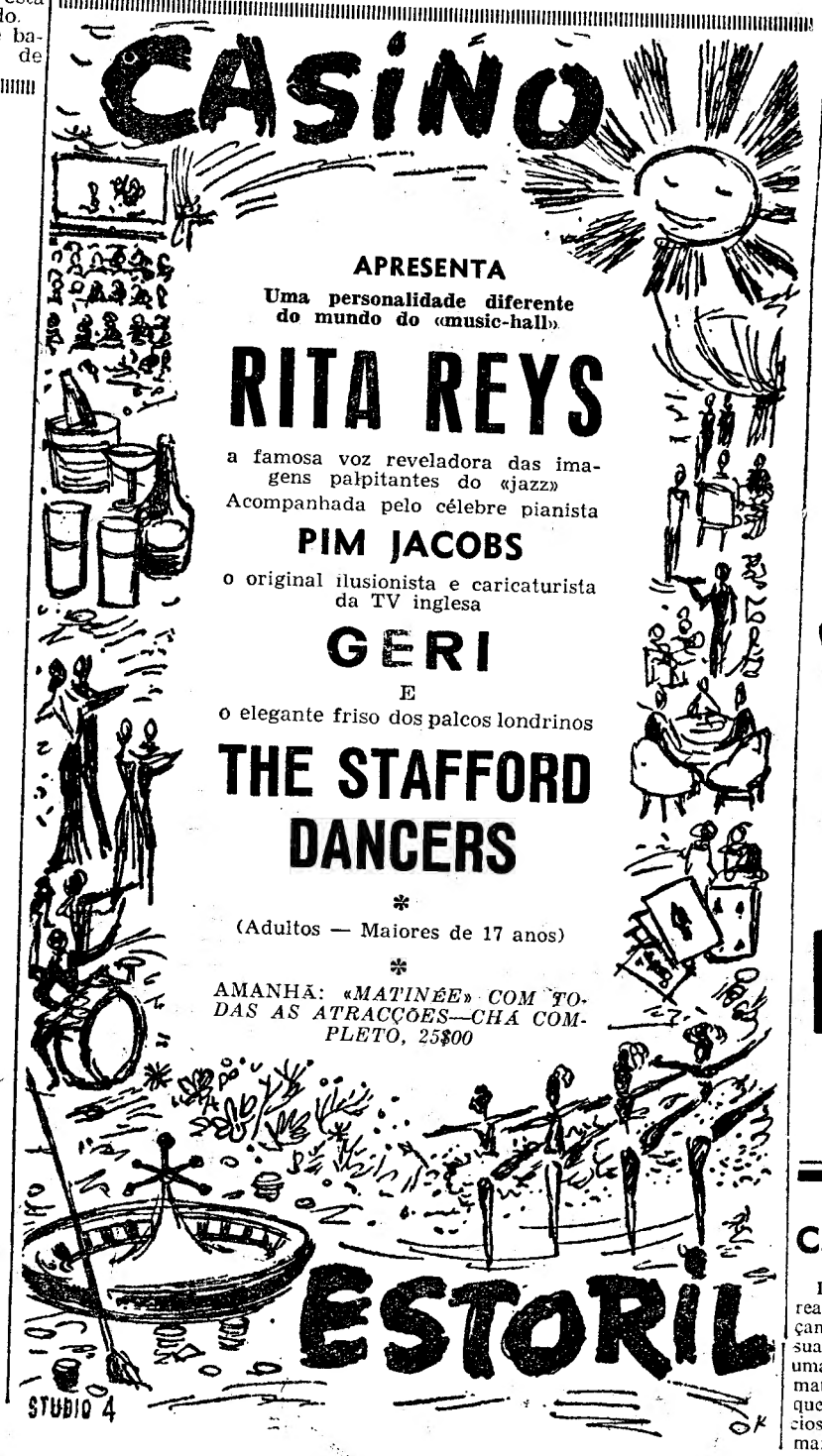
Com a SABENA está em boas mãos

5 Serviços semanais
à partida de Lisboa
sempre com correspondências
em Bruxelas
para todos os pontos da Europa

SABENA LINHAS AÉREAS BELGAS

Av. da Liberdade, 13-1.º Dto e 13-A, Lisboa - Telef. 35572

CASINO



APRESENTA

Uma personalidade diferente do mundo do «music-hall»

RITA REYS

a famosa voz reveladora das imagens palpitantes do «jazz»

Acompanhada pelo célebre pianista

PIM JACOBS

o original ilusionista e caricaturista da TV inglesa

GERI

E

o elegante friso dos palcos londrinos

THE STAFFORD DANCERS

*

(Adultos — Maiores de 17 anos)

*

AMANHÃ: *«MATINÉE» COM TODAS AS ATRACÇÕES—CHÁ COMPLETO, 25$00*

STUDIO 4

ESTORIL

Casa de Moçambique

Dando início ao seu novo ciclo de realizações artísticas, a Casa de Moçambique leva esta noite a efeito, na sua sede, na Rua dos Condes, 9-2.º, uma passagem de documentários cinematográficos das belezas de Moçambique. A sessão, que é dedicada aos sócios, suas famílias e convidados, está marcada para as 21.30.

TEATROS E CINEMAS

«Douze hommes en Colère», no Tivoli

Grande parte do publico lisboeta terá visto já, no Trindade, em cujo cartaz largo tempo se manteve, este exercício original de Reginald Rose, numa encenação de Francisco Ribeiro e com um elenco que muito deu que falar em seu abono. Confrontos não podemos fazê-los — nem seria talvez o mais util e mais sensato — por nos faltar o conhecimento directo desse espectáculo. E espectáculo em teatro é, como se sabe, um todo, capaz de tornar irreconhecível o texto ou de o arrancar (quanto mais teatral ele for) das incertas promessas da palavra escrita para o reino mágico da comunicação e da entrega.

Este «acto» de ontem, que os Karsenty trouxeram ao palco do Tivoli, merece bem que se lhe chame pelo menos empolgante. Não tanto pelo virtuosismo da sua construção dramática, excitante embora pela casuística policiária e pela dialectica dos sentimentos em jogo, como pela perfeição de uma «mise en scéne», que em França obteve o entusiástico Grande Prémio de 1959.

Doze homens, doze jurados, sem empenho pessoali tirante um deles, que a lembrança de uma frustração dolorosa, paralela ao caso a julgar, ainda aguilhoa, têm de decidir sobre se o réu — um jovem transviado, acusado do assassínio do pai e contra o qual se acumulam inumeras provas (mas nenhuma delas decisiva) deve ser executado ou absolvido. Onze desses jurados pronunciam-se, de começo, pela sentença de morte. Um só, o mais responsável e o mais generoso, o mais exigente também, se obstina contra essa barreira. Mercê de uma lógica impecável e rigorosamente honesta, ele consegue contestar o valor dos testemunhos da acusação, pô-los, pelo menos em duvida. E assistimos assim, através dos debates, ao longo e apaixonante processo que se desenvolve no íntimo dos restantes jurados, de acordo com a sensibilidade, os interesses, o passado, o meio social, de cada um. Acima, porém, da gradual rendição e apaziguamento emotivo desses homens (encerrados até ao furor numa sala de deliberações, numa tarde de quente, e tempestuosa, de palavras duras), o que importa é a conquista das suas consciências pela duvida fundamentada («le doute valable») que o campeão da tolerancia inteligentemente defende. Antes correr o risco de errar por escrupulo do que teimar em excluir drásticamente da sociedade um provável culpado, desde que entre as aparências dessa culpa se insiue uma justa desconfiança. Nada ou muito pouco em rigor terá a ver este problema, já debatido por Cayatte em «Justice est faite», com o caso Chessman, em que muitos dos espectadores porventura terão pensado. O certo, no entanto, é que «Douze Hommes en Colère» propõe, em termos de uma lógica irrecusável, o problema da gravidade de fazer justiça, acentuando a importancia extrema das margens mínimas de engano.

O mesmo Michel Vitold, a quem se deve a brilhantíssima encenação desta peça, adaptada á cena francesa por André Obey, encarna, com uma intensidade fascinante e nunca descomedida, a personagem violenta do jurado-carrasco, que sádicamente persegue num criminoso virtual o filho que o abandonou e humilhou. Bernard Blier não lhe é inferior, tendo a exprimir — tarefa em que nunca lhe falece a arte — não a paixão, mas a serena força moral e o poder de convicção isento de vaidade do intelectual tão humano que a pouco e pouco desmonta e desmascara, na sua ansia de equidade, as grosseiras engrenagens da máquina da justiça, até ao triunfo de uma clemência mais justa que a letra da lei.

Todo o grupo do Théatre de la Gaité-Montparnasse deu ao publico do Tivoli uma noite de «suspense», de emoção, de participação, o que significa que todos representaram bem, marcando quase sempre com naturalidade e acerto as tonalidades psicológicas das respectivas figuras: Gabriel Sardet, o ancião perspicaz e compassivo; Jean Michaud, o «naturalizado» inseguro, mas fiel aos imperativos da sua consciência; Georges Atlas, o filho converso dos bairros do crime; Roger Paschel, o tímido burocrata; Jacques e Jouhanneau, excelente no ruidoso e egoístico homem com pressa; e todos os demais, nesse conjunto harmonioso, ainda que por vezes um pouco desnivelado — Claude Salez, Roger Crouzet, Jean Franval, Paul Bonifas, Robert Fontanet. O cenário, bonito e sugestivo, foi o mesmo utilizado em Lisboa, pelo T. N. P. Uma bela noite de teatro francês, num momento pletórico da arte dramática em Portugal, que algumas raras e deploráveis discrepancias do publico não logram macular — U. T. R.

A grande Virginia

A grande actriz Virgínia nasceu no dia 19 de Março de 1850 e estreou-se no Teatro do Príncipe Real, em 1869, revelando logo as suas extraordinárias qualidades: fisionomia, insinuante, olhar expressivo, porte distinto e voz encantadora. Com Santos «Pitorra» passou para o D. Maria e herdou de Manuela Rey a categoria de «primeira ingénua» e depois, sempre no mesmo teatro, o de tão adoráveis velhinhas como a «Emília», de «Os Velhos».

Virgínia Dias da Silva, esposa do culto actor Ferreira da Silva que por ela abandonou a Universidade de Coimbra, foi, em Portugal e no Brasil, expoente da doçura e da elegancia teatral.

Atrás do reposteiro

- Entrou em ensaios na TV a peça «O avarento», de Goldoni. No desempenho participam os artistas, Madalena Sotto, Ana Paula, Manuel Lereno, Alexandre Vieira, Carlos José Teixeira e Andrade e Silva.
- O actor Mário Santos, interpretará, na crónica histórica «Leo-

(Continua na 13.ª página)

2.ª SEMANA NO TIVOLI

DO GRANDE ÊXITO DO MOMENTO!

UM ÊXITO DE QUE TODA A GENTE FALA!

EM CINEMASCOPE

COR DE LUXE

REALIZAÇÃO DE EDWARD DMYTRIK

ARGUMENTO DE NIGEL BALCHIN

UMA MULHER QUE É UMA TENTAÇÃO VIVA!

QUE PODER DE SEDUÇÃO TÊM AS MULHERES PARA OBRIGAREM OS HOMENS A DESCER AO FUNDO DO ABISMO MAIS FUNDO?

UMA PRODUÇÃO DE JACK CUMMINGS

com CURT JURGENS MAY BRITT e THEODORE BIKEL

ADULTOS (Maiores de 17 anos)

O ANJO AZUL (THE BLUE ANGEL)

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE

Adultos (Maiores 17 anos)

Musica de baile por VILAÇA E SUA ORQUESTRA

NO SALÃO TÍPICO: CEIAS, FADOS E GUITARRADAS

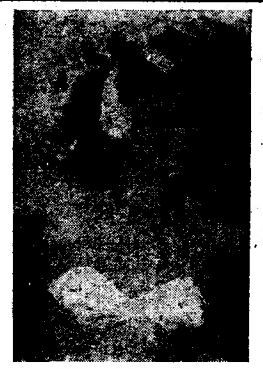
O ÊXITO DE MAIOR BRADO DO ANO

A ESPANTOSA ATRACÇÃO ACROBÁTICA

TRIO GUALTIERI

COM A EXCEPCIONAL VEDETA CONTORCIONISTA

● TIZIANA ●



TIZIANA

E, AINDA, TODO O ELENCO DE OURO DO «RITZ» com a formosa bailarina

MARY VELEZ

EM BREVE:

8 ESTREIAS QUE VÃO PROVOCAR ALTA SENSAÇÃO

ESTORIL

Linda, moderna e grande moradia com todas as comodidades modernas, c/ 8 quartos, 4 casas de banho, salões, cozinha, copa, garage, grande jardim, etc. Vende-se. Resposta a Agência Eva, R. Nova do Almada, 68-ao n.º 182.

TEATRO CAPITOLIO

HOJE, ás 21.45—M/17 A

MARIA DELLA COSTA á frente dum extraordinário elenco com Hortense Luz como artista convidada em

A ALMA BOA DE SE-TSUAN

DURANTE POUCOS DIAS

AMANHÃ — 2 ESPECTACULOS — A'S 16 E A'S 21.45

«Boite de Nuit» N-I-N-A Adultos M. 17 anos

ÚLTIMOS DIAS

das grandiosas atracções Francesa e Turca

Ballet de GEORGE APFFEL

E

GULER SISTERS

BREVEMENTE — O Ballet Espectáculo de

JUAN MORILLA

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em AGUEDA na AGENCIA CONDE e CAFÉ SANTOS.

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

TODAS AS NOITES, A'S 21 e 30 — (17 anos)

e, aos Sábados, ás 15 e 30, Tarde Pòpular a preços reduzidos

MAIS UM ÊXITO CLAMOROSO

A VISITA DA VELHA SENHORA

DE F. DURRENMATT, TRADUÇÃO DE OLAVO DE EÇA LEAL

com AMÉLIA REY COLAÇO e ERICO BRAGA

NUM GRANDE ELENCO DE 30 FIGURAS

nada mais fácil

MAIS DE MIL MOTIVOS DECORATIVOS DIFERENTES!

2 GRANDES PRÉMIOS E 1 MEDALHA DE OURO NA EXP. INT. DE BRUXELAS DE 1958

SANTOS & ARAÚJO, LDA. — R. Garrett, 49-51 — Tel. 2 87 39 — LISBOA

PFAFF AUTOMÁTICA SEM DISCOS

MARIA VITORIA

EMP.ª «E. SALVADOR e R. MARTINS, LT.ª»

ANTÓNIO SILVA

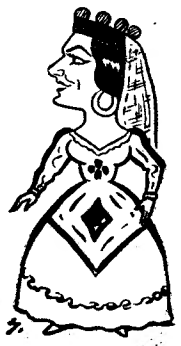
MARIA DOMINGAS

A REVISTA

MAIS POPULAR DE

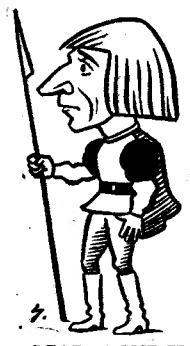
SALVADOR

TACO A TACO



ANITA GUERREIRO

com **BIBI FERREIRA**
ANTÓNIO SILVA
BARROSO LOPES, HUMBERTO MADEIRA, MARIA DOMINGAS, ANITA GUERREIRO, OSCAR ACURCIO, LUCINDA AMARAL
e pela 1.ª vez nesta companhia
LEONIA MENDES



OSCAR ACURCIO

2 Sessões ás 20,30 e 22.45

AMANHÃ ESP.º À TARDE ÀS 16 HORAS
ADULTOS — M/17 ANOS

Coliseu

Ultimos dias de um espectáculo sensacional! Hoje não há espectáculo por se realizar o Sarau de Gala do Ginásio Clube Português! Amanhã, às 16 horas e às 21 e 30

Termina amanhã a carreira brilhante de uma notável companhia que tem levado ao Coliseu multidões entusiásticas. Lisboa vibra com o numero invulgar dos touros bravos amestrados que Manolo Roeda domou! Lisboa ri com os maiores palhaços da actualidade — Kinito e os Chabris! Lisboa aclama a autêntica revelação que são os Krik-Krak! Não perca este espectáculo sensacional e arrebatador.

Amanhã, ás 16 horas, entrada gratuita a todas as crianças até aos 10 anos quando devidamente acompanhadas, e á noite, ás 21 e 30.

Sessão de Teatro

no Vendedores de Jornais F. C.

No Vendedores de Jornais Futebol Clube, exibe-se esta noite a peça «Homem ao Mar!...», de Carlos Conde e Francisco Radamanto, que foi classificada em primeiro lugar no concurso disputado no Coliseu dos Recreios.

Teatro Monumental

Espectáculos **Vasco Morgado, Lda.**
Tel. 55 133
Hoje, ás 21,45 h.
(Adultos - Maiores 17 anos)
91.ª Representação
LAURA ALVES
na comédia e a musica que triunfam em todo o Mundo

MARGARIDA DA RUA

no elenco **LUIS TITO, Rui de Carvalho, Paulo Renato, Alberto Gbira, Luis Horta**

Direcção musical de **Issi Fabra**
Preços normais desde **5$00**

Amanhã ás 18.30 h.
— MAIORES 4 ANOS —
TEATRO PARA CRIANÇAS
O REI TEM ORELHAS DE BURRO
no Teatro Monumental

Teatro AVENIDA

Espectáculos **Vasco Morgado, Lda.**
Tel. 27 273
Hoje, ás 21,45 h.
(Adultos - Maiores 17 anos)

5.º MÊS TRIUNFAL
IRENE ISIDRO
na farsa de gargalhada

A MALA DA BERNARDETTE

COM

HENRIQUE SANTANA, Henrique Santos, Maria Helena, Joaquim Miranda, Maria Schulze, Carmen Mendes, Alina Vaz, Rui Luís e Pedro Bandeira

ULTIMOS DIAS

17 ANOS

TRINDADE HOJE ÀS 21,45

Prossegue a carreira triunfal da peça mais discutida do ano

ÚLTIMAS DA MELHOR COMÉDIA DE **OLAVO D'EÇA LEAL**

O AMOR, O DINHEIRO E A MORTE

A PEÇA QUE LEVANTOU A OPINIAO PUBLICA CONTRA A CRITICA

Hotel de Turismo da Ericeira

«EM PLENO ATLÂNTICO»

Para um **FIM DE SEMANA**, para almoçar ou jantar, prefira sempre

HOTEL DE TURISMO DA ERICEIRA

Um hotel em pleno Atlântico, com todas as comodidades da vida moderna

Informações e reservas — Telf. 25 e 130 — Ericeira.

SEMPRE O MELHOR EM MUSIC-HALL

Pasapoga

Telef. 23584
ADULTOS (Maiores 17 anos)

UM SENSACIONAL «SHOW-ESPECTACULO»

O ESCULTURAL FRIZO DE BELDADES DO

BALLET PASAPOGA

COM A EXTRAORDINÁRIA E INCOMPARÁVEL VEDETA

AMPARITO VALCANERA

Uma atracção onde a arte e a beleza andam de mãos dadas

O NOTÁVEL CONJUNTO **BALLET HORACIO CASTANO**

Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

D. QUIXOTE BAR

Telef. 27109
Adultos (M. 17 anos)

HOJE e AMANHÃ DESDE AS 17 HORAS

BAILE com
CONJUNTO D. QUIXOTE
O MELHOR PONTO DE REUNIÃO

HOTEL VALE DE LOBOS

«A CURIA DE LISBOA»

Fim de Semana e Diárias de Inverno

(Condições especiais)

Restaurante — Um bom serviço no melhor ambiente. **«LEITÃO ASSADO»** uma especialidade. — CHÁ DANÇANTE — Todos os Domingos, das 16 h. às 20 h. **«Conjunto Vela Azul».** Maiores de quinze anos

Informações e Reservas — Telefs. 094846 - 094843

UMA PEGA 6$50

DOÇARIA CASEIRA — CAFÉ DE BALÃO — Praça do Areeiro, 11-D, no

BAR RIBATEJO

Em ALHANDRA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se por intermédio de CECILIO AUGUSTO COSTA.

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — Telefone 27172
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
INTRIGA INTERNACIONAL
Um super Hitchcock de máximo suspense
c/ **Cary Grant e Eve Marie Saint**

EDEN — Telefone 20763
15.30 - 18.30 e 21.45 (M/12 anos)
3.ª SEMANA
Uma superprodução com o colosso STEVE REEVES
HERCULES E A RAINHA
Um espectáculo arrebatador com lutas, ciladas e a espectacular batalha de Thebas.

ALVALADE — Telefone 763080
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Em Vistavision
INTRICA INTERNACIONAL
c/ **Cary Grant — Eve Marie Saint e James Mason**

ODEON — Telefone 26283
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
MARIKA RÖKK, em
AO RITMO DO MAMBO
Um espectáculo alucinante, como só os Alemães sabem fazer.

ROYAL — Telefone 845037
21.00 (M/17 anos)
O ESPELHO DE DUAS FACES
No progr.: **A MULHER QUE NÃO PECOU.**

TERRASSE — Telefone 20917
21.00 (M/17 anos)
A MULHER DESEJADA
O AMIGO DA FAMÍLIA

CASINO ESTORIL
21.30 (M/17 anos)
O INSPECTOR GERAL
com Danny Kay

TIVOLI — Telefone 50595
Às 6.30, 2.ª representação
12 HOMMES EN COLÈRE
21.30 (M/17 anos)
O ANJO AZUL
em Cinemascope — Cor de Luxe
c/ **May Britt e Curt Jurgens**

POLITEAMA — Telefone 26305
15.15 - 18.15 e 21.30
6.ª Semana do maior êxito de gargalhada do ano, com o famoso CANTINFLAS, na prodigiosa farsa
O SOBE E DESCE
com **Teresa Velazques** e «**Borolas**»
EASTMANCOLOR (Maiores 12 anos)

CONDES — Telefone 22523
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Audrey Hepburn e **Anthony Perkins** na mais bela história de amor jamais vivida por dois seres
A FLOR QUE NÃO MORREU
Cinemascope e Metrocolor

AVIS — Telefone 47163
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (Adultos)
Retoma a sua sensacional carreira em 3.ª SEMANA
MULHERES PERIGOSAS
com **Sylva Koscina** e **Dorian Gray**

CINEMA IDEAL — Telefone 24194
21.00 (M/17 anos)
OS NUS E OS MORTOS
CUIDADO RAPAZ

LIZ — Telefone 48560
21.00 (M/17 anos)
O CORSÁRIO LAFITTE
OS SETE GAROTOS

IMPÉRIO — Telefone 55134/5
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
Brigitte Bardot e **Henri Vidal**
na história da «série negra» transformada numa comédia cor-de-rosa
VOCÊ QUER DANÇAR COMIGO?
Eastmancolor

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Burt Lancaster, Kirk Douglas, Laurence Olivier
em
O APRENDIZ DO DIABO
3 grandes do cinema num filme dos diabos

ROMA — Telefone 727778
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Espectacular superprodução
HERCULES E A RAINHA
com **Steve Reeves** e **Sylva Koscina**
O mais caro, faustoso e empolgante filme saído dos estudios europeus.
Em complemento: Carnaval do Estoril. Notável documentário em cinemascope a cor

MONUMENTAL — Telefone 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
FERNANDEL em
CONFIDENTE DE SENHORAS
com **Sylva Koscina**
Ele era um brilhante veterinário e então... todas o procuravam.

RESTELO — Telefone 610375
21.15 (M/17 anos)
A RAPARIGA DAQUELA NOITE
com Cyd Charisse

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

O Sporting vai jogar a Evora enquanto o Benfica recebe a Académica

Na Tapadinha o Atlético defronta os Vimaranenses

Como prólogo de duas jornadas importantíssimas, registe-se a deslocação do Sporting a Évora, onde o Lusitano, perante o seu adversário de amanhã, nunca perdeu em jogos a contar para o «Nacional» A circunstancia, ou seja um facto imposto pela tradição, deverá acicatar os «leões» por forma a conduzi-los á conquista da vitória — unica hipótese que lhes interessa em vésperas de se decidir a questão do 1.º lugar.

O Benfica, na Luz, sugere tranquilidade, desde que os Lisboetas se lembrem da tarde monótona e decepcionante em que receberam o Atlético.

A jornada, 22.ª e 9.ª da segunda volta, comporta os seguintes encontros:

Lusitano-Sporting
Benfica-Académica
Atlético -V. Guimarães
V. Setubal-Belenenses
Spt. de Braga-Leixões
Boavista-F. C. Porto
Spt. da Covilhã-C. U. F.

Em Évora — *Mantendo a sua formação dos ultimos jogos, o Sporting (37 p.) vai disposto a subjugar, logo de entrada, os Eborenses (17 p.) e parece capaz de fazê-lo, embora os visitados, no seu ambiente, sugiram uma série complicada de dificuldades. Todavia, recordando-se a maneira prática como foram solucionados os ultimos encontros, crê-se nas possibilidades do Sporting e, portanto, na quebra da tradição, não obstante ser de esperar uma réplica categórica por parte dos Lusitanistas.*

Na Luz — *A Académica (20 p.) e o Benfica (38 p.) podem proporcionar um espectáculo valioso. A capacidade do «leader» não oferece duvidas de qualquer espécie pelo que se aguarda um desfecho favorável. Aliás, um resultado negativo destruiria quase todas as esperanças dos «encarnados». Portanto, o Benfica é franco favorito.*

Na Tapadinha — *Duas equipas despreocupadas. O Atlético (18 p.) e o V. Guimarães (21 p.) estão á altura de produzirem um jogo de qualidade, bastante agradável. Os Alcantarenses parecem aptos a conseguirem a vitória.*

Em Setubal — *O Vitória (12 p.) precisa de pontos, mas o Belenenses (30 p.) não será presa fácil. Admite-se uma partida entusiástica, com um desfecho que pode situar-se na igualdade.*

Em Braga — *Os locais (13 p.). recebem o Leixões (19 p.) e decerto tentarão chamar a si o registo dos dois pontos, o que parece estar ao seu alcance.*

No Porto — *Um dos tradicionais «clássicos» do futebol portuense não terá desta vez a mesma importancia de anos anteriores. O Boavista (9 p.) não parece capaz de derrotar o F. C. do Porto (25 p.).*

Na Covilhã — *A equipa serrana (19 p.) recebe a C. U. F. (16 p.). A previsão de um embate rijo prevalece na análise das possibilidades de ambos os contendores. Os locais são favoritos, mas os Cufistas são capazes de provocarem uma surpresa.*

Equipas prováveis

LUSITANO — Vital; Teotónio e Paixão; Vicente, Falé e Narciso; Fialho, Ivson, Flora, Caraça e José Pedro.

SPORTING — Sá; Lino e Hilário; Mendes, Lucio e Julio; Hugo, Vadinho, Fernando, Diego e Morais.

Arbitro: Reinaldo Silva, de Leiria.

BENFICA — Costa Pereira; Mário João e Angelo; Saraiva, Artur e Neto; José Augusto, Santana, Aguas, Coluna e Cavém.

ACADÉMICA — Maló; Araújo e Mesquita; Curado, Marta e Torres; Jorge Humberto, Chipenda, Gaio, Miranda e Rocha.

Arbitro: Encarnação Salgado, de Setubal.

ATLÉTICO — Ramin; F. Ferreira e Nunes; Tomé, Germano e Orlando; Angeja, Carlos Gomes, Albano, Puché e Tito.

V. GUIMARÃES — Pinho; Daniel e Abel; Barros, Silveira e João da Costa; Bártolo, Edmur, Carlos Alberto, Romeu e Azevedo.

Arbitro: Virgílio Baptista, de Setubal.

V. SETUBAL — Mourinho; Polido e Soares; Alfredo, Vaz e Zeca; Jacinto (ou Inácio), Casaca, Pompeu, Bira e Mateus.

BELENENSES — José Pereira; Pires e Carlos Silva; Marciano, Paz e Vicente; Dimas, «Yauca», Abdul ou Martinho, Matateu e Estêvão.

Arbitro: Isidro Fragoso, de Santarém.

SPORTING DE BRAGA — Faria ou Freitas; José Maria e Narciso; Armando, Calheiros e Trenque; Velez ou «Livinho», Passos, Teixeira, Carlos e Mendonça.

LEIXÕES S. C. — Roldão; Pacheco e Oliveira; Ventura, Machado e Carlos Alberto; Medeiros, Osvaldo Jaburu, Manuel de Oliveira e Nunes.

Arbitro: Mário Mendonça, de Vila Real.

BOAVISTA — Levi; Franco e Ribeiro; Campos, Manero e Artur; Garcia, Alcino, Adriano, Guilherme e Monzon.

F. C. PORTO — Acursio (ou Américo); Virgílio e Barbosa; Teixeira, Arcanjo e Monteiro da Costa; Montaño, Hernani, Noé, Daucik e Humaitá.

Arbitro: Aniceto Nogueira, do Porto.

SPORTING DA COVILHÃ — Rita; Helder e Couceiro; Coreles, Lázinha Martinho; Gabriel, Ilo Caldas, Suarez, Walter e Manteigueiro.

G. D. DA C. U. F. — José Maria; Orlando e Abalroado; Oliveira, Palma e José Luís; Costa, Salvador, Bispo, «Faia» e Uria.

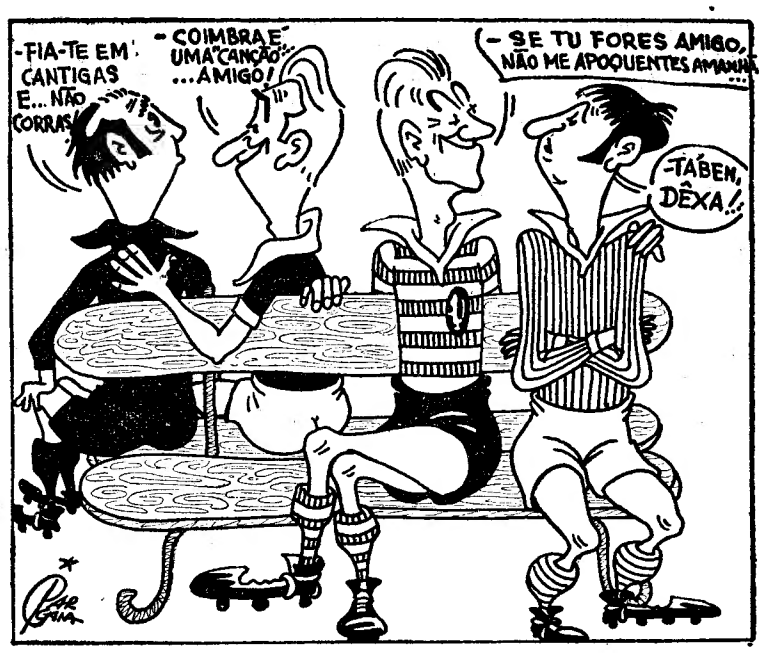
Arbitro: Hermínio Soares, de Lisboa.

Um campeão do Mundo

sofreu um acidente

RIO DE JANEIRO, 19. — O futebolista internacional Zagalo, do Botafogo, sofreu a fractura de uma vértebra durante o encontro que o seu clube disputou com o América, na capital carioca, o qual terminou com um empate a zero bolas.

Zagalo, que está no hospital, jogou a extremo-esquerdo da equipa de futebol do Brasil que, em 1958, na Suécia, ganhou o Campeonato do Mundo. — (A. N. I.).



Amigos, amigos... «negócios» á parte

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

O jogo Oriental-Olhanense é o de maior interesse da 22.ª jornada

Vence-se amanhã mais uma jornada do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: a 22.ª. Faltam, portanto, mais quatro jornadas para que a sorte dos concorrentes se defina através da sua arrumação nas tabelas, acabando-se os anseios e preocupações com que a maioria dos 28 concorrentes se debatem neste final de competição.

Fácil é concluir que estas próximas jornadas se revestirão do maior interesse.

Eis as perspectivas para amanhã.

No grupo Norte

No Grupo Norte estão previstas para amanhã as seguintes partidas:

Peniche-Spt. Espinho (2-1)
Marinhense-Sanjoanense (0-1)
U. Coimbra-Acad. Viseu (0-2)
Vila Real-Desp. Chaves (1-1)
Beira Mar-Torriense (0-5)
Oliveirense-Caldas (1-2)
Vianense-Salgueiros (0-3)

Entre parêntesis indicam-se os resultados dos desafios da 1.ª volta.

Dos sete visitados de amanhã, apenas, um — o Peniche — ganhou no jogo da 9.ª jornada, admitindo-se perfeitamente que ele confirme o triunfo anterior. O Vila Real, também, pode decidir, a seu favor, as duvidas suscitadas pelo empate que arrancou em Chaves. Os restantes vão todos aproveitar o factor «casa» para tentarem desforras, ao longo de desafios que se apresentam difíceis para os clubes em luta, tornando-se difíceis os prognósticos.

No conjunto, a jornada é de magnífica expectativa. Entre o 2.º e o 7.º da tabela há a escassa diferença de 2 pontos e todos eles têm legítimas aspirações de se classificarem nos lugares de honra.

No grupo Sul

O programa do Grupo Sul apresenta-se assim:

Barreirense-Montijo (1-0)
Farense-Lusitano (1-1)
Almada-Arroios (5-6)
Serpa-Beja (1-3)
Olivais-Juventude (2-2)
Estoril-Portimonense (1-2)
Oriental-Olhanense (3-1)

Entre parêntesis indicam-se os resultados dos desafios da 1.ª volta.

O Barreirense — guia da classificação — joga em casa e a despeito de receber uma equipa que leva de atraso 14 pontos, deve acautelar-se para não provocar uma surpresa.

O Oriental-Olhanense e o Farense-Lusitano são os desafios de maior interesse, não obstante o favoritismo ser dos visitados... se se aplicarem a fundo. Mas se os seus adversários se adiantarem o caso pode ser muito sério.

Mas não se negue interesse aos restantes desafios, porque, com efeito, todos sentem, fortemente, a necessidade de ganhar, para afugentar o espectro da baixa de Divisão. O vaticínio para esses quatro jogos só não parece difícil em relação ao desafio de Almada.

PROVAS DA A. F. L.

Os 27 desafios de amanhã

Prosseguem amanhã quatro das competições que a A. F. L. tem, presentemente, em curso, que no conjunto forneceram, desta vez, 27 jogos.

O «Distrital» da II Divisão, com a sua 16.ª jornada, é o certame que está mais perto do seu termo. O da III Divisão, embora com a 1.ª fase prestes a terminar, é o que está mais distante do seu fim. As competições de jovens (principiantes e juniores) podem considerar-se em meio.

Os desafios previstos para amanhã são os seguintes:

«Distrital» da 2.ª Divisão

Charneca c. Santa Iria, no campo «Chão do Loureiro»; U. Povoense-Vialonga, no Telhal (Póvoa) — ambos ás 15 h. Odivelas-Fanhões, no campo «Diogo José Gomes»; Ericeirense-Amadora, no campo «Henrique Tomás Frade»; Palmense-Castelo, no campo «José Ramos» — os três ás 15.30 h.

«Distrital» da 3.ª Divisão

SÉRIE A — Cascalheira c. Bom Sucesso, no campo «Francisco Lázaro»; U. Algés c. Oeiras, no campo «A. E. Simões Alves; Alto da Eira c. Carcavelos, no campo «Alfredo Marques Augusto» — os dois primeiros ás 15.30 h e o ultimo, ás 15 h.

SÉRIE B — Montelavarense c. Mucifalense, no campo do Vimal; Belas c. 1.º de Dezembro, no campo «Eduardo Ferreira Pinto Basto»; Malveira-Cacém, no campo das Seixas — os três ás 15.30 h.; Queluz c. Vila Verde, em campo e hora a designar.

SÉRIE C — Camarate c. Pinheiro de Loures, no campo da Quinta dos Barros; Tojal c. Caneças, no campo de Meia Laranja; Povoense A. C. c. Ponte de Frielas, no campo da Amiteira; Loures c. Castanheira, no campo da Areeira; Bucelenses c. Zambujalense, no campo «Julio Camilo Alves» — todos ás 15.30 h.

«Distrital» de juniores (2.ª Divisão) — 2.ª fase

SÉRIE A — Tarujense c. Camarate, no campo de treinos de «Pina Manique», ás 9.30 h.; Cascais c. Futebol Benfica, no campo «Guilherme Salgado»; Sacavenense c. Mirantense, em Sacavém — ambos ás 10.30 h.

SÉRIE B — Operário c. Sintrense, no campo «Armínio de Carvalho»; Amadora c. Odivelas, no campo da Amadora; Vitória c. União Povoense, no campo da Picheleira — os três ás 10.30 h.

Prova Distrital de Principiantes

SÉRIE A — Sporting c. Atlético, no Estádio «José Alvalade» (treinos); Torriense c. Oriental, no campo das Covas — ambos ás 10.30 h.; Palmense c. Olivais, no campo «José Ramos»; Casa Pia A. C. c. U. Algés, no campo «Pina Manique» (treinos) — ambos ás 11 h.

O «NACIONAL» DA 3.ª DIVISÃO

A 10.ª Jornada pouco alterará a posição dos guias

O Campeonato Nacional da 3.ª Divisão reserva-nos para amanhã mais uma jornada — 10.ª do torneio e, ao mesmo tempo, a 3.ª da 2.ª volta. O «panorama» da competição mantem-se tal como há uma semana. E ainda bem que assim é, pois, deste modo, os despiques continuam a revestir-se do maior interesse.

Os 32 encontros previstos são os seguintes:

ZONA A — *1.ª Série* — Murça c. Famalicão, em Murça; Mirandela c. Régua, em Mirandela; Gil Vicente c. Penafiel, em Barcelos; Valdevez c. Bragança, em Arcos de Valdevez. O jogo de maior interesse é o de Barcelos (2.ª c. 1.ª).

2.ª Série — Pejão c. Varzim, em S. João da Madeira; Feirense c. Avintes, em Vila da Feira; Leça c. Académico, em Leça de Palmeira; Ovarense c. Arrifanense, em Ovar. Concede-se a preferência ao jogo de Vila da Feira (1.ª c. 2.ª).

ZONA B — *3.ª Série* — Mortágua c. Lusitano, em Mortágua; Santacombadense c. S. B. Castelo Branco, em Santa Comba Dão; F. C. Estrela c. Viação Sernache, em Unhais da Serra; Spt. Lamego c. Spt. de Gouveia, em Viseu. Todos os jogos no mesmo plano de interesse.

4.ª Série — Gin. Figueirense c. Norte e Soure, na Figueira da Foz: Mirense c. Marrazes, em Mira de Aire; Gin. Alcobaça c. Naval 1.º de Maio, em Alcobaça; Nazarenos c. Marialvas, na Nazaré. Jogo «do dia», em Alcobaça.

ZONA C — *5.ª Série* — Vilafranquense c. Benavente, em Vila Franca de Xira; Torres Novas c. Sacavenense, no Entroncamento; «Os Leões»-Alhandra, em Santarém; Tramagal c. Coruchense, no Tramagal. Nenhum dos jogos oferece especial interesse.

6.ª Série — Seixal c. Sesimbra, no Seixal; Moitense c. Cova da Piedade, na Moita; Casa Pia c. Olivais, em «Pina Manique»; Luso c. Sintrense, no Barreiro. Dê-se preferência ao desafio do Seixal.

ZONA D — *7.ª Série* — Calipolense c. Portalegrense, em Vila Viçosa; União Sport c. «O Elvas», em Montemor-o-Novo; S. C. Estrela c. Campomaiorense, em Portalegre; S. L. Évora c. Estrela F. C., em Évora. Deslocação difícil para o Elvas.

8.ª Série — Aljustralense c. S. Brás, em Aljustrel; S. Dominbos c. Ferreirense, em S. Domingos; Sambrazense c. Silves, em S. Brás de Alportel; Despertar c. Louletano, em Beja. Nenhum desafio se sobrepõe declaramente aos outros em expectativa.

AUTOMOBILISMO

Um bom treino de Moss

SIRACUSA, 19. — O famoso volante britanico, Stirling Moss, tripulando um «Porsche», bateu ontem, durante um treino para o «Grande Prémio de Siracusa», que se efectua hoje, o «record» da volta mais rápida do circuito, atingindo uma velocidade média de 168,3 quilómetros por hora. — (R.).

HIPOTECAS
Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.
Companhia Nacional de Crédito S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 3 — Telef. 24446
A FINANCIADORA
LISBOA

HOJE À NOITE

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional: Benfica-F. C. Porto, em S. Bento, ás 22 e 30 horas; Barreirense-Vasco da Gama, no Barreiro, ás 21 horas; Académica-Sporting e Ginásio Figueirense-Belenenses, em Coimbra e na Figueira da Foz, respectivamente, ás 21 e 30 horas.

FESTIVAL — O Glória Atlético Clube leva a efeito, ás 20,30 horas, no rinque do Campo de Ourique, um festival de handebol de sete com o seguinte programa:

Sporting (B)-Glória (B), Belenenses-Almada e Benfica-Glória, para disputa das taças «José Luís Frazão», «Dr. Santos Freitas» e «António Baptista da Fonseca.

GINÁSTICA — Sarau do Ginásio Clube Português, ás 21 e 30 horas, no Coliseu dos Recreios.

HANDEBOL — Campeonato Nacional, na variante de sete: F. C. Porto-Galitos, Académica-Universitário (Porto) e Naval (Setubal)-Sporting, ás 22 e 30 horas.

«Regional» da 1.ª Divisão. No recinto da Madre de Deus, das 20 e 45 horas em diante: Amoreiras-Hóquei, Ginásio do Sul (Cacilhas)-Lisboa Ginásio e Liberdade (Mutela)-Oriental.

VOLEIBOL — Ás 20 e 30, reune-se em sessão extraordinária o Congresso da Federação.

Notícias de futebol

- Os novos corpos gerentes da Federação Portuguesa de Futebol, recentemente eleitos, são empossados no próximo dia 26.
- O sr. dr. Catarino Nunes foi nomeado pela comissão administrativa da F. P. F. como inquiridor de um processo em que se pretendem apurar responsabilidades sobre determinadas declarações publicas prestadas por jogadores do Atlético.
- Carlos Carvalho, seleccionador nacional de juniores, assistiu hoje, em Madrid, ao encontro Espanha-Itália, entre equipas juvenis.
- A gerência do Sporting acusou um saldo positivo de 113.634$93.
- O árbitro Hermínio Soares desligou-se do trio que formava com Joaquim Campos e Eduardo Gouveia, passando a emparceirar com Viriato Maximiano e Henrique Silva.
- O Fluminense jogará com o Sporting, no próximo dia 21 de Abril, no Estádio Alvalade.
- O sr. dr. Teixeira Pinto substitui o sr. dr. Rogério Tavares no Conselho de Contas da Federação.
- A selecção de juniores segue de avião para Viena de Áustria, em 14 de Abril.
- A comissão administrativa do F. C. do Porto deve ser empossado em 28 ou 29 do corrente. Constituem-na os srs. drs. Angelo César, José Maria do Nascimento Cordeiro, Vítor Guilhar, José Clemente Tavares da Rocha, Aníbal Abreu e drs. Joaquim Calém e Joaquim Moreira da Costa.
- O dr. Décio de Freitas vai dirigir um curso de árbitros em Angra do Heroismo.
- Juan Seminário sofreu anteontem uma distensão muscular na perna direita pelo que deve repousar durante uns 20 dias.

O sarau do Ginásio Clube

efectua-se esta noite

O Coliseu dos Recreios vai ser decerto pequeno para albergar todos aqueles que dedicam aos problemas da educação física um interesse especial.

O sarau do Ginásio Clube, conforme é tradicional, costuma proporcionar uma demonstração eloquente da importancia da prestigiosa colectividade no panorama da ginástica nacional, ao mesmo tempo que afirma a perseverança de uma instituição que inaugura as comemorações do seu 85.º aniversário.

O programa, cujo início está marcado para as 21,30 horas, é o seguinte:

1 parte — I — Desfile de todos os participantes; II — Classe educativa; III — Classe educativa; IV — Classe de pré-aplicada feminina; V — Classe educativa de senhoras; VI — Classe de danças clássicas; VII — Classe de aplicada; VIII — Classe de pré-aplicada feminina e masculina e de aplicada masculina.

II parte— I —Voos «á Leotard»; II — Classe de aplicada; III — Classe de pré-aplicada feminina; IV — Demonstração de esgrima; V — Classe de danças clássicas; VI — Classe de aplicada; VII — Classe de pré-aplicada feminina; VIII — Classe educativa de homens; IX — Saltos em mesa alemã.

Digna-se assistir ao sarau o Chefe do Estado.

Várias provas de amanhã

ATLETISMO — Principia no Estádio Nacional, ás 10 horas, o «Torneio da Primavera» — segunda prova de pista da época, da Associação de Lisboa.

ACTOS DE POSSE — Dos novos dirigentes do C. I. F., nas Telheiras, ás 10 h.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão — Figueirense-Sporting (na Figueira da Foz, ás 21,30 horas); Académica-Belenenses (em Coimbra, ás 21 e 30 horas); Barreirense-Porto (no Barreiro, ás 17 e 30 horas) e Benfica-Vasco da Gama (no Pavilhão dos Desportos, ás 22 horas); Campeonato Nacional da 3.ª Divisão — C. U. F.-Combatentes (ás 21 horas); Sporting de Torres-Boa Hora (ás 11 horas); Mundet-Moscavide (ás 10 horas); Seixal-Rio Seco (ás 11 horas); Cruz Quebrada-Internacional (ás 10 horas); Luso do Barreiro-Carnide (ás 10 horas); Universitário-Avila (ás 10 horas); Ateneu-Arroios (ás 10 horas) e Almada-Casa Pia (ás 10 horas), nos campos dos primeiros; Campeonato Nacional (feminino) — Académica-Educação Física do Norte, em Coimbra, ás 18 horas, Campeonato Regional de Juniores e Infantis — Sporting A-Atlético, no campo do primeiro, a partir das 9,30 horas; Taça «Camara Municipal de Lisboa» — Rio Seco-Queluz, no campo do primeiro, ás 10 horas.

CICLISMO — 3.ª Grande Prova de Infeiação nas capitais dos distritos. Em Lisboa, partida de Alvalade ás 9 horas; prova de 100 km. para amadores-juniores, organizada pelo Sporting, com partida de Alvalade ás 9 horas.

DESPORTO CORPORATIVO — Continuação do Campeonato de Futebol da F. N. A. T., com os desafios: C. Telefones c. Comp. Carris, F. C. Regina c. Fábrica Simões e Covina c. Amadeu Gaudêncio — no campo da C. dos Telefones, ás 9, 11 e 13 horas.

HANDEBOL DE SETE — Campeonato de Lisboa de Juniores — Sporting-Universitário, Liberdade-Sporting A, Almada-Monte Pedral e Avila-Benfica, no Ateneu da Madre de Deus, a partir das 9 horas.

HOQUEI EM CAMPO — Campeonato de Lisboa (primeira categoria) — Atlético-Hoquei, Benfica-Belenenses e Palmense-F. Benfica, nos campos dos primeiros, sendo o ultimo ás 9 horas e os outros dois ás 10,30 horas; Campeonato de Lisboa (reserva) — Benfica-Belenenses, no campo do primeiro, ás 9 horas.

HOQUEI EM PATINS — Torneio de abertura — Parede-Benfica, Paço de Arcos-Sporting, C. U. F.-Campo de Ourique e Vila-franquense-Sintra, nos campos dos primeiros, a horas a indicar.

PESOS E HALTERES — No Ginásio Clube Português, ás 16 horas — Campeonatos de Lisboa de Juniores de levantamentos de peso.

RAGUEBI — Campeonato Nacional (primeira categoria) — C. D. U. L.-Benfica e Direito-Agronomia, respectivamente no estádio universitário, ás 11 horas e no Campo Grande ás 9 horas; Campeonato Nacional (reserva).

TENIS DE MESA — Campeonato Regional de Infantis, ás 10 horas.

TIRO A CHUMBO — Torneio do C. P. T. C., no «stand» do Lumiar, a partir das 14 horas.

VELA — Regata para «Finns» (preparação olímpica), em frente de Belém, ás 10.30 horas.

Desporto Universitário

No ginásio da Faculdade de Ciências, disputou-se mais um encontro da 1.ª jornada do «Regional» de basquetebol entre as equipas de Agronomia e I. N. E. F. B. Triunfou fácilmente a primeira pelo expressivo resultado de 58-18.

TÉNIS DE MESA: Realizou-se ontem na C. O. C. R. U. L. o sorteio dos jogadores inscritos no Campeonato Individual de Ténis de Mesa. O numero de inscrições foi elevado — 53.

Nove Escolas Superiores estão representadas. Por este motivo foi necessário organizar um esquema de distribuição dos concorrentes que ficou constituído por cinco séries de três e quatro grupos.

A 1.ª jornada da competição realiza-se na próxima 4.ª-feira, dia 23.

FUTEBOL DE SALÃO: Na sua ultima reunião, a comissão organizadora dos campeonatos procedeu ao sorteio das equipas concorrentes ao campeonato de futebol de salão, que pela primeira vez se realizará.

O numero de inscrições foi elevado — 17 — e a distribuição dos grupos por séries ficou como segue:

Série 1 — Técnico B, Belas-Artes A, Ciências A, Direito A, Medicina e I. N. E. F.

Série 2 — Ciências B, Económicas B, Belas-Artes B, Veterinária A, Farmácia e Ultramarinos.

Série 3 — Direito B, Veterinária B, Técnico A, Económicas A e Agronomia.

Esta prova, cuja organização era aguardada com muito interesse, iniciar-se-á já na próxima semana, provávelmente na 4.ª-feira.

COLÓQUIO: A fim de serem apresentados a discussão alguns problemas importantes do desporto universitário, regional e nacional, realizou-se, ontem, na Associação de Estudantes do Técnico, um colóquio promovido pelo Centro Desportivo Universitário de Lisboa.

B. L.

O PORTO pelo telefone

Um caso grave

PORTO, 19 — Encontra-se há ja alguns dias, detido para averiguações um individuo de profissão liberal, residente em Gaia, no lugar conhecido pela designação de Fonte dos Arrependidos, o qual é acusado, por uma senhora recentemente internada num hospital desta cidade, de lhe ter causado voluntáriamente elevado prejuízo, apropriando-se de uma grande parte dos seus importantes bens. Parece que o arguido alega ter recebido os referidos bens por doação verbal. O caso pela gravidade de que é revestido, está a ser convenientemente investigado sob o mais absoluto sigilio.

Roubo de vinte contos

Na Praça da Batalha foi preso pela P. S. P. o empregado comercial Joaquim Ribeiro Leite, residente na Rua Caetano Melo, em Oliveira do Douro, por ter roubado ao seu patrão, o mestre de obras sr. Joaquim Gonçalves a importancia de vinte contos.

Desastre no trabalho

Recolheu ao Hospital de Santo António, onde foi operado de urgência, o operário Julio da Silva Neves, que aparenta 30 anos e que sofreu ferida extensa na face e fractura de ossos por ter sido apanhado pelas garras de uma escavadora quando trabalhava na firma Ferreira dos Santos, nos Carvalhos.

Falecimento

Na sua residência, Rua Feliciano de Castilho, 285, faleceu a sr.ª D. Elaine Hudson Johnston, de 78 anos, casada, natural de Georgia Town (Africa do Sul).

O funeral a cargo do armador Alberto Xavier, efectua-se amanhã, ás 10 e 30, no cemitério britanico.

CARTAZ DO PORTO

NUN'ALVARES — As 21 e 30 — a peça «Quanto importa ser leal» pelo T. E. P.
SA DA BANDEIRA — As 21 e 30 — «Lua de mel».
AGUIA DE OURO — A's 21 e 45 — A revista «Quem sabe, sabe...».
RIVOLI — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Profissão perigosa».
SÃO JOÃO — As 15 e 30 e 21 e 45 — «Anatomia de um crime».
BATALHA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O Mundo, a carne e o demónio».
TRINDADE — As 15 e 30 e as 21 e 30 — «As Grandes Famílias».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «Baionetas de aço».
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O Sobe e Desce».
JULIO DINIS — As 21 e 30 — «Babette vai á guerra».
COLISEU — A's 21 e 30 — «Jovens solteiras».

Râguebi

O St. John's College da Universidade de Cambridge joga amanhã com o C. D. U. L.

A convite do C. D. U. L. encontra-se desde quarta-feira, no nosso País, a equipa de raguebi do St. John's College da Universidade de Cambridge. Trata-se de um dos mais fortes conjuntos de colégios ingleses, composto por jogadores de magnífica categoria que exibem um raguebi de elevado recorte técnico.

O St. John's College jogou anteontem em Coimbra com a Associação Académica. Depois de uma exibição memorável que entusiasmou a numerosa assistência, que acorreu ao Estádio Municipal, os estudantes ingleses acabaram por ganhar, por 48-0.

E' esta excelente equipa, porventura uma das mais fortes que tem passado por Portugal, que amanhã vai defrontar o «quinze» do C. D. U. L.

Cómo é natural, este encontro está a despertar grande interesse, prevendo-se que os estudantes lisboetas ofereçam boa réplica aos seus colegas de Cambridge, embora estes sejam francamente favoritos. Aliás, o resultado da partida assume aspecto secundário, na medida em que se pretende observar a capacidade de jogo de uma equipa de elevado nível.

O encontro começará ás 15 e 30 e realiza-se no Estádio Universitário.

ELNA

MÁQUINAS DE COSTURA
portáteis, bonitas e baratas
Reparações:
Largo da Trindade, n.º 17
LISBOA

O intercâmbio cultural luso-americano vai ser intensificado

O ministro dos Negócios Estrangeiros e o embaixador dos Estados Unidos da América do Norte assinaram, ao meio-dia, no Palácio das Necessidades, e na presença do titular da pasta da Educação Nacional, um acordo de intercambio cultural luso-americano, relativo a programas de educação.

O novo tratado prevê a criação de uma comissão de trocas académicas entre os dopis países, constituída por quatro membros norte-americanos e quatro portugueses, sendo presidente honorário o embaixador dos Estados Unidos em Lisboa. O programa, que tem validade indeterminada, inclui o financiaamento de bolsas de estudo, investigação e outras actividades educativas de cidadãos de cada uma das nações em escolas e institutos de ensino superior. Enquadra-se no Programa Fulbright, posto em vigor pela lei norte-americana de 1 de Agosto de 1946, segundo proposta do senador J. William Fulbright Jr., do Estado de Arkansas, e foi ampliado pela lei de comércio agrícola, instituídas naquele país em 1954.

Assistiram, também, á assinatura do tratado, pelos Estados Unidos, os srs. Goodyear, conselheiro Xanthaky, 1.º secretário, Mac Ardle, adido de Imprensa e para os assuntos culturais, e dr. Horton, adido cultural; e por Portugal, os srs. prof. Cordeiro Ramos, presidente do Instituto de Alta Cultura, drs. Norton de Matos, director-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Franco Nogueira, director-geral dos Negócios Políticos, Medeiros Gouveia, secretário daquele instituto, Silva Passos, do Ministério da Educação, Almeida Coutinho, chefe da repartição dos Negócios Políticos, e Silva Marques, dos serviços de Imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Depois de assinados os documentos, os srs. dr. Marcello Mathias e Charles Burke Elbrick trocaram breves palavras de saudação, manifestando o seu prazer pelo novo tratado que une mais ainda os dois países amigos.

Diário da OUTRA BANDA

Instalações da N.A.T.O.

no concelho do Seixal

O conselho de ministros declarou de utilidade publica a expropriação, de carácter muito urgente, dos terrenos situados no concelho do Seixal e necessários para a construção das instalações de armazém e manutenção do depósito de munições da N. A. T. O.

Esses terrenos, pertencem á Casa Palmela, no sítio do Marco do Grilo, e a Maria Benedita de Almeida Lima Quintela, Maria Georgina de Almeida Lima, Caetano de Almeida Lima e Luís de Almeida Lima.

250 PESSOAS

a bordo de um barco encalhado no Seixal, por motivo do nevoeiro

A convite da empresa do Teatro Monumental, vieram a Lisboa cerca de 250 pessoas do Seixal, assistir ontem á noite, á representação da peça que ali está em cena, «Margarida da Rua». Vieram no barco «Norte Expresso», mas quando cerca da uma hora da madrugada, regressavam áquela vila, em consequência do nevoeiro, o barco encalhou á entrada da cala daquela localidade, pelo que os possageiros tiveram de ficar a bordo por largo tempo.

Bombeiros Voluntários

de Almada

A assembleia geral da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Almada foi convocada para o próximo dia 21, ás 20 horas. Na reunião serão apreciados o relatório e as contas da direcção de 1959.

Cnclusão da obra

de urbanização do Barreiro

Foi prorrogado até 31 de Dezembro do ano corrente o prazo fixado á Camara Municipal do Barreiro para conclusão da obra de urbanização e ajardinamento do terrapleno marginal a norte de vila do Barreiro (troço principal).

No hospital de Almada

Acidente de viação

Quando conduzia um automóvel da Companhia Singer, o motorista Carlos Neves Baptista, de 28 anos, solteiro, residente na Rua Direita do Pragal, 10, cave, pouco antes de chegar á Cova da Piedade, notou que os travões do carro não funcionavam, pelo que resolveu embater com ele na parede de um prédio. Apercebendo-se das consequências do embate levou as mãos á cara para a proteger, conseguindo assim ficar apenas ferido nas mãos. Transportado ao Hospital de Almada, onde recebeu os primeiros curativos, seguiu para a sala de observações do Hospital de S. José.

Cuidado com as crianças

Pedro Bonança, de 14 meses, filho de António Candido Duarte e Isabel Rodrigues, residente na Estrada das Barrocas, 35, 2.º, Cova da Piedade, ficou entalado numa porta, fracturando o dedo polegar da mão direita; e António Manuel Bonifácio Ramos, de 5 anos, Rua Nova da Quinta da Alegria, lote 4, 1.º, Almada, encontrou na rua um pedaço de vidro com o qual começou a brincar, acabando por fazer um golpe profundo na mão esquerda. Ambos receberam curativo no Hospital de Almada.

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Nunes* — Largo Coronel Ramos Costa, 10. Tel. 034137.

ALMADA — *Farmácia Castro Rodrigues* — Rua Capitão Leitão, 121. Tel. 070076.

BARREIRO — *Moderna* — Rua D. Maria H. Gomes Araujo. Tel. 023443.

COVA DA PIEDADE — *Cerqueira* — Praça 5 de Outubro 1910, 18. Tel. 070254.

MOITA — *União Moitense* — Praça da Republica.

MONTIJO — *Geraldes, Lda.* — Avenida Almirante Reis, 45. Tel. 030035.

SEIXAL — *M. C. Godinho* — Largo da Igreja, 51. Tel. 021580.

SESIMBRA — *Leão* — Rua da Republica, 51. Tel. 029025.

SETUBAL — *Marques* — Rua Arronches Junqueiro, 109 a 111. Tel. 22972.

Cinemas

COVA DA PIEDADE — *Recreativo Piedense* — A's 21 e 15: «Um moreno audacioso» e «As aventuras de Fan-Fan La Tulipe».

MONTIJO — *Cinema-Teatro Joaquim de Almeida* — A's 21 «Feitiço ardente» e «Pintores e raparigas». (17 anos).

BARREIRO — *Cinema-Ginásio C. U. F.* — A's 20 e 45: «Sinfonia Dourada com o grande inimigo». (12 anos).

PORTO BRANDÃO — *Cinema* — A's 21 e 15: «A dois passos da Forca» (17 anos).

Praia do Sol - Costa de Caparica

Magnifica para a saude de crianças e adolescentes
Explêndidos serviços na
PENSÃO CAPA RICA — CAFÉ CHIC
e Restaurante Carolina do Aires

Este beijo foi o mais expressivo desmentido dos boatos sobre o desentendimento de um casal famoso: ao regressar da América, Lollobrigida foi afectuosamente recebida pelo marido, o dr. Milko Skofic, mostrando ambos a melhor disposição para prosseguirem a sua vida conjugal

Teve de «mergulhar»

para não chocar

com dois «jactos» militares

ST. PAUL (Minnesota), 19 — Um «Boeing» da Northwest Airlines, com setenta e três passageiros e tripulantes, teve de fazer uma descida brusca, quando sobrevoava Lansing (Michigan), para evitar chocar com dois aviões militares a jacto — segundo informam os funcionários de viação.

O «Boeing» voava a cerca de cinco mil metros de altura quando teve de fazer o «mergulho» salvador. A descida brusca do aparelho ocasionou ligeiros ferimentos em alguns passageiros e numa hospedeira. — (A. N. I.).

ESTÃO JÁ À VENDA AS NOVAS EDIÇÕES DAS OBRAS DE

CARYL CHESSMAN

2.ª EDIÇÃO

CONDENADO EM NOME DA LEI

O drama de um condenado á morte

35$00

4.ª-5.ª EDIÇÃO

2455 — CELA DA MORTE

Onze anos a lutar contra uma sentença terrível

35$00

E DEPOIS DE 21 DE MARÇO:

A FACE DA JUSTIÇA

Um homem que defende a sua vida

35$00

●

À venda em todas as livrarias

●

Atendem-se pedidos pelo correio, á cobrança

●

ESTAS OBRAS ESTÃO PUBLICADAS NA «COLECÇÃO SÉCULO XX» — A COLECÇÃO DOS GRANDES ÊXITOS EDITORIAIS

Publicações Europa - América

Rua das Flores, 45 ● Lisboa-2

Envia-se o catálogo geral a quem o solicitar

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

Rua da Prata, 257

JÓIAS ANTIGAS

GRANDE VARIEDADE

OURIVESARIA PIMENTA

Rua Augusta, 253 — Tel. 24564

A tarde de sábado livre

é a justa aspiração de vinte e cinco mil empregados de escritório

Tal como acontece em quase todos os países estrangeiros, os empregados no comércio lisboeta pretendem ter, também, o seu «fim-de-semana». Isto é: ter livre, pelo menos durante a época estival, a tarde de sábado.

Trata-se de uma antiga e sempre latente aspiração dos laboriosos funcionários comerciais, cujo numero ascende, na capital, a mais de 25 mil. Já há alguns anos se fizeram diligências nesse sentido, chegando a haver a aquiescência quase total das entidades patronais. Todavia, não se verificou uma decisão consentanea com os desejos dos pretendentes, visto ter sido unicamente aventada a hipótese de regime facultativo.

Agora, porém, está em formação um novo movimento, robustecido, que, dentro dos tramites legais, e com vantagens para os interesses colectivos, do publico e dos comerciantes, tem por objectivo a conquista de justas reinvidicações pelos simpáticos empregados comerciais lisboetas.

Para isso, criou-se uma comissão constituida por 25 representantes de diferentes ramos do comércio, empregados em importantes casas da capital, devidamente sancionada pelo Sindicato Nacional dos Caixeiros do Distrito de Lisboa, que nomeou o sr. Clarimundo Fernando da Costa Adão para seu delegado.

Formam essa comissão os srs. Julio Gomes Pacheco, representante do ramo de tecidos; Orlando da Gama Antunes, camisaria; Henrique Rego Alves, alfaiataria, os três pioneiros do movimento; Augusto da Silva Santos, sapataria; Mário Alberto Chagas Valadas, artigos fotográficos; António Pereira Cardigos, ourivesaria; Gonçalo Pereira de Araujo Camisão, retrosaria; Fernando Gomes da Silva, alfaiataria; Vítor Manuel da Mata Cunha, discos: Avelino Vasques Alvarez, drogaria e perfumaria; Joaquim de Almeida Ribeiro, papelarias; Serafim Henriques, tapeçarias; Orlando Pinto Mouril, louças e vidros; Viriato Ferreira Castilho, artigos eléctricos; José da Luz Pereira Brás, artigos religiosos; Carlos Nepomuceno Temudo, aprestos marítimos; José Candido dos Santos, artigos de desporto, José João Soares da Silva, algodões; Fernando Garranha, instrumentos de óptica; Manuel António Pinhão, vestuário de senhoras; Armando Herculano Costa, artigos de viagem e peles; Manuel Francisco Faísca, chapelaria; Américo da Assunção Cruz, ferros e metais; Joaquim da Venda Faria, brinquedos e quinquilharias; e Luciano Freitas Correia, solas e cabedais.

Esta comissão tem, naturalmente, o apoio de todos os colegas e até já de grande numero de entidades patronais, manifestada oficialmente através dos respectivos grémios.

Fechar todos os dias às 19 e 30 e ao sábado às 13 horas

Como disposições imediatas, os caixeiros lisboetas pretendem trabalhar diáriamente, de segunda a sexta-feira, mais meia-hora, isto é, fechar ás 19 e 30, e dispor da tarde de sábado para dedicá-la á família e poder contar também com o direito de desfrutar dos benefícios da natureza, tão magnanima nos meses de Verão, o que, na verdade, lhes estimularia o rendimento de trabalho, pela boa disposição que tal vantagem proporciona. Esta inovação seria, por certo, de grandes benefícios para todo o publico, particularmente para os funcionários que saem ás 18 e 18 e 30 e que passariam a dispor de mais meia-hora para fazer as suas compras. Por outro lado, o facto dos estabelecimentos encerrarem, seria, por si só, motivo para que muitas pessoas decidissem também aproveitar a liberdade do sábado á tarde para seu repouso e diversão.

Este problema já foi estudado em muitos outros países, que o resolveram da maneira mais sensata, de acordo com as pretensões dos empregados lisboetas.

Enquanto o movimento se reforça por contínuas adesões, aguarda-se uma importante reunião dos representantes das entidades patronais de todos os ramos filiados na União dos Grémios de Lojistas de Lisboa, a qual se deverá realizar em princípios de Abril, para que o assunto venha a ter a indispensável oficialização junto do Ministério das Corporações.

As obras da Avenida

junto da estação do Metropolitano

Em ritmo acelerado, estão a decorrer as obras de reparação da abertura verificada na Avenida da Liberdade, na direcção da estação do Metropolitano.

Vários operários trabalhavam esta manhã no local que foi vedado ao publico e onde em breve surgirão passagens subterraneas para peões.

António Vieira Pinto

Por alma do nosso querido e saudoso amigo sr. António Vieira Pinto, no 33.º aniversário da sua morte, mandou o conselho de administração da Renascença Gráfica celebrar missa, hoje, na basílica dos Mártires. Assistiram, além do sr. dr. João Ruela Ramos, que representava também o sr. dr. João de Barros, pessoas da família, representantes da redacção e de todas as secções do «Diário de Lisboa» e do Banco Pinto & Sotto Mayor.

Valioso donativo

da empresa Estoril-Sol para os pobres do «Diário de Lisboa»

O sr. Teodoro dos Santos, empreendedor e dinamico administrador-delegado da empresa Estoril-Sol, a quem se deve a notável iniciativa, de larga e benéfica repercussão para o turismo nacional, do Carnaval naquela famosa estancia, que custou milhares de contos, embora sem a justa compreensão, enviou-nos, com expressivos agradecimentos pela colaboração do «Diário de Lisboa», a importancia de 5.000$00, destinada aos nossos pobres.

Os nossos melhores agradecimentos pelas deferências para connosco e, especialmente, pelo valioso donativo.

PÁSCOA EM ROMA

Aproveite as Férias da Páscoa visitando Madrid, Barcelona, Nice, Florença, Roma, Nápoles, etc. e uma agradável viagem por mar, por pouco mais de

300$00 por dia

CARAIBAS E ESTADOS UNIDOS

Algo de novo para os seus sentidos... Vigo, Funchal, Tenerife, Caracas, Curaçau, Havana, Miami, Nova York...

Partida de Lisboa em 19 de Maio e regresso em 11 de Junho.

A partir de Esc. 20.000$00

Serviços de Turismo da

SOC. COM. OREY ANTUNES & CIA. LDA.

4, Pr. Duque da Terceira

T. 29346 — LISBOA

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco de Leste, o céu estava pouco nublado e havia nevoeiros por acção duma massa de ar transportada na circulação dum anticiclone centrado sob a Escandinávia.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS: Porto, 13°; Coimbra, Portalegre e Sagres, 15°; Lisboa, 11°; Faro, 16° e Funchal, 17°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 16°; na água do mar, 14°,1.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 23°,1; mínima, 10°,5. No mesmo dia do ano passado: máxima, 20°,3; mínima, 12°,3.

PREVISÃO ATÉ ÀS 9 HORAS (T. M. G. DE AMANHÃ — Céu geralmente pouco nublado, vento fraco e, nevoeiros matinais.

UMA NINHADA

de 61 leitões!

HONG-KONG, 19 — Uma porca de três anos, de uma herdade da província de Shantung, na parte Oriental da China, deu á luz uma ninhada de 61 leitões — segundo informou hoje a Agência Nova China.

Os leitões, que estão todos vivos, pesavam ao nascer um total de 40 quilos. — (R.).

Um leito... no concurso da R...

Outros houve qu... o concurso «Quem perde», da Rádio... guesa, centenas d... tados dos jornais... o País, mas não os... alguns submeteram... provas televisadas...

No «écran» dos telev... lê, no boletim rec...

Artur Agostinho e ... puderam receber v... mas só um entre ...

...que faz

...rviço Meteoro-

...AL ÀS 9 HO-
...HOJE — Em
...o vento era
...estava pouco
...nevoeiros, por
...le ar transpor-
...um anticiclone
...ndinávia.
...ÀS 9 HO-
...oimbra, Porta-
...Lisboa, 11°;
...17°.
OBSERVA-
...NA COSTA
...fera, 16°; na

EXTREMAS
...E EM LIS-
...ORAS: máxi-
...0°,5. No mes-
...ndo: máxima,

...ÀS 9 HORAS
...ANHÃ — Céu
...ublado, vento
...atinais.

...ADA

...leitões!

— Uma porca
...a herdade da
...ng, na parte
...eu á luz uma
...s — segundo
...gência Nova

...o todos vivos,
...m total de 40

Um leitor do "Diário de Lisboa"

premiado com um automóvel no concurso "Quem tudo quer, tudo perde"

da Radiotelevisão Portuguesa

ao qual concorreu com um boletim publicado no nosso jornal

Outros houve que enviaram para o concurso «Quem tudo quer, tudo perde», da Rádiotelevisão Portuguesa, centenas de boletins recortados dos jornais diários de todo o País, mas não os bafejou a sorte; alguns submeteram-se ás animadas provas televisadas dirigidas por

No «écran» dos telereceptores reproduziu-se a imagem da sorte: Artur Agostinho lê, no boletim recortado do «Diário de Lisboa», o nome do feliz premiado

Artur Agostinho e Gina Esteves e puderam receber valiosos prémios; mas só um entre mais de 800.000 concorrentes, teve a fortuna de receber, sem o mais pequeno esforço, um automóvel N S U, avaliado em

O feliz leitor do «Diário de Lisboa» sr. José Jorge Baptista Mendes, premiado com um automóvel no concurso «Quem tudo quer, tudo perde», da R. T. P.

mais de 50 contos. E esse, o sr. José Jorge Baptista Mendes, morador na Rua D. Carlos Mascarenhas, 104, 2.º Dto., é um leitor assíduo do «Diário de Lisboa» e ganhou o seu prémio graças a um boletim de inscrição recortado do nosso jornal de 16 de Janeiro.

O sr. José Jorge Baptista Fernandes, que conta 50 anos e é empregado de escritório da Companhia Portuguesa de Petróleos B. P., estava ontem, como de costume, a ver, com a sua família, a emissão da R. T. P. e a assistir com uma certa excitação á derradeira fase do concurso «Quem tudo quer, tudo perde», que se lhe antevia como uma ultima possibilidade de ganhar alguma coisa. Não fora um dos sessenta concorrentes chamados a participar no jogo de adivinhas das 12 semanas do concurso, e só lhe restava, agora, a possibilidade de ver o seu boletim escolhido pela sorte entre os 800.000 que enchiam aquele enorme caldeirão. Quando uma das assistentes da R. T. P.,

(Continua na 13.ª página)

A princesa Margarida

opôs-se à transmissão pela TV da cerimónia do seu casamento

(Continuação da 1.ª página)

concordado com a transmissão pela televisão do casamento de Margarida com Anthony Armstrong-Jones, mas a princesa opôs-se terminantemente.

Entretanto, faltando ainda sete semanas para o casamento, que se realiza em 6 de Maio, centenas de sugestões para locais onde gozar a lua-de-mel foram recebidas já no palácio de Buckingham.

As ideias quanto á lua-de-mel — tanto oficiais como não oficiais — têm estado a ser recebidas aliás, desde a surpresa da comunicação do noivado, em 26 de Fevereiro. Todos, segundo parece, pretendem ser anfitriões da princesa e do antigo fotógrafo de sociedade. Romanticos de todo o Mundo estão a sonhar com locais idílicos para a lua-de-mel, onde a princesa possa sentir-se feliz, livre de todas as preocupações.

Desde que Margarida cancelou todos os compromissos para a segunda quinzena de Maio e para o mês de Junho, julga-se que os noivos pensam numa lua-de-mel que durará quase oito semanas. A princesa não deve cumprir o seu primeiro compromisso publico, como uma senhora casada, senão em 9 de Julho, quando assistir em York a uma festa dos cadetes de St. John Ambulance. Haveria, assim, bastante tempo para um cruzeiro ou para uma visita de avião á Austrália, Nova Zelandia, Africa do Sul, Canadá, Estados Unidos ou Indias Ocidentais.

Tem-se sugerido que a rainha Isabel poderia ceder o iate real «Britannia» para a lua-de-mel, mas a princesa Margarida não é muito inclinada ás coisas do mar.

Uma notícia indica que os noivos gozariam a lua-de-mel em Florença, passando, pelo menos, duas semanas na residência florentina da princesa Olga da Jugoslávia, tia de Margarida. Uma lua-de-mel na Europa parece, porém, estar posta de parte, devido á impossibilidade do casal se esconder dos fotógrafos, jornalistas e curiosos.

O primeiro-ministro da Nova Zelandia, Walter Nash, convidou já o casal a visitar a sua pátria, imediatamente após o casamento. A Africa do Sul apresentou a sua oferta para uma lua-de-mel na costa sul do Natal, perpetuamente banhada pelo Sol, enquanto a velha rivalidade entre o Leste e o Oeste do Canadá se tornou mais acentuada com dirigentes cívicos do Ontário e da Colômbia Britanica a tentar atraír os noivos. O Ontário pode oferecer as cataratas do Niagara, que há muito estão ligadas com casais em lua-de-mel.

Um jornal de Vancouver sugeriu que os noivos poderiam passar a lua-de-mel na ilha de Portland — uma pequena ilha paradisíaca no Estreito da Geórgia, ao largo da costa ocidental da Columbia Britanica, que foi oferecida á princesa em 1958 pelo Governo da Columbia Britanica. A princesa Margarida passou alguns dias na ilha, perto de Vancouver, durante a sua visita ao Canadá, em 1958, e descansou numa mansão sobranceira ao mar.

As Bermudas foram outro local indicado para a lua-de-mel.

O pai de Anthony Armstrong-Jones regressou recentemente daquela ilha das Caraíbas, onde gozou a lua-de-mel com sua terceira esposa.

Mais perto da pátria, a Escócia e a Republica irlandesa são mencionadas como locais ideais para a lua-de-mel.

Se a princesa e Armstrong-Jones desejam uma lua-de-mel sossegada, longe das multidões curiosas, de máquinas fotográficas e de «intrusos», então o castelo de Balmoral na Escócia seria o sítio apropriado. Balmoral, situado no coração da parte mais bela da Escócia, é a residência favorita da familia real britanica e um dos seus retiros mais escolhidos.—(R. e A.N.I.).

Tomou posse

de juiz do Supremo Tribunal Militar

o almirante Noronha Andrade

No Supremo Tribunal Militar, efectuou-se esta tarde a cerimónia da posse do novo juiz daquele tribunal, sr. almirante Noronha Andrade. Presidou o sr. general Frederico Lopes da Silva, que, em breves palavras, saudou o empossado, de quem fez o elogio. Usou a seguir da palavra o sr. almirante Luís Noronha Andrade, que agradeceu as referências ao presidente e saudou os componentes do tribunal. Evocou depois a memória do seu falecido pai, conselheiro Sousa Andrade, que foi presidente e conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, concluindo por afirmar que tudo faria para corresponder á honra da escolha.

Prof. Orlando Ribeiro

No Instituto Superior Técnico, promovido pela Faculdade de Letras de Lisboa, realiza-se hoje um jantar de homenagem ao sr. prof. dr. Orlando Ribeiro, antigo director daquela Faculdade, no qual tomam parte professores e alunos.

ESPAÑA S. A. Companhia Nacional de Seguros

Agência Geral em Portugal

Rua Garrett, 17, 1.º—Telefones 25053 e 367147—LISBOA

Balanço em 31 de Dezembro de 1959

RAMO VIDA

ACTIVO

RESERVAS MATEMÁTICAS		
Resseguros cedidos		—$—
RESERVAS DE SEGUROS VENCIDOS		
Resseguros cedidos		—$—
VALORES DE EMPREGO DAS RESERVAS		
Títulos de Crédito e Numerário:		
Próprios	33.405.995$00	
De resseguradores	—$—	
Imóveis	26.781.000$00	
Empréstimos sobre apólices	14.245.065$78	
Empréstimos hipotecários	—$—	
Empréstimos sobre títulos	—$—	74.432.060$78
VALORES EM DEPÓSITO		
De vários	—$—	
De resseguradores	—$—	—$—
DEVEDORES POR VALORES EM DEPÓSITO		
Vários	—$—	
Ressegurados	—$—	—$—
IMÓVEIS		—$—
MOBILIÁRIO E MATERIAL		68.005$00
EMPRÉSTIMOS HIPOTECÁRIOS		—$—
EMPRÉSTIMOS SOBRE TÍTULOS		—$—
DEVEDORES GERAIS		
Segurados, Correspondentes e Angariadores	441.037$09	
Ressegurados	—$—	
Resseguradores	—$—	
Outros	623.781$30	1.064.818$39
COTAS PARTES DE INDEMNIZAÇÕES A RECEBER		—$—
PRÉMIOS EM COBRANÇA		
Na Agência Geral	902.294$73	
Nos Correspondentes	1.125.548$47	2.027.843$20
LETRAS A RECEBER		—$—
TÍTULOS DE CRÉDITO		11.906.637$00
DEPÓSITOS EM BANCOS		2.043.556$29
CAIXA		92.954$33
		91.635.874$99

PASSIVO

RESERVAS MATEMÁTICAS		
De seguros directos	78.950.282$00	
De resseguros aceites	—$—	78.950.282$00
RESERVAS DE SEGUROS VENCIDOS		
De seguros directos	201.118$50	
De resseguros aceites	—$—	201.118$50
CREDORES POR VALORES EM DEPÓSITO		
Vários	—$—	
Resseguradores	—$—	—$—
CREDORES GERAIS		
Segurados, Correspondentes e Angariadores	229.960$25	
Ressegurados	—$—	
Resseguradores	—$—	
Outros	233.301$05	463.261$30
INDEMNIZAÇÕES A PAGAR		
De seguros directos	1.015.612$00	
De resseguros aceites	—$—	1.015.612$00
COMISSÕES A PAGAR		170.302$95
PROVISÕES		
Para prémios em cobrança	161.862$95	
Diversas	211.196$00	373.058$95
SEDE		
Saldo anterior	5.550.537$29	
Flutuação de Valores:		
De títulos	978.684$00	
De Imóveis	3.213.066$20	4.191.750$20
Ganhos e Perdas	719.951$80	10.462.239$29
		91.635.874$99

Desenvolvimento da conta de «GANHOS E PERDAS»

DÉBITO

RESERVAS MATEMÁTICAS		
De seguros directos	7.711.855$00	
De resseguros aceites	—$—	7.711.855$00
PROVISÕES PARA PRÉMIOS EM COBRANÇA		161.862.95
AMORTIZAÇÕES		19.274$09
COMISSÕES		
De seguros directos	1.420.580$75	
De resseguros aceites	—$—	
Despesas de Aquisição	529.332$80	1.949.913$55
INDEMNIZAÇÕES		
De seguros directos:		
Do Exercício	3.209.020$50	
De Exercícios anteriores (reajustamentos)	—$—	
	3.209.020$50	
De resseguros aceites	—$—	3.209.020$50
ENCARGOS DE RESSEGUROS CEDIDOS		
Prémios	—$—	
Juros	—$—	—$—
DESPESAS GERAIS		
Administração	1.560.438$20	
Impostos	1.008.208$40	2.568.646$60
ENCARGOS DIVERSOS		479.500$00
Saldo		719.951$80
		16.820.024$49

CRÉDITO

RESERVAS MATEMÁTICAS		
De resseguros cedidos		—$—
PRÉMIOS E SEUS ADICIONAIS		
De seguros directos	13.583.333$99	
De resseguros aceites	—$—	13.583.333$99
RECEITA DE RESSEGUROS CEDIDOS		
Comissões	—$—	
Indemnizações	—$—	—$—
RENDIMENTOS		
Das reservas técnicas de seguros directos	2.907.366$57	
Das reservas técnicas de resseguros aceites	—$—	
Dos valores livres	302.602$38	3.209.968$95
RECEITAS DIVERSAS		26.721$55
		16.820.024$49

O CHEFE DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS,

António Augusto Moreira

Lisboa, 31 de Dezembro de 1959

O REPRESENTANTE LEGAL,

Doutor Francisco de Almeida Carmo e Cunha

FAÇA O SEU SEGURO DE VIDA NA

ESPAÑA S. A.

(a apólice perfeita)

O AMPARO DA FAMÍLIA — A PROTECÇÃO NA VELHICE E NA INVALIDEZ

Peça prospectos elucidativos aos Escritórios da Companhia ou ao Agente mais próximo da sua localidade

A Inglaterra de hoje

(Continuação da 1.ª página)

mente diverso daquele que nos envolve á superfície. A uma luz difusa e excitante, dança-se com um romantismo erótico até o dia clarear e assiste-se a um categorizado «show». Nessa noite, as vedetas foram Beryl Bryden e Noel Harrisson, filho do famoso Rex Harrisson e hábil cantor de «calypsos».

Perscrutar Londres nocturna e solitária foi uma tentação. Pouco depois das 23 horas, a infindável capital do Império Britanico fica quase deserta. Pelas ruas vagueiam só os turistas e os boémios, não muitos. Mas as montras e os monumentos estão iluminados, os pardais chilreiam, a brisa do Tamisa embriaga e um visitante sensível não resiste a embrenhar-se nos mesclados bairros da cidade, como que cumprindo uma romagem de nostalgia. Indiferente ás badaladas penetrantes do Big-Ben ecoando no silêncio daquele aglomerado heterogéneo de dez milhões de almas.

*

Palmilhámos quilómetros sem o sentirmos, até ao amanhecer, sempre atraídos por uma magia que não podemos explicar. Espiámos o fecho do Martinez, o restaurante espanhol que ficou célebre por nele ter jantado Afonso XIII, e escutámos os ritmos em surdina do «Four Hundred», o clube favorito de Margarida, duma Margarida bem diferente daquela que veio a Portugal. Pecorremos o «Soho», o inquietante bairro dos «teddys», tropeçando em garrafas vazias de «whisky» e em papéis velhos. Foi ali que, na primeira noite, vimos um polícia obrigar, discretamente, três rapazes de «blue-jeans» a desfazer um embrulho que continha um par de sapatos roubado; e que servimos de confessor a um marinheiro americano que havia despendido 30 dólares para se encontrar com uma mulher que lhe não aparecera... Através da Avenida Shaftesbury, apreciámos belas montras com saias de «tyrilene» a 370 escudos (feito o cambio), sapatos de pele de crocodilo a 2 contos e casacos para homem a 880$00; e outras com vinhos do Porto a 86$00 e da Madeira a 104$00, garrafas de «whisky» a 150$00 e de «vodka» a 114$00. Cruzámo-nos com musicos de regresso a casa e com varredores que nos davam os «bons-dias». Vimos os cartazes do «Lyric» onde se exibe «Irma la douce» (em Lisboa: «Margarida da rua»), com Elizabeth Seal e John Neville, e, na Rua Denman, o «Estoril», espécie de restaurante de terceira ordem. Olhámos as janelas, com cortinas negras, do primeiro andar do n.º 7 da Rua Wardour, onde, disse-nos um «chauffeur» de praça, raparigas universitárias se entregam a práticas suspeitas. Fica em pleno «Latin Quarter», entre clubes de «strip-tease» como o «New Show Biz», cujos espectáculos, tal como as sessões de gala da ópera, terminam sempre com o «God save the Queen», e o restaurante chinês «Tien-Tsin» e por cima de outro restaurante, o «Britannique Barbecue». A' esquina, o «Quality Inn» com «100 lugares sentados no primeiro piso».

São 5 horas. O azul maravilhoso do céu desapareceu repentinamente. Começa a cair uma cacimba enervante, mas não o suficiente para interromper a nossa excursão embebida de um fascínio eufórico incontrolável. Acordes melancólicos e langorosos atraem-nos. Vêm de um clube de «jazz», o «Ronnie Scott's», da Rua Gerrard, para o qual se desce por uma escada exterior de ferro. Um piano, um saxofone, uma guitarra eléctrica e uma bateria tocam sem pausas para um compacto grupo onde rapazes de grossas melenas se confundem com raparigas de calças. A fumarada compete com a neblina que espera lá fora os participantes naquelas maratonas sensuais de *rocks* e *calypsos*, os quais se dispersam em corridas desenfreadas nas suas «scooters» ou a pé, em requintes amorosos, pelas sórdidas artérias do bairro, iluminado ainda a gás. Neste, destaca-se um enorme anuncio luminoso, «Whisky à Gogo», e estão o Clube Romano e o «Chez Gilbert», cujos empregados, logo ao entrarem, colocam uma moeda na caixa de musica que lhes oferece um numero alucinante de Tomy Steele...

*

São 6 horas. O céu tem agora um estranho tom de violeta. A sinalizar os caixotes de lixo, nos passeios, estão ainda acesas lampadas vermelhas. Quase terminada, porém, está uma obra de reparação de esgoto que vimos iniciar-se ao cair da noite. Então, recordámos as reparações na nossa Lisboa, que sempre nos parecem intermináveis... Há ainda mulheres fáceis caminhando como náufragos, sem destino.

— Um cigarro?
— Não fumo.
— Marroquino?
— Não. Português.
— «Good Morning».
— «Good Morning...»

A' nossa volta parece haver agora uma moldura diferente. Dirigimo-nos, escravos de um espectáculo real e apaixonante, para o hotel. Uma ultima mirada pelas montras que anunciam férias em Portugal a 4.128$00 por semana; pelos bares, onde se toma boa cerveja por um «bob» («shilling»), mas não gelada, pois na Inglaterra não se serve cerveja gelada; e pelos cartazes do «Prince of Wales», com a peça «O Mundo de Suzie Wong», e do «Rialto», com o filme «A terceira voz». Compramos um «cachorro» quente e os primeiros jornais da manhã a vendedores ambulantes.

Passamos ainda por um fotógrafo tendo na montra variada exposição sobre o seu ex-colega Armstrong-Jones, inquilino do Buckingham Palace e protagonista de uma versão masculina da «Gata Borralheira». Surgem operários com suas lancheiras, mulheres de limpeza envergando grossos casacões e os distribuidores das garrafas de leite.

O céu tem a cor do chumbo. O «smog» invade a cidade. O «metro» vai voltar a funcionar. O bulício recrudesce e abafa os sons lamentosos dos gatos. Dentro de minutos toda a grandeza da imensa urbe ressurgirá em plena florescência. O trabalho vai prosseguir. A noite morreu. Novo dia nasceu, e os habitantes cumprem o seu destino de autómatos...

*

Chegámos ao hotel. Subimos ao nosso quarto. Pegámos na máquina fotográfica, e, outra vez, saímos para, pressurosamente, fixar as derradeiras imagens de uma Londres manancial de emoções que nos empolgaram. — C. F.

Durante as 24 horas do dia, os característicos guardas reais de Clarence House (o edifício claro que se vê na gravura), zelam pela segurança da rainha-mãe e da princesa Margarida

Tribunais

Julgamento de um empregado pouco escrupuloso

EVORA, 19 — Em audiência de processo correccional, presidido pelo juiz da comarca, dr. Molarinho Mendes, foi julgado no tribunal desta cidade o estofador Manuel Inácio Sardico, de 31 anos, casado, natural de Reguengos e morador em Evora, na Travessa dos Lagares, que era acusado de ter vendido, em seu proveito, vários móveis de um armazem de mobílias do sr. Marcial Martins, onde estava empregado.

O Sardico foi condenado em 7 meses de prisão, 3 dias de multa a 30$00 diários, 460$00 de indemnização ao queixoso e 500$00 de imposto de justiça.

Uma «sociedade» de dois larápios

BELMONTE, 19. — Há cerca de dois anos, constituiram-se em «sociedade» os jornaleiros Artur Seco e Constantino Maria, casados, residentes em Colmeal da Torre, deste concelho, cuja actividade principal era o roubo de tubos de cimianto e lusalite. Foram suas vítimas, diversos proprietários da região, especialmente o agente de Cimianto, nesta vila, o comerciante sr. Luciano Amaro. Os tubos roubados foram vendidos, por baixo preço, a Manuel Martins Soeiro, Manuel Quelhas, João Francisco e Joaquim Clemente, todos residentes no Colmeal da Torre.

Entretanto, o Artur Seco, sem dar conhecimento ao sócio, assaltou o redil de João Martins Canhoto, de onde furtou um borrego que serviu para set banquetear com a família, e a capoeira de Emília Corda, dali levando 13 galinhas, que vendeu por 90$00 a Jesuína de Jesus, negociante de criação, residente de Aldeia do Souto (Covilhã).

A «sociedade», sem nunca estar em francop rogresso, foi vivendo até que agora o comandante da G. N. R., 1.º cabo, sr. Manuel Dias Pires, prendeu os «sócios», apreendendo os tubos roubados e, com o respectivo processo, vai enviar os gatunos ao tribunal da comarca da Covilhã.

Vida artística

O Salão da Primavera nas Belas-Artes

Prepara-se activamente o Salão da Primavera, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, que está a despertar invulgar interesse e se inaugura em Abril.

Estão a ser distribuidos pelos sócios da Sociedade os boletins de expositores para os trabalhos a apresentar (pintura e escultura).

Os expositores que desejem concorrer á «Bolsa de Viagem José Malhoa» devem solicitar impresso próprio na Secretaria da Sociedade.

Exposições de fotografias

Na Escola do Magistério Primário, em Benfica, inaugurou-se esta tarde, uma exposição de fotografias da Madeira e Porto Santo, precedida por uma conferência do professor sr. dr. Décio de Oliveira Lopes Camacho.

— Na Casa do Algarve, encerra-se hoje, ás 21 e 30, a exposição de fotografias sobre motivos regionais, com distribuição de prémios e passagens de filmes coloridos.

Salão Paroquial de Artes Plásticas

No S. N. I. inaugura-se, hoje, ás 18 horas, o I Salão Paroquial de Artes Plásticas, seguindo-se uma palestra pelo escultor Martins Correia.

Estação de serviço

Inaugurou-se hoje, ao fim da tarde, a nova estação de serviço da Sacor, em Esgueira, Cacia.

Diz o médico...

(Continuação da 1.ª página)

psique surge a dúvida, alastra o sentimento do escrúpulo, amplia-se a noção de angústia, agrilhoando por vezes a acção.

A angústia arrastou o homem para o mistério insondável do «ser ou não ser», para as noções de obscuridade e de infinito, para o Mundo, em permanente elaboração, das ideias e dos sentimentos, da moral e da sociologia, para uma escala, enfim, de valores na construção espiritual de cada povo, escala que só as nações inteiramente livres sabem respeitar.

Daí nascerem, por vezes, em evidente contradição, escolas filosóficas e psicológicas que se separaram e dividiram, agrilhoadas ao sabor metafísico das doutrinas.

Muitos filósofos, ou melhor muitos autores, cada um deles amarrado à sua verdade, à visão interior ou panorâmica das coisas e dos seres, misturam os temas, entrelaçam filosofia e psicologia, esquecendo que uma e outra, apesar de nascidas da mesma sementeira, são diferentes no seu advir. A destrinça tem de fazer-se entre criadores de doutrinas e «caminhos abertos e percorridos pelos psicólogos».

Sendo a visão clínica essencialmente terapêutica, a psicoterapia, que tem socorrido os homens em todas as épocas, dispensa por vezes, e mais vezes do que se imagina, as regras da filosofia e da própria psicologia.

Mister se torna surpreender a descontinuidade dos sentimentos, os pontos adversos e fracos, a interrompida cadeia emotiva, os sobressaltos, para que o médico possa estabelecer adequado plano de ataque, isto é, o esquema curativo.

A fé é metade da cura, e a fé desempenha grande papel na cura ou alívio dos enfermos funcionais, nervosos e alterados em sua existência real ou imaginativa.

Dentro deste vasto capítulo da medicina (patologia da inteligência) tudo é ainda confuso, apesar dos progressos realizados nas ultimas décadas. Todos os dias aumenta, nos vários sectores, o número de fóbicos e de histéricos, de melancólicos e depressivos. O número de psiconevróticos é cada vez maior.

A luta pelo quotidiano, a incerteza do significado e conteúdo das palavras (as palavras lutam entre si e atropelam-se) dilatam e alimentam o estado confusional, ampliando a soma dos enfermos.

O espírito humano depende de vários elementos, ocupando entre eles as primeiras filas a razão e a ideia.

Não é a ideia o alicerce da inteligência? A permanente luta entre ideias reprecute-se na formação do eu, deformando o pensamento, alterando o conteúdo do sentimento

A ideia gera-se no consciente e guia o homem, leva-o a tomar partido, a segurar-se à bancada, a sentir, a agir.

Conduz o homem ao pensamento, à pintura abstracta ou concreta, à realidade ou irrealidade.

Juntando ideias, enfileirando-as, ligando-as, surge o pensamento lógico, o raciocínio, todo o vasto panorama da inteligência e, com ele, emanando dele, a vida do espírito, a escala de espiritualidade do ser humano normal. Ideia, espírito, percepção: actividade espiritual, conceito de universo, desvio da ideia, originando a angústia, impõem o recurso à psicoterapia, aos métodos ortodoxos, que admitem a lei da periodicidade, ou aos chamados métodos de vanguarda, incluindo os ocupacionais, propostos por Stekel, Massermann e vários outros.

As curas de obsessões, angústias e depressões verificam-se todos os dias, independentemente dos métodos, com fé e tempo, elementos essenciais para o esfumar real de uma psiconevrose.

Um rápido balanço dos processos de tratamento confirma que vários elementos contribuem para a cura e que a psicologia, a religião e a psicoterapia podem e devem colaborar no sentido positivo, contribuindo cada com a sua quota-parte no processo terapêutico e curativo.

Psicólogos e psicanalistas facilitaram, cada um dentro dos seus campos de acção, a caminhada na estrada obscura que conduz à cura dos estados nervosos funcionais.

Verifica-se que são enormes as relações entre a patologia e a psicologia, sobretudo a patologia mental e a psicossomática (Kretschmer).

Sendo a psicologia «o homem na acção social», o homem debatendo-se com as reacções das «correntes da consciência», não admira ou espanta que a luta para a formação do carácter individual na infância exerça grande e marcada influência no aparecimento e rastreio das psiconevroses.

Os modernos doutrinadores procuram estreitar os laços que unem a bioquímica (Pierre Deniker, «Progrès récents des chimiothérapies psychiatriques», Paris, 1959) e a fisiologia à psicologia; os instintos e o prazer do sofrimento à memória; as ideias e alterações de ideias à personalidade e à linguagem; a inteligência à consciência; o mundo interior ao exterior, equacionando depois os dados da observação com as verdades essenciais, com a filosofia e o carácter científico da psicologia. Experiência, no amplo sentido clínico, e a razão devem, pois, estar de acordo.

Importante é o comportamento humano no meio em que vive, os próprios reflexos condicionados (actualidade de Pavlov) na explicação das obsessões (Raymond Coirault, «Anxiété, insomnie, fatigue», Paris, 1959).

Para o estabelecimento de uma terapêutica actualizada, que vá além dos tranquilizadores, torna-se necessário o conhecimento do inconsciente e do consciente, dos reflexos condicionados, as relações das reacções humanas (J. H. Curtis, «Social Psychology», New York, 1960), o comportamento do enfermo, imaginação, vontade, carácter, modificações psicológicas funcionais, fronteiras nem sempre fáceis de localizar, vida orgânica e psíquica do enfermo.

Seria pura loucura tentar o estabelecimento de uma terapêutica (sempre condicionada a cada caso) sem compreender e analisar os distúrbios do consciente e os do inconsciente.

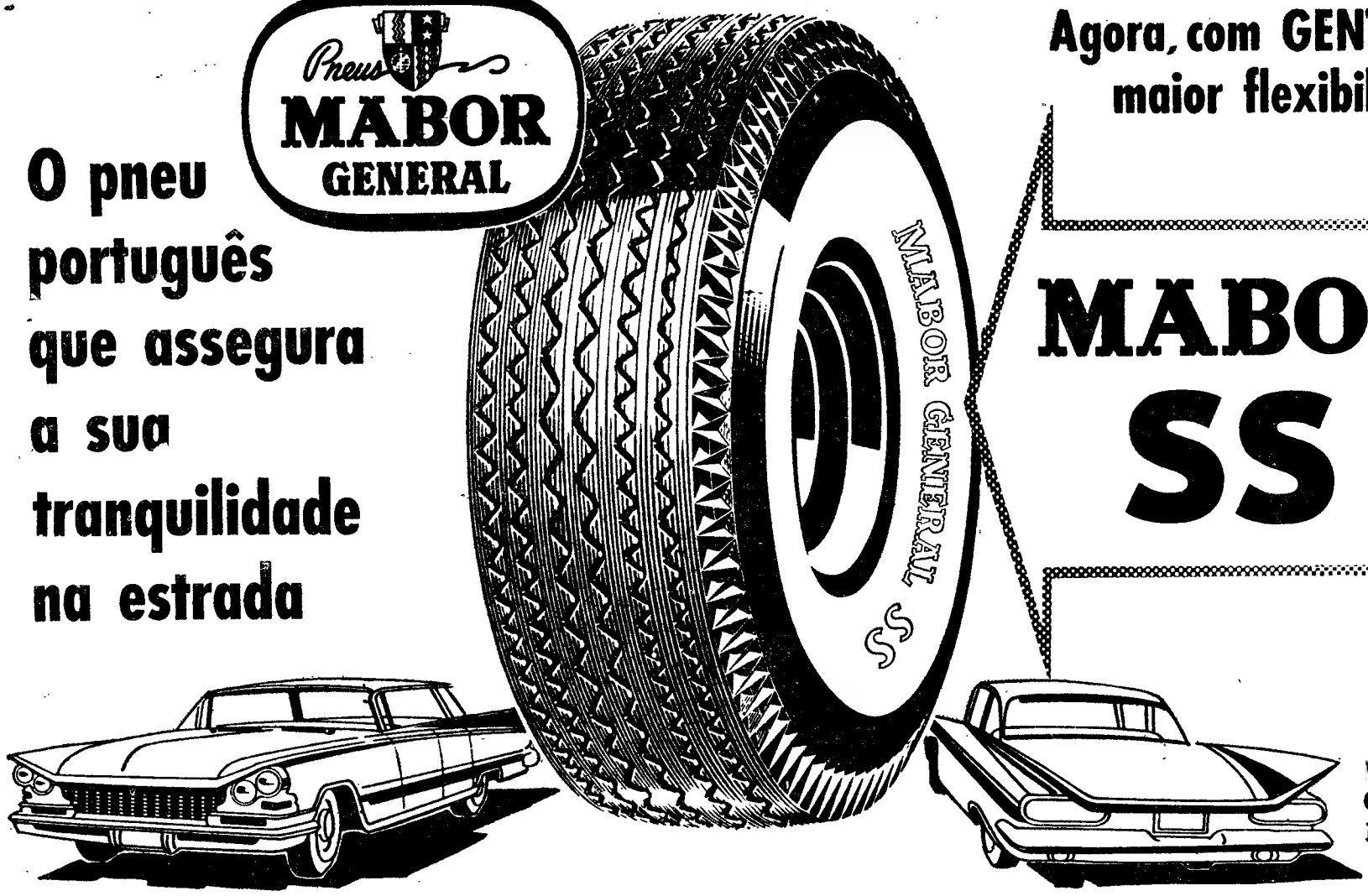
Toda a sintomatologia pode resultar, simplesmente, de uma acção negativa do inconsciente.

Cumpre ao clínico avisado navegar com cautela e acerto para que a análise seja útil e benéfica ao doente.

A. d'E.

Pneus MABOR GENERAL

O pneu português que assegura a sua tranquilidade na estrada

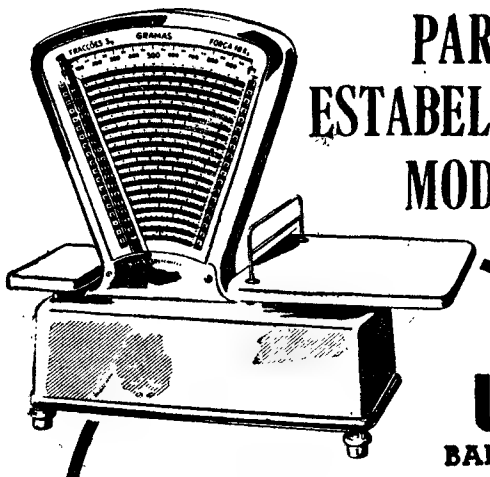


Agora, com GENTAC... maior flexibilidade

MABOR SS

VISITE O SEU AGENTE MABOR

Oiça o REPORTER MABOR todos os dias (excepto aos domingos) em Rádio Clube Português Miramar às 14 e Parede às 18 horas
Veja na Rádiotelevisão Portuguesa todas as 5.ª feiras cerca das 22 horas o PROGRAMA MABOR "Os quatro homens justos"



PARA UM ESTABELECIMENTO MODERNO

UMA BALANÇA MODERNA E PERFEITA! CONSTRUIDA COM A MAIOR PRECISÃO EM AÇO INOXIDÁVEL

ASSEGURA MUITOS ANOS DE SERVIÇO SEM NECESSIDADE DE REPARAÇÕES

TESTUT

A BALANÇA PARA TODA A VIDA
QUASE AO PREÇO DAS BALANÇAS VULGARES

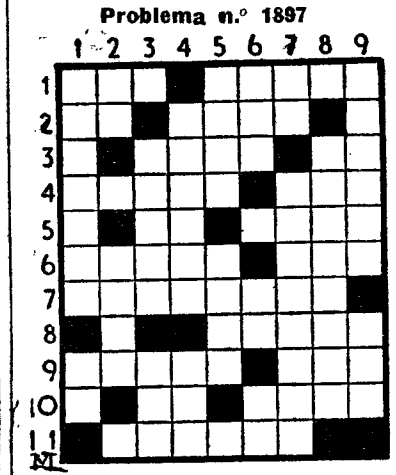
GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

REPRESENTANTES
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, L.DA
Av. Fontes Pereira de Melo, 45 - Telef. P.P.C.A. 73311 (4 linhas) - LISBOA-1
AGENTES NO NORTE:
M. SIMÕES JÚNIOR, LDA. • R. de Santo António, 208 • Tel. 25562 • PORTO

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1897



HORIZONTAIS: 1—Nota de musica. Vila do distrito de Setubal, onde nasceu Vasco da Gama. 2 — Pertences. Cura. 3 — Por unidade. Certo. 4 — Singular. Cem metros quadrados. 5 — Símbolo químico do níquel. Santo padroeiro dos ourives. 6 — Beneficiam. Passada. 7 — Aromático. 8 — Nome que o rio Tua tem na parte espanhola. 9 — Apanha. Lista. 10 — Seguia. Combina. 11 — Limpar.

VERTICAIS: 1 — Consoante. Símbolo químico do cloro. 2 — Artigo (pl.). Inimizade. 3 — Tira que cerca a cintura. Lírio. 4 — Fartar. Tens. 5 — Rio que banha Alcácer do Sal. Sem brilho. 6 — Cólera. Escalvado. Aqui. 7 — Em a. Repetir as mesmas letras ou sílabas na mesma frase. 8 — Ordem de batráquios a que pertence a salamandra. 9 — Espalha. Flanco.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1896

HORIZONTAIS: 1 — Upa. JUNTO. 2 — Me. Canaan. 3 — Arda. II. 4 — DA. Papar. 5 — Sente. Ena. 6 — URTIGA. 7 — Bié. Ársis. 8 — Ias. Ele. 9 — Rs. NASCE. 10 — A. Vá. ROSA. 11 — Mui. Ossos.

VERTICAIS: 1 — Uma. Subiram. 2 — Perdérias. 3 — Dantes. Vi. 4 — Cá. Ti. Na. 5 — Já. Pegada. 6 — Unia. Ar. Srs. 7 — Naipe. Secos. 8 — Tá. An. Ileso. 9 — Onerasse. As.

Provérbio: JUNTO DA URTIGA NASCE A ROSA.

CHEGOU DA MALVEIRA
MAS JÁ TEM OS OLHOS ABERTOS!...

Por isso só se quer empregar numa casa onde haja Aspiradores e Enceradoras ELECTROLUX

ELECTROLUX, LDA.
LISBOA

R. Pascoal de Melo, 7 — Telef. 56115
R. 1.º de Dezembro, 120-B — Telef. 28246

ESCRITÓRIO

Aluga-se com dependências anexas para armazém ou industria. Rua D. Carlos Mascarenha, 32, porta 7. Chaves no n.º 9. Para tratar, telef. 29502.

Em S. João da Madeira

Instale-se no «Monte Belo». (Classificada de 1.ª classe pelo S. N. I.). Restaurante e óptimos aposentos.

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 4.ª página)

nor Teles», em ensaios no Trindade, a figura de «Gil Vasques».

- No D. Maria, começam na próxima semana os ensaios da peça espanhola «Mirabel», na tradução de José Galhardo.
- Da companhia de comédias que vai actuar no Odeon faz parte o actor Alexadre Vieira.
- Raul Solnado deve continuar no elenco do ABC, após o regresso da companhia do Porto.
- A revista em ensaios no Teatro Avenida tem a sua estreia aprasada para sábado de Aleluia.
- A companhia de Eva Todor começará a digressão que projecta fazer a Portugal, estreando em Lourenço Marques. Visitará depois Angola, de onde partirá para Lisboa.

No D. Maria II

«A Visita da Velha Senhora», uma peça de que toda a Lisboa fala

Durrenmatt é hoje um dos mais célebres escritores de língua alemã, representado em todo o Mundo, com um «Prémio Schiller» e um «Prémio Molière», e uma fortuna fabulosa de direitos de autor, aumentada agora com os 200.000 dólares que recebeu pela cinematização de «A Visita da Velha Senhora». Amélia Rey Colaço revelando a sua obra mais representativa, que é a condenação implacável, pela sátira cruel e sangrenta do desenfreado materialismo dos nossos dias, prestou mais um relevante serviço ao Teatro português. O D. Maria II regista, assim, mais um êxito enorme, que se traduz por um interesse cada vez mais entusiástico do publico. «A Visita da Velha Senhora», que ainda recentemente conquistou um novo triunfo no Piccolo Teatro de Milão e que será a peça com que os Estados Unidos estarão representados no Festival Internacional de Arte Dramática de Paris, foi encenada brilhantemente por Cayetano Luca de Tena, com a admirável colaboração plástica de Lucien Donnat, e é superiormente interpretada por um grande elenco de trinta artistas, de que fazem parte, nas personagens dominantes, Amélia Rey Colaço e Erico Braga. «A Visita da Velha Senhora», representa-se amanhã em tarde popular a preços reduzidos.

A empresa pede aos espectadores, que estejam na sala á hora marcada para o espectáculo, pois não é permitida a entrada na plateia depois de subir o pano.

«LA BOHÈME», EM S. CARLOS

Sim, senhor, assistimos ontem á noite, até certa altura da representação, a uma boa montagem e a um homogéneo desempenho da no seu género rica e expressiva partitura de Puccini. Pareceram mais jovens dentro de um grupo em que nenhum dos cantores solistas atinge, nem de longe, a meia idade —, Ilva Ligabue, a simpática soprano, aliás nada banal, e o doce recato condizente com a figura idealizada pelo autor da partitura; Paolo Washington (que vinhamos encontrar pela segunda vez), apelido americano e tipo alemão, mas quadrando bem com o filósofo «Colline», e, sobretudo, Paolo Pedani, o musico «Schaunard». Reaparecia o grande artista Seste Buscantini, soberbamente em forma, em «Marcelo». E logo no 1.º acto, mais do que a imediata actuação do afamado tenor Giuseppe di Stefano, aguardado com a costumada expectativa electrizada, e que bem podia ofuscar o conjunto, entusiasmou-nos o equilibrado quarteto dos boémios, o seu ajuste com os desenhos musicais, de justo realce na direcção apaixonada do maestro Carlo Felice Cillario. A vivacidade da cena a 5, com a entrada do caricato senhorio, o nosso espantoso Álvaro Malta (de indumentária demasiadamente rutilante), não caiu num exagero incómodo.

Finalmente, ficaram a sós para as suas provas ansiosamente aguardadas pela selecta e compacta assembleia, «Rodolfo» e «Mimi». Giuseppe di Stefano deve estar no auge da sua carreira, plenitude que se pode prolongar por largos anos, em parte conforme o tratamento que der á sua voz; mas talvez não estivesse ontem numa noite inteiramente feliz, o que, a bem dizer, não afecta para nós pessoalmente o prazer da representação. O timbre da voz de Di Stefano, apesar, ou por causa da indecisão entre o tipo lírico e o tipo dramático, é formosíssimo; a presença e a figura do actor irradiam simpatia. Ilva Ligabue demonstrou logo bastante segurança, tanto no recorte do seu papel como nos processos de cantar, com um registo agudo de lindas vibrações. A orquestra, que conta sempre imenso para nós, depois do pitoresco quadro boémio, exprimiu sem diminuição de bom gosto pelo qual estava a timbrar este espectáculo, o cálido lirismo pucciniano, prenunciando sem rebuço o desabrochar do amor.

Movimento e indumentária deram-se as mãos para valorizar o 2.º acto, sempre constrangidos os garotos e quase impossível de acertar na perfeição os coros com a orquestra; no entanto, em conjunto, com suficientes condições para entusiasmar, com a intervenção afinadíssima e esfuziante de solistas — a entrada de «Musette», Anna Maccianti, que, sem nos dar todas as sonhadas possibilidades da criação pucciniana para este episódio, satisfez; e muito melhor do que o habitual, o apontamento de Mariano Caruso para «Alcindoro».

Depois dum cuidadoso 3.º acto, de mancha cénica com recortes e coloridos atraentes, como os precedentes, estava portanto assegurado que tudo ia continuar a correr francamente bem até ao fim, independentemente dos reparos de pormenor referentes á escola e á disposição vocal momentanea da vedeta n.º 1, o tenor Giuseppe di Stefano. Abre-se o pano para o 4.º acto, com o mesmo motivo incisivo do 1.º acto, admirávelmente anunciado pela batuta de Carlo Felice Cillario, e correspondido pela orquestra, e imediatamente se apodera de nós a sensação de que o desempenho ia superar tudo o que precedera. De facto, desde o dueto de Giuseppe di Stefano e Seste Bruscantini, impecável sob todos os aspectos, o que foi acontecendo ultrapassou todas as expectativas, subindo a uma excepcional categoria de que todos comparticiparam, desde Ilva Ligabue, que usou inesperadamente, e maravilhosamente, dum registo grave de caracter perfeito, até o jovem Paolo Pedani, e bem assim Anna Maccianti. Todos viveram o seu papel, ao mesmo tempo que cantavam como era indicado que o fizessem, e na representação servidos por uma marcação e uma observancia de atitudes duma estética finíssima, sem uma beliscadura de menos bom gosto, uma clareza de articulação não só perfeita, mas que acentuou a poesia, ao mesmo tempo que a naturalidade do texto. Se um compositor, artista como Gabriel Fauré, que detestou sem remissão Puccini e a sua «Bohème», horrorizado com a sua singela sensualidade e o seu realismo (as melhores qualidades do autor, afinal), se tivesse encontrado diante duma representação deste carácter, custa-nos a crer que mantivesse a sua atitude. Em parte, acontece-nos isso um pouco a nós. E, neste inesquecível acto, não esquecemos, ainda e sempre, a colaboração da orquestra, que operou uma gradação do mais belo efeito, com o seu contínuo decrescendo, desde que «Mimi» falece até que «Rodolfo» se capacita do facto. Bem se diz que a arte é uma religião, se ela pode assim transfigurar a feia, a cruel, a tantas vezes inaceitável, mas implacável, morte.

Resumindo: muitos aguardavam, sobretudo, Giuseppe di Stefano. E tivemos todos, no fim de contas, a afirmação duma autêntica obra-prima «La Bohème».

FRANCINE BENOIT

Teatro de amadores

Espectáculos pelo novo grupo cénico da Faculdade de Medicina

Após alguns anos de ausência, volta a aparecer no panorama do teatro universitário, um grupo cénico da Faculdade de Medicina. Para o seu primeiro programa, foram escolhidas as peças «O dia seguinte», de Luís Francisco Rebello; e «Cathleen in Houlihan», de Yeats, que, sob a direcção de Rogério Paulo, serão representadas amanhã, ás 16 horas, e na segunda-feira, ás 21 e 30, na Sala de Alunos da Faculdade.

Bilhetes á venda na Sala de Alunos da Faculdade de Medicina (Hospital de Santa Maria).

2.ª retrospectiva

do Cinema Português em Setúbal

A Cinemateca Nacional, de colaboração com a comissão organizadora da Federação Portuguesa dos Cineclubes, apresentará, no Cine Recreio do Povo, de Setubal, nos dias 22 e 23 do corrente, a II Retrospectiva do Cinema Português, que abrange o estudo de algumas das principais produções realizadas entre 1919 e 1923.

Esta retrospectiva enquadra a projecção das duas jornadas de «Os Fidalgos da Casa Mourisca», dirigido por George Pallu; «Malmequer», o primeiro filme de Leitão de Barros, e «Os Lobos», realizado na Foz do Douro e na Serra da Estrela por Rino Lupo.

Os filmes foram «tintados» por forma a reconstituir, tão rigorosamente quanto possível, as cópias originais.

Os convites são distribuídos, gratuitamente, pelo Governo Civil, que colabora nesta jornada de cultura, e pelo Cineclube da mesma localidade.

O automóvel da T V para um leitor do "Diário de Lisboa"

O nosso redactor conversa com os dois grandes premiados de ontem do concurso «Quem tudo quer, tudo perde», srs. Jorge Freitas Branco e José Jorge Baptista Mendes, e com o adjunto do chefe dos serviços de publicidade da R. T. P., sr. Rolo Duarte

(Continuação da página central)

de olhos vendados, meteu a mão no enorme panelão e tirou o boletim premiado com um automóvel, a ansiedade cresceu na casa do sr. Baptista Mendes, e quando Artur Agostinho leu o seu nome houve uma emoção indiscritível. A esposa do feliz contemplado quase desmaiou, o filho do nosso leitor felicitou-o entusiasmado. O pai, que mal podia acreditar na sua sorte: «E logo um automóvel! O automóvel que eu há tanto tempo desejava ter. Agora tenho de ir tirar a carta...» Mas não teve oportunidade para mais considerações. O telefone começou a tocar ininterruptamente e até ás duas horas da manhã, pois Artur Agostinho pedira aos telespectadores que telefonassem a felicitar o premiado. E assim foi. Hoje, logo de manhã, choveram novos telefonemas com os mesmos simpáticos parabéns.

Entre os 35 concorrentes que haviam sido premiados nas anteriores fases do concurso, e todos vindos dos mais diversos pontos do País, se reuniram no programa de ontem, entraram ainda no sorteio dois óptimos prémios. Uma chave tipo «Yale», em ouro, que coube á sr.ª D. Adriana Mota, do Porto, e cinquenta contos, que foram atribuídos ao sr. Jorge Freitas Bravo, de 19 anos, estudante, residente em Caldas de Vizela, próximo de Guimarães, que já fora premiado com um gravador de som, e enviou para o concurso 180 boletins de inscrição. Outros prémios foram ainda distribuidos na ultima fase deste popularíssimo concurso que recrutou para a R. T. P. uma audiência ainda mais larga.

Mas a Radiotelevisão Portuguesa não descansa, e tem já em organização um novo concurso, ainda mais fabuloso, que terá o seu início em fins de Abril. Os concorrentes premiados no «Quem tudo quer, tudo perde» garantiram-nos já que não mais deixarão de tentar de novo a sorte através da R. T. P. e é de esperar que assim façam também, e, até, com mais motivos, todos aqueles que ainda não foram bafejados.

Dr. Manfred Kuder

Esteve na nossa redacção a apresentar cumprimentos de despedida o dr. Manfred Kuder, director do Instituto Alemão, que volta ao seu país na próxima semana.

Antes de ter vindo para Portugal, a fim de organizar o Instituto Alemão de Lisboa, era presidente do Círculo Alemão-Português-Brasileiro de Dortmund. Tem efectuado muitas conferências sobre Portugal, na Alemanha e no Brasil, onde esteve, no ano passado, em viagem de estudo.

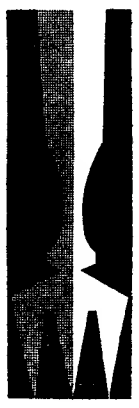
A partida do dr. Kuder não significa um afastamento dos nossos problemas culturais. Disse-nos que, na Alemanha, continuará a esforçar-se por um estreitamento cada vez maior das relações culturais luso-alemãs.

Verdadeiro amigo de Portugal, após quatro anos de estadia entre nós, o dr. Kuder declarou-nos que já sentia saudades do nosso país — mesmo antes de deixá-lo.

Batata de Espanha

ENTRONCAMENTO, 19. — (Pelo telefone). — Procedente de Espanha, chegou ontem ao fim da tarde á fronteira portuguesa o primeiro comboio especial com batata espanhola para acudir á crise no nosso País. A composição transportava 357 toneladas do precioso tuberculo.

Tempere a comida, tempere a saúde com o delicioso azeite BEIRA BAIXA



PRONTO A SER SERVIDO À MESA. ESTE AZEITE PURO DE OLIVEIRA, SÁBOROSO E DE ALTA QUALIDADE, É UM PRODUTO GENUINO DOS FAMOSOS OLIVAIS DA BEIRA BAIXA. EXIJA-O NO SEU FORNECEDOR.

UM PRODUTO DE

PARA GARANTIA DO PÚBLICO, O AZEITE BEIRA BAIXA, USA NAS SUAS GARRAFAS UM NOVO TIPO DE CÁPSULA INVIOLÁVEL

RODRIGUES (IRMÃOS) & C.ª - 18-R. DOS BACALHOEIROS-18 C - LISBOA

AMANHÃ, DOMINGO
às 15 e às 21 horas

Vender-se-á em:

LEILÃO

Por motivo de partilhas, todo o recheio de casa existente na RUA SOCIEDADE FARMACEUTICA N.º 24, 1.º (ao Conde Redondo).

Chama-se a atenção dos EX.mos CLIENTES PARA O ANÚNCIO DESCRIMINATIVO A PUBLICAR AMANHÃ no «DIÁRIO DE NOTÍCIAS».

Direcção de: Roberto Silva

Rádios e Televisão
DESCONTOS ESPECIAIS
CASA MAX
AV. PRAIA DA VITÓRIA, 2-C

Assembleias gerais

Da Sociedade Comercial Guérin

Para apresentação dos relatório e contas do ultimo ano, realizou-se a assembleia geral da Sociedade Comercial Guérin, S. A. R. L., uma das mais importantes firmas importadoras de automóveis do nosso País. O presidente do Conselho de Administração, sr. José Silveira Machado, informou os accionistas de que, acompanhando o desenvolvimento económico nacional, foi possível consolidar a posição da Sociedade dentro do sector de comércio a que se dedica e apresentar resultados que considerou satisfatórios.

Referiu-se aos problemas da importação e a outros que, no momento, sobrecarregam os industriais de automóveis e, por ultimo, apresentou as contas do exercício de 1959. Nestas destacam-se, além do aumento do fundo de reserva, que já atinge 45.000.000$00, a distribuição de um dividendo ás acções de 1.500 contos; 845.200$00 para gratificações ao pessoal e, ainda, a concessão de 1.000 contos para o Fundo de Assistência aos empregados da firma.

O relatório e as contas foram aprovados por unanimidade.

Dois mil e quinhentos contos bem distribuidos

A "Dupla Sorte"

na sua primeira saída

foi para Salvaterra de Magos

contemplar gente que vive do trabalho

Foi um alvoroço em Salvaterra de Magos quando ontem á tarde se soube que a «sorte grande» da primeira lotaria da «Dupla Sorte», ia para lá inteirinha. A' porta do estabelecimento do sr. Manuel Nunes, onde o bilhete com o numero foi parar, enviado pela «Casa da Sorte», juntou-se logo um ror de gente a comentar o caso, que mais aumentou quando foram aparecendo os felizardos, pois haviam sido avisados de que iriam receber imediatamente o seu dinheiro. E' que a «Casa da Sorte» mandou a Salvaterra de Magos funcionários seus com os dois mil e quinhentos contos para os distribuir.

Quem andou a apregoar o bilhete pelas ruas de Salvaterra, na véspera de «andar a roda» foi o «cauteleiro» Pedro Nunes Faz-Cordas, que garantia que o 58173 iria ter a «sorte grande» e não enganou ninguém. E não se pode dizer que não tenha «distribuído» bem o primeiro prémio da «taluda», pois vendeu todas as fracções a gente que vive do seu trabalho.

O pequeno lavrador de Marinhais, sr. José Martins Neves da Silva Rosa, de 30 anos, casado, que vai todos os dias a Salvaterra de Magos, na quinta-feira comprou duas fracções do 58173 ao Faz-Cordas. E quando chegou a Marinhais ofereceu uma «sociedade» ao seu amigo Joaquim Martins Madeira, proprietário do cinema local. Cada um, ontem, á tardinha, recebeu duzentas e cinquenta notas de conto...

Por sentir um «baque no coração», também o sr. Rafael Fernando Filipe de Andrade, de 24 anos, proprietário de um «café» em Salvaterra de Magos, recebeu ontem duzentos contos. E' que o «cauteleiro» chamou-o para lhe vender uma fracção e ele não fez caso. Mas depois... depois voltou atrás e foi-lha comprar.

Outros dois «sócios» numa fracção — esta contemplada com trezentos contos por ser da segunda série, foram os srs. Baltazar António Damas, de 28 anos e Francisco José Lumiar Ramos, funcionários da Repartição de Finanças de Salvaterra. O sr. Damas foi quem cortou a primeira fracção do bilhete e ofereceu a «sociedade» ao seu colega.

Duas senhoras contempladas

A «Dupla Sorte» também contemplou duas senhoras. Uma foi a sr.ª D. Maria Helena Teodoro, casada, que é sempre quem compra o «jogo» pois o seu marido não gosta de o fazer. O curioso é que teve que ir ontem a Santarem fazer umas compras para o estabelecimento que possui em Salvaterra e foi ali que soube que o numero que teve o primeiro prémio era o seu. Quando deu a novidade á filha que anda a estudar no liceu da cidade, a menina, a princípio, julgou que a mãe estava a brincar e custou a convencer-se.

A outra felizarda foi a sr.ª D. Claudina Travessa, que mandou o seu marido, sr. Augusto Dias, ir receber os duzentos contos do prémio. O «cauteleiro», quando lhe vendeu a fracção, deu-lhe um conselho e, não resta duvida, de que foi excelente: que embrulhasse a «cautela» em dinheiro, para dar sorte. A D. Claudina assim fez, e até dormiu com a fracção debaixo do travesseiro...

Também o sr. Francisco Lopes Ramos, foi digno do prémio de quinhentos contos com que foi contemplado, nas duas fracções que adquiriu. Ao cabo de uma vida intensa de trabalho, ia ficar agora desempregado, pois a firma onde exerce funções, liquidou todos os negócios. Pois não terá preocupações, nem precisará de ir já á procura de outro emprego. Tem direito a merecido descanso.

Mais feliz que os outros, também se considera, certamente, o sr. José Joaquim, de 39 anos, residente em Foros de Salvaterra. Apesar de possuir uma pequena seara, ganha o sustento da mulher e de dois filhos com uma carroça em transporte de mercadorias. Ontem, quando os funcionários da Casa da Sorte lhe entregavam os trezentos contos com que foi contemplado, pois a sua fracção era da segunda série, chorava de alegria e de comoção. E o caso não era para menos.

O sr. José Joaquim e o seu vizinho António Filipe, de 33 anos, que pediu um saco emprestado para transportar os trezentos contos, alugaram, depois de receberem os prémios, um automóvel para os conduzir rápidamente a Foros. Tinham pressa de arrecadar o dinheirinho...

O «reporter» assinalou todos os casos, por serem curiosos e dignos, da «taluda» da primeira lotaria da «Dupla Sorte». Foi uma novidade em lotarias que, pode dizer-se, começou da melhor maneira, pois fez a felicidade de gente que bem precisava. Ainda bem.

— Ena tanto dinheiro! — diz um dos contemplados ao receber a parte que lhe coube da taluda da «Dupla Sorte»

Estão sobre a mesa os dois mil e quinhentos contos e desse dinheiro, duzentos estão a ser entregues ao sr. Rafael Fernando Filipe de Andrade

Campanha mundial das sementes

No Palácio das Necessidades, foi empossada, pelo sr. conde de Penha Garcia, a subcomissão que se ocupará dos trabalhos relativos á Campanha Mundial da Semente, organizada pela F. A. O. (Food and Agriculture Organization of the United Nations), que se efectuará no próximo ano.

Confraternização de ilusionistas

Amanhã, ás 14 horas, reunem-se na Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, num almoço de confraternização dos ilusionistas portugueses. A «Família Mágica» realizará uma sessão de ilusionismo.

Escritórios

AVENIDA DA LIBERDADE

Com óptimas instalações, cedem-se em boas condições, perto Cinema Tivoli.

Resposta ao N. 391.

AERO-CLUB DE PORTUGAL

ASSEMBLEIA GERAL

Em nome do Ex.mo Senhor Presidente da Assembleia Geral é convocada a reunião da Assembleia Geral Ordinária do Aero-Club de Portugal para o dia 31 do corrente mês, pelas 21 horas na sua Sede, Avenida da Liberdade, 226, com a seguinte ordem de trabalhos:

«Discutir, aprovar ou modificar as Contas da Gerência, o Relatório anual da Direcção e o Parecer do Conselho Fiscal, do ano de 1959», de acordo com o artigo 33.º § 1.º dos Estatutos.

A Assembleia Geral funcionará com qualquer numero de sócios presentes, em segunda convocação, pelas 22 horas, no mesmo dia 31 de Março corrente. (Artigo 35.º § 2.º).

Lisboa. 17 de Março de 1960.

Pelo AERO-CLUB DE PORTUGAL
O Director Secretário Geral
Abílio J. N. Matos

MARIA CAROLINA VENTURA DE LOUREIRO

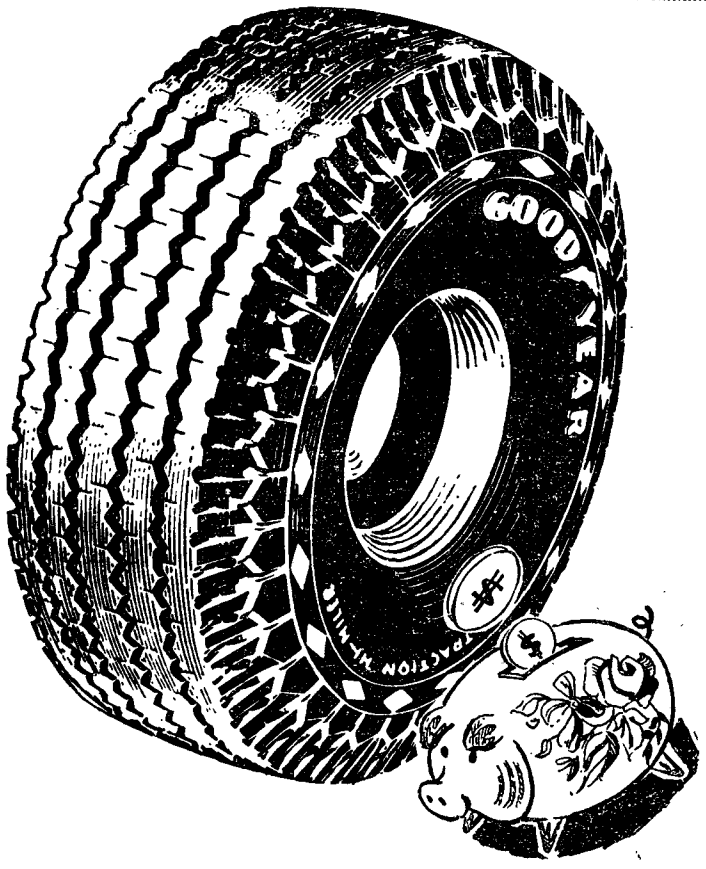
MISSA DE 30.º DIA

Carlos Hydalgo Gomes de Loureiro, Delmina Ventura de Loureiro Sanchez, Francisco Sanchez Bermejo, Ana Maria Loureiro Sanchez e mais família participam que amanhã, dia 20, pelas 12,30 horas, na Igreja dos Mártires, será rezada missa por Alma da sua muito querida mulher, mãe, sogra, avó e parente.

No dia 21, ás 11 horas, com a mesma intenção será celebrada missa, na Igreja do Sacramento, pelo Reverendíssimo Prior Padre Gonçalves de Carvalho, por seu amável oferecimento, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir aos piedosos actos.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO



Economia na estrada com...

TRACTION HI-MILER

ECONOMIA! O Traction Hi-Miler permite maior número de rechapagens e é concebido para servir em todos os tipos de estradas.

ECONOMIA! O Traction Hi-Miler tem um piso de cinco faixas que fornecem sólidas superfícies de rodagem dando mais quilometragem.

ECONOMIA! O Traction Hi-Miler também roda a uma temperatura menos elevada do que resulta um menor número de estoiros motivados pelo aquecimento.

GOODYEAR

visite o seu agente Goodyear hoje

Moradia na Parede

Bem situada completamente independente em terreno com 1.200 m2, óptima construção com ou sem mobília, pronta a habitar, vende o próprio, resposta, tel. 41841.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Sede—Calçada do Duque, 20—Lisboa

Administração

Pagamento do juro de obrigações relativo ao 2.º semestre de 1959

São avisados os portadores de obrigações da Emissão «Mirandela e Viseu» 4 1/2 % — 1889 de que o pagamento do juro, relativo ao 2.º semestre de 1959, será efectuado a partir de 1 de Abril p.º futuro, ao preço de:

Esc. 1$64 — para títulos ao portador
Esc. 1$62 — para títulos nominativos

O pagamento do juro destas obrigações efectuar-se-á:

Em Lisboa, na sede da Companhia.

No Porto, na Tesouraria da Companhia, estação de S. Bento.

O pagamento na sede da Companhia efectua-se todos os dias uteis desde as 10 ás 13 e das 14 ás 16 horas e aos sábados desde as 10 ás 12 horas.

Lisboa, 15 de Março de 1960.

O Conselho de Administração

ANTÓNIO GRAVE

MISSA DO 4.º ANIVERSÁRIO

Sua viuva, filha, primos e mais família, participam que será celebrada missa na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, amanhã dia 20, ás 12 horas, pelo eterno descanso da sua alma pura e generosa. Pede a quem se digne comparecer ao acto piedoso.

P. N. A. M.

MARIA PAULA DIAS RIBEIRO ROSADO

MISSA

A família participa que, em sufrágio da alma da sua saudosa mãe, sogra, avó, bisavó e parente, serão celebradas missas nos dias 21 (segunda-feira) e 22 (terça-feira) respectivamente na Igreja dos Mártires, ás 12,30 horas e Capela dos Navegantes, ás 9,30 horas, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem associar-se a estes piedosos actos.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

Do «Diário de Lisboa» de 19 de Março de 1930:

«Chega-nos de Berlim uma notícia simpática, inesperada: anteontem, na aristocrática «Mozartzaal», foi apresentado o primeiro filme sonoro incluindo diálogos em língua portuguesa, graças á iniciativa de um Português, H. da Costa, que, por viver no estrangeiro, não deixa de pôr acima de todos os seus interesses o amor ao nosso País.

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA — A's 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Rádio rural; 19: Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 20: Desdobramento; 23 e 40: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 19: Trechos em piano; 19 e 15: Emissão infantil; 19 e 45: A Orquestra de Stanley Black; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica de «jazz»; 20 e 30 Album musical; 21: Junção dos emissores; 21 e 20: Canções de Itália; 21 e 30: Ritmos sul-americanos; 21 e 45: Serão para trabalhadores, realizado em Almada. No intervalo: O pianista Luciano Sangiorgi; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa «B» — A's 19: Palestra, de Maria de Carvalho; 19 e 50: «A cantata n.º 51», de Bach; 19 e 50: Os pianistas Schnabel em «Fantasia, op. 103», para piano a quatro mãos, de Schubert; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Décimo programa da série «Musica Popular de Israel», gravações cedidas pela Radiodifusão de Israel, de Jerusalém; 20 e 15: Musica sinfónica; 21: Junção dos emissores; 21 e 20: Concerto pelo Coro Harmonia; 21 e 45: Tempo de poesia; 22: Ciclo de sonatas: «Sonata em fá maior», para flauta e piano, de Mozart; 22 e 20: Cartas a um musico desconhecido; 22 e 45: Que quer ouvir?: «Goyescas», ópera em três quadros, de Granados; 23 e 15: Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE — A's 17 e 30: Alfarrábio; 17 e 46: Teatro de brincar; 18 e 5: Edith Piaf; 19: Orquestras e canções; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Solistas; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 50: Curso de língua inglesa; 22: Baile; 22 e 15: Brasil; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Cançonetas; 23: Concerto; 23 e 30: Harry Secombe; 23 e 45: Noticiário; 2: Fecho.

Estação de Miramar — A's 18: Viagens na nossa terra 18 e 18: Cançonetas; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Trechos de operetas; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Variedades; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 20 e 40: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Um artista; 21 e 45: Brasil; 22 e 15: Intermédio musical; 22 e 30: Artistas portugueses; 23: Trechos recreativos; 23 e 30: Variedades; 0: Baile.

RÁDIO RENASCENÇA — A's 18: Musica ligeira; 18 e 20: Migalhas doutrinais; 18 e 30: Terço, bênção e missa vespertina; 19 e 55: Leitura do programa, boletim do S. C. R. e boletim religioso; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Encontro com o «jazz»; 21 e 30: Fados; 21 e 40: Rádio Rural; 22 e 5: Quando o telefone toca; 22 e 35: O guitarrista Laurindo Almeida; 22 e 50: Noticiário; 23: A 23.ª Hora.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 ás 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 20 e 30, abertura; 20 e 32, telejornal; 20 e 50, programa juvenil: «Juventude no Mundo»— «Mãos á obra»: aeromodelismo, produção de Luís Sant'Ana Leite; «Fury — o cavalo selvagem»; 21 e 45, José Luís e a sua guitarra, realização de Pedro Martins; 22, actualidade desportiva 22 e 20, transmissão do exterior; 22 e 55, telejornal; 23 e 5, «Naquele tempo...», pelo cónego dr. António dos Reis Rodrigues; 23 e 10, transmissão do exterior.

HORAS DAS MARÉS

PREIA-MAR

Dia 19 — 20 (3m,53).

Dia 20 — (Quarto minguante) — 8 e 34 (3m,38); 21 e 18 (3m,41).

Dia 21 — 10 e 2 (3m,28); 22 e 38 (3m,42).

BAIXA-MAR

Dia 20 — 1 e 51 (1m,38); 14 e 29 (1m,56).

Dia 21 — 3 e 28 (1m,51); 16 e 7 (1,m62).

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21 e 30 — «A visita da velha senhora».
TRINDADE — A's 21 e 45 — «O amor, o dinheiro e a morte».
AVENIDA — A's 21 e 45 — «A mala da Bernardette».
MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «Margarida da Rua».
CAPITÓLIO — «A alma boa de Se-Tsuan».
MARIA VITÓRIA — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Taco a taco».

CINEMAS

S. LUIZ — «Intriga internacional».
TIVOLI — «O anjo azul».
S. JORGE — «O aprendiz do Diabo».
IMPÉRIO — «Você quer dançar comigo?»
EDEN — «Hercules e a rainha».
POLITEAMA — «O sobe e desce».
MONUMENTAL — «Confidente de senhoras».
ODEON — «Ao ritmo do mambo»
ALVALADE — «Intriga internacional».
CONDES — «A flor que não morreu».
ROMA — «Hercules e a rainha».
AVIS — «Mulheres perigosas».
OLIMPIA — «O segredo do médico»
IDEAL — «Os nus e os mortos».
RESTELO — «A rapariga daquela noite».
PROMOTORA — «Ariane».
CAMPOLIDE — «Sissi».
CINE MOSCAVIDE — «Um homem tem três metros de altura».
ACADEMIA DE SACAVEM — «O monte do desespero».
S. JOSÉ (Sacavem) — «Sonhos de ouro».

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO E — Marques — Estrada de Benfica, 648, Tel. 780096; Sousa — Estrada de Benfica, 423-431, Tel. 780027; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Cárnide, Tel. 780181; Universitária — Rua O, 29-D, Bairro Santos (Próximo ao Hospital de Santa Maria), Tel. 778953; Alameda — Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Tel. 790942; Rainha Santa — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B. (Junto á Avenida Brasil), Tel. 765262; Farmácia—Estrada da Portela, lote 5-A, a Alvalade (Pote de Agua), Tel. 710131; Cartaxo — Avenida da Igreja, 21-C, Tel. 776358; Avis — Avenida de Roma, 56-B-C, Tel. 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhermina Suggia, 12, Tel. 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; **FATIMA — Aven. de Berna, 24-B (junto á igreja de Fátima) T. 763107;** Sá da Bandeira — Avenida Duque de Avila, 203-B, Tel. 41961; Cardeira — Avenida Duque de Ávila, 324, Tel. 43495; Oliveira Viegas — Rua Viriato, 29-29-A (Próximo da «Maternidade» e do «Avis Hotel»), Tel. 48966; Mundial — Largo D. Estefania, 9, Tel. 45578; Ascenso — Rua 27, 41 (Bairro da Encarnação), Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Ducal — Avenida Duque de Loulé, 21, Tel. 48946; Salter — Rua de Xabregas, 63-65, Tel. 381185; Luzmar — Rua 2 16-A Bairro de Santa Engrácia (á Picheleira), Tel. P. P. C 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, Tel. 843381; Nunes — Rua Angela Pinto, 32, Tel. 49756; Europa — Avenida General Roçadas, 25-A, Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; Rosa & Veigas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 864351; Nacional — Rua de S. João da Praça, 26, Tel. 863632; Matos — Rua Álvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — Rua B, 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pátria — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto á Rua das Amoreiras), Tel. 680627; D. João V — Rua D. João V, 16-C, Tel. 682772; Castro Fonseca — Rua 4 de Infantaria, 28-A, Tel. 688857; Ourique — Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; Rodrigues & Aires — Rua da Lapa, 52-54, Tel. 662246; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C-D; Remisio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; Sepol — Calçada da Boa Hora, 94-A, Tel. 631958; Teles — Rua João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2, Tel. 631635; Carrasco — Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; Modelar — Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Poço Novo), Tel. 27896; Véritas — Rua da Misericórdia, 132, Tel. 24554; Capuchos (Dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel. 52076; Nacional — Rua do Salitre, 7, Tel 46858; Costa — Praça da Figueira, 6-B-C, Tel. 28381; Barral — Rua Aurea, 126, Tel. 31535.

SESSÃO DE CINEMA

Na Casa de Moçambique, para início de novo período das actividades culturais, e no S. N. I., organizado pelo sr. dr. Francisco Félix Machado, ás 21 e 30.

CONFERÊNCIAS

Na Casa das Beiras, pelo pintor Guilherme Filipe, e na Fundação Gulbenkian, em Palhavã, pelo sr. arquitecto Franco Albini, ás 21 e 30 horas.

REUNIÕES

Companhia Metropolitana de Tipografia, ás 18 horas; Associação Mutualista do Pessoal Menor dos C. T. T., ás 21 horas.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Haverá festas, com bailes e vários atractivos, entre outras nas seguintes agremiações, esta noite: Casas do Minho, de Ferreira do Zêzere, do Distrito de Coimbra e da Comarca de Arganil, Bombeiros Voluntários do Dafundo, Estrela Azul F. C. Amanhã, á tarde: Cooperativa Militar, Clube Estefania, Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul e Casa do Alentejo.

CONCERTOS

No Conservatório Nacional, do Mobil Clube, com a colaboração da Pró-Arte, ás 21 e 30.

Um colóquio sobre depressões

e seu respectivo tratamento

organizado pela Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina de Lisboa

Organizado pela Clínica Psiquiátrica, através de uma comissão organizadora, constituida pelos profs. Barahona Fernandes, Diogo Furtado e Pedro Polónio e dr. Fragoso Mendes, haverá, no dia 2 de Abril, no Anfiteatro de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina de Lisboa, no piso 5 do Hospital de Santa Maria, um Colóquio sobre Depressões e seu tratamento, cuja assistência é publica e que tem o seguinte programa: 1.ª sessão ás 9 e 30, sob a presidência do prof. Diogo Furtado, para apresentação e discussão das comunicações: «Introdução do Colóquio», pelo prof. Barahona Fernandes; «Contribuição para o estudo fisiopatológico das depressões», pelo dr. Pimentel das Neves; «Algumas anotações á fenomenologia das depressões», pelo dr. Gomes de Araujo Filho»; «Depressiones seniles», pelo prof. Ramón Sarró (Barcelona»; «Psicanálise e terapeutica das depressões», pelo dr. Francisco Alvim; «O tratamento das depressões na clínica», pelo prof. Pedro Polónio; «Depressions», pelo dr. P. L. Lambert (Basssens, Savoie); «Psicoterapia de grupo nas depressões», pelo dr. Eduardo Cortesão.

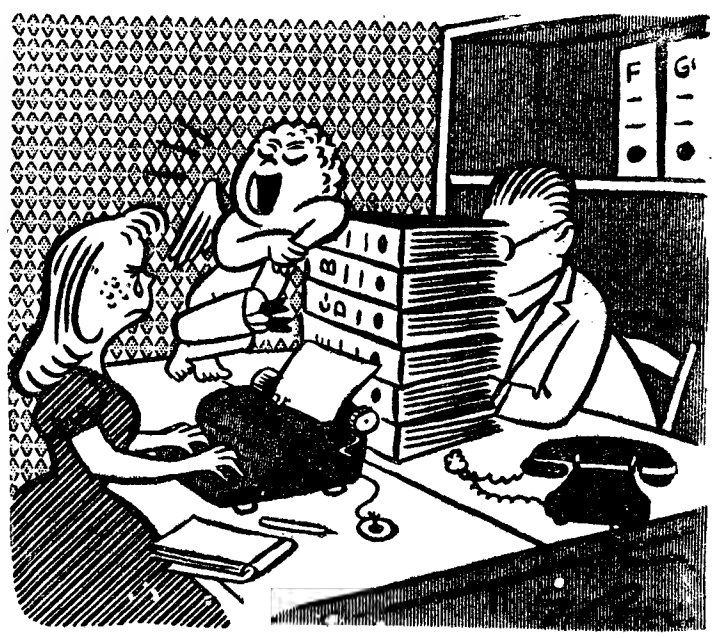
A segunda sessão, sob a presidência do prof. Pedro Polónio, realiza-se ás 15 e 30, com o seguinte programa: «Depressiones y su tratamiento», pelo prof. Lopez Ibor (Madrid); «Valor actual do electrochoque na terapeutica das depressões», pelo dr. Fernandes da Fonseca; «Traitement médicamenteux des dépréssions», pelo prof. J. de Ajuriaguerra (Genéve); «Os inibidores de MAO no tratamento das depressões», pelo dr. Fragoso Mendes; «Données expérimentales d'un dérivé de l'Iminodibenzyle (Tofranil», pelo prof. R. Oberholzer (Bale); «Resultados da terapeutica das depressões com Imipramida», do dr. Lopes da Silva; e «Ensaios clínicos e experimentais com Imipramina», pelo prof. Diogo Furtado.

No final, será projectado um filme sobre «Depressões».

XI Congresso Internacional de Talassoterapia

O programa científico do XI Congresso Internacional de Talassoterapia, que se reune no Estoril, de 28 a 30 de Maio, já está organizado, incluindo trinta trabalhos, apresentados por autores franceses, alemães, espanhois, italianos, brasileiros, jugoslavos e portugueses.

Como actividade preliminar do Congreso, o respectivo presidente, prof. Mário Rosa, fará uma conferência no dia 31 deste mês, na Sociedade Portuguesa de Hidrologia Médica, sobre «A água do mar como remédio», e será publicado um numero especial da «Imprensa Médica», dedicado á Talasoterapia.



AS BORBULHAS INCOMODAM-NA?

ENTÃO TRATE-AS COM «PÓ SULFODERME»:

...um, dois, três e num instante as borbulhas, pústulas, pontos negros e manchas ficaram cobertas com «Pó Sulfoderme» e nesse mesmo instante começou o tratamento da sua pele, porque cada partícula de «Pó Sulfoderme» contém enxofre, substância activa de acção eficaz amplamente comprovada.

Assim, «Pó Sulfoderme» deve considerar-se o «Make-upe» por excelência, pois que a sua cor é bastante próxima da tonalidade da pele, o que permite a sua aplicação de noite e o seu uso durante o dia, como um vulgar pó de arroz.

UM MEDICAMENTO ALEMÃO DE ALTA QUALIDADE

A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

PREÇO—ESC.—20$50

25 AUXILIARES de enfermagem graduados em Évora

ÉVORA, 19 — (*Pelo telefone*) — Amanhã, com a cerimónia da graduação de 25 novos auxilares de enfermagem — só um deles do sexo masculino — está em festa a Escola de Enfermagem São João de Deus, desta cidade, que desde a sua fundação, em 1956, já graduou 120 alunos de ambos os sexos.

Como é de tradição, a cerimónia reveste-se de especial significado e o programa inclui: ás 9 e 30, missa na igreja da Misericórdia; ás 21 horas, sessão solene, no ginásio dos Bombeiros Voluntários, presidida pelo chefe do distrito e na qual usarão da palavra os srs. Manuel Estanislau Vieira de Barahona, provedor da Misericórdia e presidente do conselho de administração da Escola; dr. António Pedro Fontes e Castro, e D. Maria Edite Ribeiro de Almeida, professores da escola, e o governador civil.

CURSO de aperfeiçoamento do pessoal administrativo dos hospitais regionais

Encerrado, ontem, o primeiro ciclo do curso de aperfeiçoamento do pessoal administrativo dos hospitais regionais, os seus componentes partiram esta manhã para Setubal, onde visitaram as instalações do Hospital da Misericórdia, regressando a Lisboa, depois do almoço.

O próximo ciclo do curso, promovido pelo Grupo de Estudos e Inquérito dos Hospitais Regionais, inaugura-se no dia 28.

ENGENHEIRO

Admite Empresa importante para organização científica do trabalho. Indicar idade, estudos, experiência, vencimento pretendido e quaisquer outros elementos que julgue de interesse. Resposta a este jornal ao N.º 530.

Os discos-voadores
preocupam os Governos
que fingem ignorá-los

LONDRES, 19 — Um perito britanico em discos-voadores afirmou hoje que existia uma «conspiração internacional» da parte dos governos para manter na obscuridade o seu vivo interesse por objectos voadores não identificados.

Esse técnico disse que estão ainda a ser assinalados todas as semanas, em todo o Mundo, cem casos de aparecimento desses objectos. Mas, apesar disso, a maioria dos governos nega a existência de discos-voadores.

Reginald Dutta, proeminente membro britanico do corpo internacional de observadores de discos-voadores, declarou a jornalistas que, na Grã-Bretanha, a política oficial era desfazer a ideia da sua existência.

«Se telefonardes para o Ministério da Aeronáutica, a vossa chamada será ligada para o departamento especial que trata disso e sereis informados que o que vistes é um balão meteorológico, um meteórito ou algo de semelhante» — disse o perito.

«Atrás disso, porém, existe outro departamento secreto vivamente interessado no assunto. Uma vez, conseguimos obter o numero do telefone, e ligámos para lá. Quando inquirimos acerca de discos-voadores, houve grande confusão e vivo desgosto naquele serviço. Duas horas depois, voltámos a telefonar e não conseguimos ligação — o numero já fora mudado».

CASOS CONCRETOS

Dutta citou dois casos de observação em massa de discos-voadores na Grã-Bretanha. Afirmou que em Março do ano passado um disco-voador pairou durante 20 minutos sobre o aeroporto de Londres. Um funcionário desse aeroporto estudou o disco por meio de um binóculo e, a seguir, convocou o comando de «caças». Quando os aviões chegaram, o disco-voador desapareceu a uma velocidade inacreditável.

O técnico prosseguiu, afirmando que a despeito de muitas testemunhas, a explicação oficial era a de que o planeta Venus brilhava intensamente, ou que se tratava do focinho cónico de um avião. «Tivestes alguma vez conhecimento do planeta Venus ter pairado sobre um aeroporto?» — perguntou Dutta. «Sabeis de qualquer avião que possa ficar suspenso no ar?»

Noutra ocasião, um disco-voador foi avistado ao largo da costa leste de Inglaterra. Viajava de Essex para Northumberland, e voltou para trás.

«Foi observado por milhares de pessoas e esteve visível durante cerca de hora e meia. Oito salva-vidas foram lançados ao mar durante a viagem. Não obstante, a explicação oficial, no dia seguinte, era de que se tratava de um meteoro» — continuou o técnico.

«Em 1954 — disse — um funcionário do Governo norueguês procurava fotografar o eclipse do Sol, quando foram avistados dois discos-voadores. Foram observados por cinquenta cientistas e fotografados. Uma observação em massa semelhante foi feita pela guarnição de um barco de guerra brasileiro. Nos Estados Unidos, um relatório de 1950 mencionava 40.000 casos desses, por ano, dos quais 23 por cento não podiam ser explicados».

«Agora, os Russos mudaram de opinião, e acreditam que crateras que se encontraram na Sibéria, foram feitas por discos-voadores. Os Sovietes puderam seguir a trajectória dos discos e as crateras encontram-se ainda radioactivas». — (R.).

O chanceler Adenauer conversa animadamente com o presidente Eisenhower, em Washington. Os dois estadistas, como se sabe, encontram-se na capital americana para discutir a posição ocidental em relação a Berlim e a orientação a assumir durante a próxima conferência Leste-Oeste, entre os quatro grandes, em Maio

Acordo para a cessação
das experiências nucleares

(Continuação da 1.ª página)

Fontes afectas á Conferência declararam que tanto o ministro de Estado britanico para os Negócios Estrangeiros, Ormsby-Gore, como o chefe da delegação norte-americana, James Wadsworth, tinham respondido a Tsarapkin considerarem a proposta soviética como sendo muito importante, prometendo que a iam estudar cuidadosamente.

Embora os delegados britanico e americano não tenham feito outro comentário á proposta soviética, a não ser afirmarem que é uma declaração muito importante, alguns observadores da conferência classificaram a proposta de «concessão considerável».

Ormsby-Gore perguntou a Tsarapkin quando estaria a U. R. S. S. preparada para iniciar o programa conjunto soviético-americano de investigação, conforme a proposta que acabava de apresentar.

Tsarapkin respondeu que o programa começaria quando o tratado fosse assinado. Não seria necessário esperar, contudo, pela ratificação do tratado.

No dia 11 de Fevereiro, os Estados Unidos apresentaram um plano pelo qual todas as experiências subterraneas superiores á magnitude sísmica de 4,75 (cerca de 20 quilotões) deveriam ser proibidas, as experiências inferiores a esta potência seriam permitidas. Há nove dias, a U. R. S. S. informara a Grã-Bretanha e os Estados Unidos de que aceitaria a proposta americana, se esta fosse apenas um elemento de fiscalização e não houvesse experiências nucleares abaixo ou acima daquela magnitude.

NÃO É EXIGIDA A FIXAÇÃO DO PERÍODO DE INVESTIGAÇÃO

Numa conferência de Imprensa realizada depois da reunião, Tsarapkin declarou que «se encontrava na sua fase final o trabalho de redacção de um tratado proibindo todas as experiências nucleares».

Depois acrescentou: «A União Soviética aceitou, igualmente, a proposta norte-americana para a realização de um programa conjunto de investigação e experiências pela Russia, Estados Unidos e Reino Unido, desde que todas as partes signatárias do tratado se comprometam simultaneamente a não realizar, durante este período, quaisquer experiências com armas nucleares produzindo abalos sísmicos de magnitude 4,75 ou magnitude inferior».

Tsarapkin concluiu dizendo «Nestes nossos esforços devemos todos caminhar em direcção ao objectivo, que é a conclusão de um tratado para a proibição permanente de todas as experiências com armas nucleares». — (R.).

Prosseguiu esta tarde
a disputa da taça
«Felix Bermudes»

Prosseguiu hoje o torneio da taça «Felix Barmudes», tendo-se efectuado dois dos três encontros, que compunham o programa da 5.ª jornada — ultima da 1.ª volta.

O Torriense, lutando com falta de jogadores, visto ter alguns elementos lesionados, não compareceu a disputar o seu encontro com o Benfica, que, desta maneira, marcou os pontos regulamentares.

Do que se passou nos campos do Restelo e de Alvalade damos a seguir breves notas.

Sporting—Atlético

Jogo no Estádio «José Alvalade», dirigido por José Vitorino e disputado pelos seguintes jogadores:

SPORTING — Carvalho; Alexandre e Morato; Ferreira Pinto, Galaz e Perides; Carlitos, Carlos Manuel, Monteiro, Cafum e Quim.

ATLETICO — Pinho; Carlos Alberto e Vítor Henriques; Fonseca, Vítor Lopes e Galinho; Apolinário, Mega, Pinto da Rocha, Bispo e Barbosa.

Como seria de esperar, o Sporting começou a partida deliberadamente ao ataque, como equipa superior que é e, depois de várias perdidas, colocou-se vencedor aos 17 minutos, quando Perides, ocasionalmente a extremo-direito, fez um excelente centro, que Monteiro, de cabeça, converteu no primeiro golo.

Precisamente dois minutos depois, Quim, na marcação de um «corner» directo, pôs o marcador em 2-0.

Entretanto, o Atlético pretendeu remar contra a maré, ensaiandn alguns «raids», que a defesa «leonina» — sempre atenta — anulou de pronto.

E, assim, foi sem espanto que, aos 35 minutos, a melhor organização dos «sportingues» forjou mais um tento, novamente por Quim, com um remate atirado de fora da área.

Feito o 3.º golo, os «leões» fizeram substituir Carlitos por Cabrinha.

A seguir, Barbosa cedeu o lugar a Teixeira, na equipa do Atlético.

Até ao intervalo nada houve digno de menção, acusando o marcador 3-0, a favor do Sporting.

Belenenses—Olivais

Jogo no campo de treinos do Estádio do Restelo, sob a arbitragem de António Carrola e com os grupos assim formados:

BELENENSES — Nascimento; Castro e Bento; Carlos Silva II, Figueiredo e Rosendo; Mendes, Tonho, Martinho, Madaleno e Chaves.

S. L. OLIVAIS — Moutinho; Videira e Frutuoso; Eugénio, Carlos Alberto e Casimiro; Mordido, Nobre, Américo, Augusto e M. Silva.

O Belenenses dominou durante toda a 1.ª parte, mas a réplica animosa do Olivais retardou a marcação de golos. Assim, só aos 26 minutos, em seguida a Vitor Silva ter substituido Chaves, que, por sua ve, ocupou o lugar de Carlos Silva II, que saiu, é que o Belenenses abriu o activo, numa recarga de Madaleno, após jogada confusa, junto das redes dos visitantes.

Três minutos depois, Tonho, após jogada pessoal, elevou a marca para 2-0. A seguir Vitor Silva foi expulso, por entrada violenta a um adversário. Quando faltavam dois minutos para o fim da 1.ª parte, Tonho, de grande penalidade, fixou a marca em 3-0—resultado com que se atingiu o descanso.

Críticas severas
dos socialistas e conservadores
por de Gaulle se recusar a convocar o Parlamento

PARIS, 19 — A decisão do general de Gaulle, de não convocar o Parlamento em sessão extraordinária, para discutir os problemas agrícolas, está a provocar protestos cada vez mais numerosos nos vários círculos políticos franceses. Mas não é a situação agrícola, por muito grave que seja, que provoca toda esta celeuma. E' o gesto do presidente que se comenta com severidade. Põe-se em causa a evolução do regime e a sua tendência para um poder pessoal cada vez mais forte.

Foi um deputado do centro, Patrice Brocas, vice-presidente do grupo da União Democrática, que abriu as hostilidades condenando, numa declaração, a recusa do Chefe do Estado.

«O Executivo tem a obrigação constitucional de aceitar o decreto de abertura da sessão extraordinária — afirmou. Isto resulta do texto do art.º 29.º da Constituição: «O Parlamento reune-se em sessão extraordinária a pedido do primeiro-ministro ou da maioria dos membros que compõem a Assembleia Nacional. Portanto, encontramo-nos hoje perante evidente violação da Constituição, cometida pelo Executivo contra o Poder Legislativo. Assim que começar a sessão ordinária, vou propor aos membros do grupo radical e da esquerda democrática — a maioria dos quais me apoiou já — e aos membros dos outros grupos para apresentar uma moção de censura ao Governo».

Maurice René Simonet, secretário-geral do Movimento Republicano Popular, partido cristão-moderado que faz parte da maioria governamental e tem ministros no Gabinete, pronunciou-se menos severamente: O general de Gaulle «tomou, como político, uma decisão política. Pessoalmente, lamento essa decisão». Para Simonet, a Constituição «tem cada vez menos possibilidades de sobreviver ao seu autor».

VIOLAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO

O Partido Socialista Francês (S. F. I. O.) e o seu secretário-geral, o antigo presidente do Conselho Guy Mollet, também desaprovam formalmente a atitude de de Gaulle. Embora não pertencendo ao Governo, o Partido Socialista (S. F. I. O.) tem apoiado até agora, embora com reservas, a acção do presidente nas mais importantes questões políticas. Esta boa vontade fora já abalada pelas recentes declarações acerca da possibilidade do prolongamento das hostilidades na Argélia. Ontem, á noite, pela primeira vez, Guy Mollet criticou abertamente de Gaulle:

«A decisão do presidente da Republica é a unica que ele não podia tomar. Ou considerava a vontade de 287 parlamentares que pediam uma sessão extraordinária, e convocava o Parlamento, ou considerava essa maioria não representativa. Nesse caso, tinha que dissolver a Assembleia. Nestes dois casos, e só nestes dois casos, teria respeitado o espírito e a letra da Constituição».

O Directório do Partido Socialista convocou para o próximo dia 22 uma reunião conjunta do grupo parlamentar e do Directório para se definir a atitude do Partido e dos deputados socialistas perante a situação presente.

Também Paul Coste-Fleuret, antigo ministro e deputado do M. R. P., afirmou numa conferência pronunciada na Faculdade de Direito que a atitude de de Gaulle era «violação dos textos á luz de um processo de intenção». Depois de analisar a Constituição, concluiu pedindo ao presidente da Republica para aplicar integralmente a Constituição, sem o que «a porta da aventura ficará, infelizmente, aberta de par em par». — (F. P.).

BAR EXPRESSO TERMINUS
R. Primeiro Dezembro, 71
Telefone 24597
Amanhã: Domingo
Lampreia á Moda do Minho
Paelha á Valenciana
Reserve a sua mesa

VA TODOS OS DIAS AO
Restaurante «Imperial» do Carregado
Prato da casa: «Ensopado de enguias».
Diferente de tudo
Telef. 21

MÓVEIS
MODERNOS
DE INEXCEDÍVEL BOM GOSTO
E
DE ESTILO
DE GRANDE CLASSE
FÁBRICA PRÓPRIA
TECIDOS
NACIONAIS
E ESTRANGEIROS
A MAIS BELA E VARIADA COLECÇÃO
MÁRIO RIBEIRO, LDA.
Rua dos Navegantes, n.º 46-A
TELEFONE 668262
Av. Miguel Bombarda, n.º 65-A
TELEFONE 733334
LISBOA

BARRETE VERDE Benavente Tel. 74
O MAIS ORIGINAL E TIPICO RESTAURANTE DO RIBATEJO
(NOVA GERÊNCIA) — DOMINGO DIA 20 — ALMOÇO REGIONAL
EMENTA: — AÇORDA DE SÁVEL — Caldeirada á Rio Sorraia — Filetes á Campino — Cabrito Assado á Barrete Verde — Dobrada á Portuguesa e Lombo á Lezíria, etc., etc.
RANCHOS FOLCLÓRICOS — FANDANGO — ACORDEONS
CHÁS DANÇANTES com ORQUESTRA DO BARRETE VERDE
(M/15 ANOS)

magazine

Diario de Lisbôa NÚMERO 88 Diario de Lisbôa

SUGESTÃO PARA O VESTIDO DE CASAMENTO

Publicamos hoje uma saborosa fantasia apresentada pela encantadora Princesa Margarida quando ainda não estava em idade casadoira. Pode bem ser que constitua um muito útil elemento de inspiração para o seu feliz noivo e lhe sugira a linha ideal para o fato de noivado que procura criar para a sua futura e linda esposa.

UMA RIVAL DE CALLAS

E' loura, inteligente, bela e possui uma voz extraordinária

Tem 27 anos. E' loira. Inteligente. Bela. Acrescentemos a tudo isto uma voz (neste caso queremos dizer uma voz falada e não cantada) de uma imensa sedução e compreendereis porque ao interrogá-la o tempo parece mais rápido, mais cheio de interesse, numa conversa apaixonante sobre problemas artísticos e humanos.

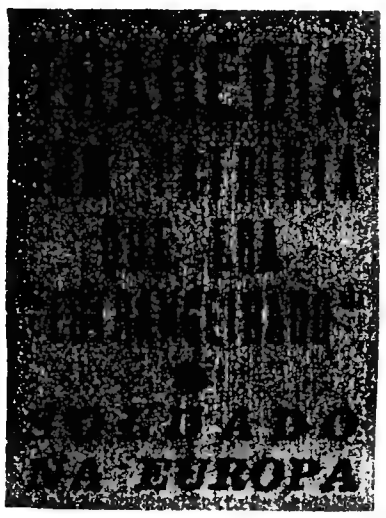
*

Quando Jane Rhodes desempe-

(Continua na 6.ª página)

JANE RHODES NO PAPEL DE CARMEN

Escândalo na TELEVISÃO



Apesar de tudo, português

A actividade diplomática do Governo da Senhora D. Maria era ás vezes de esquisita lentidão Em 26 de Abril de 1789 a «Gazeta Oficial de S. Petersburgo» publicava a lista de condecorações, por feitos de guerra, na qual o nome de Gomes Freire de Andrade vinha incluido; em 28 do mesmo mês, o

por AUGUSTO DA COSTA

embaixador Horta Machado comunica jubilosamente o facto ao Governo português: «Gomes Freire de Andrade entrou no numero dos que receberam a Ordem Militar de S. Jorge das mãos da Imperatriz. Com que trará daqui por diante no seu vestido um sinal de ter sido bravo(...). Apenas poderei explicar a V. Ex.ª a satisfação quanto isto me tem causado. Quando agradeci ao Marechal Principe Potemkin a boa conta que devia ter dado do meu Compatriota, e que lhe tinha conseguido esta distinção, respondeu-me: «Mr. Freire serviu perfeitamente bem»; em 1 de Maio volta ao assunto. Com que resultado? Um ano e meio depois (24 de Setembro de 1790) é que Luís Pinto de Sousa Coutinho, encarregado dos Negócios Estrangeiros de D. Maria, agradece ao Governo russo a distinção feita a Gomes Freire! Nessa mesma altura, Sousa Coutinho, comunica também ao bravo

(Continua na 7.ª página)

A decadência dos "cabeças de ovo" na América

O professor Charles Van Doren, que durante 3 anos foi premiado nos concursos da Televisão, mas estava «feito» com os organizadores

Dizem os bons amigos dos Estados Unidos que a maior das contradições observadas na vida da grande nação americana é a existência duma profunda crise de educação moral

Está neste caso Charles Van Doren, verdadeiro símbolo da decadência dos «cabeças de ovo».

*

O pai de Doren e toda a sua família, ocupavam um lugar reservado e respeitado na literatura americana, e, ele próprio, ainda adolescente durante a segunda guerra mundial,

por HENRI BATAILLON

dispunha de um posto de responsabilidade, no seio do corpo de ensino duma Universidade.

A certa altura abriu-se-lhe a possibilidade de ficar rico. A América fora assaltada por uma verdadeira febre de espectáculos de televisão que se apoiavam sobretudo no sadismo e cupidez: os «ecrans» dos televisores enchiam-se de caras angustiadas e sofredoras perante perguntas que só uma prodigiosa memória podia responder. Um deles receberia mais dinheiro que por toda a sua vida de trabalho bem pago; aos restantes caberiam prémios de consolação de valor ínfimo.

Nem ao menos se pode dizer que estes programas tivessem o mérito de se destinarem a distrair o publico (a não ser que os combates dos gladiadores nos circos romanos também o fossem). Eram, sobretudo, símbolo duma mentalidade que se tornou a atitude normal dos Americanos. Deixavam-se hipnotizar pela contemplação passiva de objectos materiais abandonando (salvo poucas excepções) todo o interesse pela musica séria, pela literatura e arte, e até mesmo pela discussão filosófica em proveito destas lotarias publicas que davam automóveis, rendas perpétua em sabão, e frigoríficos dos ultimos modelos.

Claro que estes espectáculos não se dirigiam á verdadeira inteligência — impossivel de refazer — mas apenas á faculdade de recordar pormenores. E', aliás, a confusão entre estas duas coisas que caracteriza o sistema de educação americana.

*

Van Doren — ele próprio o reconheceu no inquérito que este célebre caso originou — estava ao corrente da fraude antes de participar no programa . Aceitou conscientemente o jogo sujo fazendo o papel de grande triunfador desses programas na sua qualidade de intelectual muito «culto». Sabia, portanto, de antemão que todos os adversários ao lado da mais extraordinária civilização técnica.

Trucidado por uma encarniçada batalha pela vida, baseada na competição e na lei do mais forte, o homem americano, livre de tradições, boas e más, é dotado de um espírito verdadeiramente prático, mas usa-o, quase exclusivamente em acções materialmente lucrativas. Lucro, proveito, vantagem, máximo benefício — eis a lei que comanda a sua vida de todos os dias, quase de todos os momentos.

A crise do intelectual na América, acentuou-se, particularmente a partir dos grandes processos, prisões e desconfianças que sofreram na época macartista, quando o termo «cabeças de ovo» entrou no vocabulário corrente para designar, depreciativamente, o homem culto.

Os mais corajosos lutaram, outros, vexados ou desiludidos, abandonaram a vida publica, muitos se adaptaram ás exigências do meio ambiente entrando na luta do «circo romano» ajudando assim a confundir e a desajudar o publico americano.

(Continua na 6.ª página)

CHUVA de petróleo e de neve

Periódicamente, os tecnicos e os operários empregados nos poços petroliferos vivem horas angustiosas dignas dos mais belos filmes de aventuras. Os 357 trabalhadores de um desses poços, na Provincia de Salta na Argentina, a 1.800 metros da fronteira brasileira, viveram uma dessas peripécias dramáticas. A sonda desceu a uma grande profundidade, perto de 4.000 metros, quando um jacto de petróleo e de gás, de uma potência extraordinária saiu do estreito poço, rebentando todos os sistemas de segurança, subindo até uma altura de centenas de metros.

Sob a acção do vento, o petróleo caiu em forma de chuva miuda sobre toda a região, embebendo pouco a pouco a terra, os habitantes e as casas. A' menor falta de atenção era o incêndio e a explosão.

Os operários e os engenheiros, todos argentinos, conduziram uma luta gigantesca e extenuante trabalhando apenas a mão, pois nenhum motor podia ser utilizado, enquanto unidades militares estabeleciam um cordão sanitário a toda a volta da região.

Todos os esforços eram vãos. Foi pedido urgentemente por avião aos Estados Unidos uma valvula de segurança de um tipo especial, mas foi impossivel fixá-la. Nalgumas tardes o calor das ferramentas era tal que se esperava a todo o momento que uma faulha viesse provocar a catástrofe, inflamando a nafta.

Os especialistas americanos que foram chamados, antes de tentarem aproximar-se dos poços «revoltados» tiveram uma ideia de segurança verdadeiramente genial e original. Fizeram cair 1.000 toneladas de neve carbonica sob a

(Continua na página seguinte)

A PAZ DE DEUS

por João Campos

«1.º — *Não invadirei de qualquer forma a Igreja: não forçarei os seus celeiros, respeitando a protecção que lhe é devida ..*

2.º — *Não assaltarei o clerigo ou o frade que não leve armas, nem os que vão com eles sem lanças nem escudos, e não me apoderarei dos seus cavalos, a menos que tivessem cometido alguma falta contra mim..*

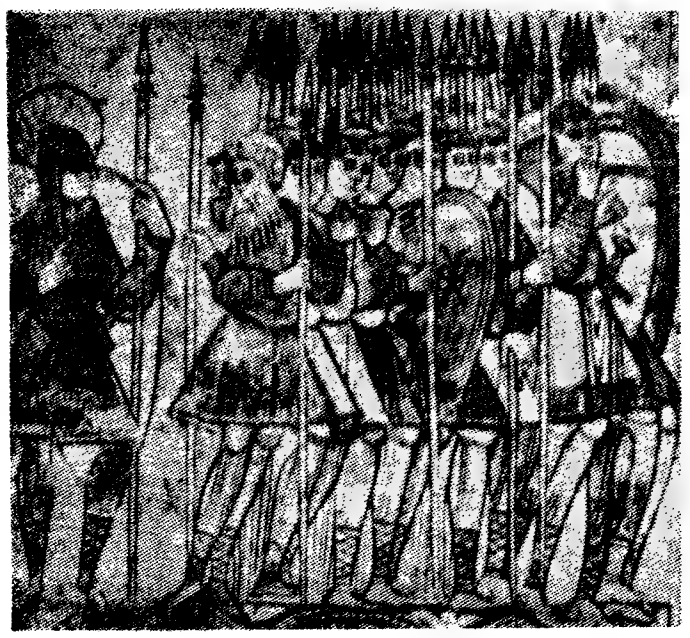
3.º — *Não roubarei nem boi nem vaca, nem porco, nem carneiro nem borrego, nem cabra, nem burro, nem a carga que eles carreguem, nem égua, nem poldro amansado.*

4.º — *Não assaltarei, nem o vilão, nem a viloa, nem os meirinhos, nem os mercadores e não prenderei estes ultimos para lhe ficar com os bens...*

5.º — *Não retirarei pela força, nem o macho, nem a mula, nem o cavalo, nem a égua, nem o poldro das minhas pastagens no dia 1.º de Março (dia das pastagens), salvo se me estiverem a fazer grande prejuízo.*

6.º — *Não incendiarei, nem destruirei casas.*

7.º — *Não cortarei, nem desinterrarei, nem estragarei as vinhas dos outros, sob pretexto de guerra, a menos que seja em terra minha...*



8.º — *Não destruirei os moinhos nem pisarei o trigo que neles e á volta deles se encontrar, a menos que não vá montado e seja nas minhas terras...*

9.º — *Não protegerei um ladrão de estrada, mesmo que seja conhecido.*

10.º — *Não assaltarei o negociante nem o peregrino e não tomarei os seus bens, se ele não tiver cometido qualquer falta.*

11.º — *Não matarei os animais do vilões, salvo para as minhas necessidades e dos meus. Não roubarei o vilão e não lhe tomarei os bens, perfidamente, mesmo em nome do seu senhor.*

12.º — *Não assaltarei as mulheres nobres, sem marido, nem os que as acompanharem.*

13.º — *Aos que transportam vinho em carros, não lhes tirarei nem o vinho, nem os bois que conduzam...».*

* * *

Este curiosissimo documento foi descoberto pelo erudito francês Paul Fabre, na Biblioteca do Vaticano. E' a fórmula de um juramento redigido no ano de 1023 pelo bispo de Beauvais, destinado a ser subscrito por todos os bispos da provincia de Reims e jurado pelos senhores feudais.

Toda a enunciação dos seus 13 pontos nos dão uma amostra muito sujestiva e dolorosa das violências diárias, cometidas correntemente pelos senhores feudais, dispondo de poder absoluto e arbitrário sobre as pessoas e as coisas que se encontravam dentro do seu feudo. A atmosfera de guerra e de violência era tal que só o poder da Igreja a acalmaria, com as suas ameaças e castigos divinos. Mas não só isso. Mobilizando também os homens para a acção prática como o testemunho e poderoso movimento que ficou na História da Igreja como uma das mais humanas manifestações de luta pela concórdia entre os homens nas doces terras da Provença.

Julga-se que se deve ao clérigo Aquitaine a iniciativa de uma Assembleia de Bispos e Abades destinada a lutar pela paz entre os homens. A mais conhecida dessas reuniões é a que o arcebispo de Bourges convocou em 1038 que mereceu de um religioso desse tempo os seguintes comentários:

«Tendo convocado os bispos da província, e, de acordo com os votos aprovados, impôs a todos os homens de idade superior a 15 anos a obrigação de se reunirem para tratar como inimigo todo o violador do pacto concluído; de não se revelarem, sob nenhum pretexto ao dever de distribuirem os bens desse traidor; e, também, se a necessidade o exigir, pegar em armas para combater os que destruirem a paz».

«Os próprios ministros do culto não foram excluidos desses deveres e muitas vezes chegaram a ter de impunhar o estandarte do Santuário do Senhor para o erguer ao lado da massa laica do povo contra aqueles que violavam a paz jurada».

«Outras vezes caçavam o perfido e arrasavam-lhe o castelo até aos alicerces. O terror que infundiam aos rebeldes, com a ajuda de Deus, era tal que logo que se espalhava a notícia da chegada dos fieis, as portas das fortalezas se abriam, e os faltosos tomados de terror, abandonavam tudo e procuravam refugio nas florestas».

Os conjurados da «Paz de Deus» obrigavam ainda os exércitos feudais, em guerra quase permanente, a suspenderem as hostilidades durante certos dias determinados. Não lhes sendo possivel evitar que os partidários da guerra continuassem a luta tentaram pelo menos limitar-lhe os malefícios. Assim em 1041 conseguiram fazer aprovar ao bispo de Provença a proibição de guerrear pelo menos em quatro dias por semana.

«Que depois do sol-posto da véspera de sábado uma paz constante e uma trégua estável reine entre todos os cristãos amigos e inimigos, vizinhos e estranhos, até segunda-feira, isto é, até ao nascer do Sol de terça-feira, a fim de, durante quatro

dias e quatro noites, toda a gente possa fazer o que precisar, livre de todo o receio dos inimigos e confiante na tranquilidade e na Paz que esta trégua lhes dá».

E' sabido que estes esforços e boas intenções não bastaram para travar o baço violento dos barões da Idade Média, mas nem por isso tem menor interesse evocar este belo e secular exemplo de pacificação, dar a conhecer este humanissimo movimento de «Paz de Deus», acção verdadeiramente precursora dos esforços actuais para a obtenção da Paz dos Homens.

Carlos Ramos

acompanhado à guitarra por **Carvalhinho**
e à viola por Martinho **d'Assunção**

A MINHA GUITARRA
FADO DAS QUEIXAS
BENVINDO SEJAS
FADO DO SILÊNCIO

DISCO COLUMBIA SLEM 2005

CARLOS RAMOS é um dos mais categorizados intérpretes do fado.

Há na sua voz tudo o que caracteriza um artista de classe: expressão, calor e, talvez acima de tudo, aquele timbre tão pessoal, roufenho talvez, mas incontestàvelmente pleno de verdadeiro sentido fadista.

Com a utilização dos novos processos de gravação em Alta Fidelidade todos esses predicados são integralmente captados, sendo-nos agora possível ouvir a sua voz com absoluta verdade.

Não há a mais leve distorção, o mais leve retoque. Ouvir Carlos Ramos em Alta Fidelidade corresponde a ouvi-lo cantar como se estivesse junto de nós.

Tal é o objectivo deste novo processo, plenamente atingido neste disco.

Disco publicado pelos
Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO, LDA.
R. Nova do Almada, 97

(Continuação da página anterior)

região, submergindo o perigo, e foi então que, sob uma atmosfera baixa conseguiram tapar os jazigos. Entretanto, 10.000 toneladas de petróleo tinham caído em forma de chuva na região e talvez mais de 20 milhões de metros cúbicos de gás tenham saído dos poços.

* * *

Alguns meses antes uma ourta erupção do mesmo genero se produziu no Irão, e parece ter sido a mais importante até agora registada. A Sociedade Nacional Iraniana, procurava petróleo na região de Qum. Várias perfurações tinham sido já feitas sem resultado. O furo n.º 5 atingiu a profundidade de 2.676 metros quando, eram 3 horas da manhã, um poderoso jacto de petróleo e de gás começou a sair com uma pressão calculada em 800 quilos por centímetro quadrado.

Toda a aparelhagem foi imediatamente destruida. O débito atingiu proporções nunca vistas até então: mais de 15.000 toneladas de petróleo por dia e cerca de 7 milhões de metros cúbicos de gás.

O petróleo, em verdadeiros regatos, correu por uma depressão de terreno onde rapidamente se formou um lago de mais de cem mil toneladas, onde os camiões-reservatórios passaram a ir abastecer-se.

Foram necessárias mais de seis semanas de trabalho para tapar o poço. O curioso é que uma vez tapado, nunca mais deu petróleo e todas as futuras investigações e perfurações foram infrutíferas.

Segundo os especialistas, estas erupções gigantescas nem sempre testemunham a presença de importantes jazigos de hidrocarbono.

De facto, nunca mais qualquer perfuração feita na região do poço n.º 5 de Qum deu qualquer indício de petróleo.

MOVEIS

Comerciais e domésticos modernos e todos os estilos estofos e decorações

Encontra V. Ex.ª nos nossos estabelecimentos em exposição ou executamos nas nossas oficinas próprias por preços acessíveis e com facilidades de pagamento e troca.

Armazens de Móveis Jorge
Av. Almirante Reis, 35
(Aos Anjos)

ARTIS, Rua Andrade, 64

DECORALIA, Av. Almirante Reis, 186 (frente ao Cinema Império)

bia Saudita com 6,2 biliões. Logo a seguir vêm os Estados Unidos com 1,7 biliões, o Irão, 4,4 biliões, e depois um outro pelotão com a U. R. S. S. com 3.5, o Iraque com 3,3; finalmente a Venezuela com 2,3 e as Indias Orientais com 1,2 biliões, etc.

Basta a enumeração destes países para se observar o carácter heterogéneo da industria petrolífera. Os países potencialmente mais ricos não são, forçosamente, como vimos, nem os maiores produtores nem sequer os principais consumidores.

A produção mundial anda na ordem dos 926 milhões de toneladas em 1958 e dividem-se da seguinte forma: 39 % nos Estados Unidos, 23 % no Médio Oriente, 16 % nas Caraíbas e apenas 14 % na U. R. S. S. O desequilibrio entre as regiões americanas e as do Médio Oriente é, como vemos, muito grande, concluindo-se que os primeiros esgotarão as suas reservas muito rapidamente.

São os Estados Unidos que asseguram uma maior produção com 358 milhões de toneladas, seguidos da Venezuela com 135 e a U. R. S. S. com 111 milhões.

Muito atrás vem o Koweit que apenas fornece 69 milhões, depois a Arábia Saudita com 49, o Irão com 39 e o Iraque com 35.

O consumo de produtos petrolíferos revelam curiosidades ainda mais importantes. Os Estados Unidos vêm á cabeça «queimando» 47 % do total mundial. A seguir vem a Europa Ocidental com 17 % apesar de ter apenas 200 milhões de toneladas de reservas e só produzir 12 milhões.

Este desequilibrio traduz-se por um extraordinário «movimento» de petróleo entre os diversos países, movimento que afecta 40 % de toda a produção de petróleo mundial. Isto é, os países subdesenvolvidos, grandes produtores exportam para os países industriais, pobres de petróleo. E aqui começa a questão dos transportes petrolíferos, outra das grandes fantasias do nosso tempo.

Para uma frota de 55 milhões de toneladas de navios-tanques, pesados, a Libéria (uma das tais frotas piratas) detém 10,5 milhões, ou seja 19 % do total, a Grã-Bretanha, 16 % os Estados Unidos e a Noruega 15 % cada e o Panamá 7 %. Numa palavra: Nunca são os mesmos países, nem em reservas, nem em produção, nem em consumo, nem nos transportes...

E já agora que falámos de petróleos, já que nos impregnámos desse líquido penetrante, cheiroso e inflamável, vamos também falar de outro combustível que, se não banha queima a nossa vida de todos os dias. Falemos, portanto, do carvão, seu irmão e seu rival.

A situação carbonífera não melhora em toda a Europa Ocidental muito pelo contrário. Mês após mês, semestre após semestre, graças aos meios técnicos empregados, a produção cresce quase em flexa, o que significa que as reservas recuperáveis estão cada vez mais reduzidas o que traz muita gente alarmada.

Em relação ao primeiro semestre de 1958 a produção relativa ao mesmo período do ano passado, dentro dos países da C. E. C. A., subiu em 4,4 % no Sarre, 5,5 % na Alemanha Federal, 6,2 % na Itália, e 20,5 % na Bélgica. A produção continua estacionária em França mas os «stocks» são tais (atingem já 10,2 milhões de toneladas, que começa-se a recorrer a dias parados em certas bacias carboníferas.

O total de «stocks» atinge 32 milhões de toneladas nos países dentro da C. E. C. A. e ultrapassa os 43 milhões na Grã-Bretanha, o que, naturalmente vem agravar a situação de emprego que em 1958 se traduzia por uma «libertação» de 57 000 mineiros na C. E. C. A. e de 29 000 em Inglaterra.

Cada vez se torna mais claro que a crise carbonífera não é apenas uma crise conjuntural (devida á crise económica geral) mas também uma crise estrutural, ou seja o resultado do abandono do consumo do carvão em proveito de outros combustíveis na produção da energia necessária á vida moderna. Parece que o petróleo é um dos grandes culpados desta situação, pelo menos é isso que se prova através as estatísticas.

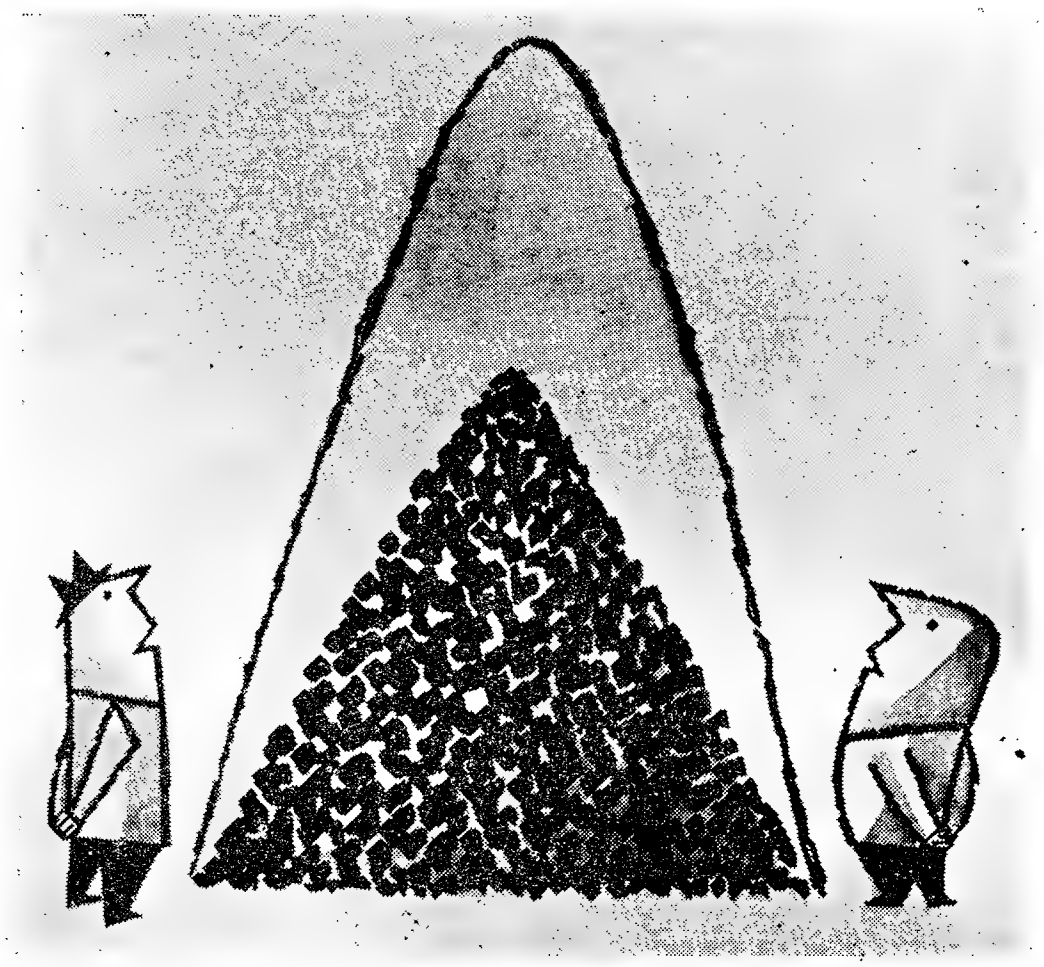
Na Grã-Bretanha os grandes consumidores de carvão, reduziram o consumo de hulha de 1,6 milhões de toneladas no decorrer do ultimo semestre, enquanto que o seu consumo de fuel-oil aumentou cerca de 330 000 toneladas. Os mesmos fenómenos se observam na Bélgica, em França, na Alemanha Ocidental e nos restantes países com agravamento nos não carboníferos que tinham de importar todo o seu consumo de carvão. É o caso também do nosso País que tem procurado substituir as importações de carvão nas nossas centrais eléctricas e comboios pela electricidade das barragens.

A substituição do carvão por outros energéticos não suscita apenas preocupação e protestos dos mineiros mas também chama a atenção dos homens responsáveis no

O petróleo «banha» de tal modo, presentemente, a vida de todos nós que devemos, de vez em quando, fazer-lhe um rápido balanço.

Comecemos por definições. «Riqueza petrolífera» é uma noção muito relativa. Qualquer território por ser julgado durante muito tempo pouco favorecido pela natureza e de um dia para outro descobrir que regorgita de petróleo. Foi, por exemplo, o caso do Sahara, e, em certa medida, pode ser o caso da nossa Angola. As «reservas» petrolíferas» variam, por isso, de ano para ano, segundo os progressos de localização dos jazigos. As reservas mundiais são calculadas, actualmente, em 37,3 biliões de toneladas recuperáveis, equivalentes a 40 anos de consumo mundial na base do ano de 1958. Destas reservas 62 % encontram-se no agitado Médio Oriente, 13 % nos Estados Unidos. 10 % na U. R. S. S. e 7 % na região das Caraíbas.

O país que detém as reservas mais formidáveis é precisamente um dos mais pequenos e mais artificiais do Mundo: o principado de Koweit, com 8,1 biliões de toneladas. O segundo, é praticamente um deserto dos mais vastos: A Arábia Saudita com 6,2 biliões. Logo a seguir vêm os Estados Unidos com 1,7 biliões, o Irão, 4,4 biliões, e depois um outro pelotão com a U. R. S. S. com 3.5, o Iraque com 3,3; finalmente a Venezuela com 2,3 e as Indias Orientais com 1,2 biliões, etc.



abastecimento de combustível dos seus países:

Numa declaração oficial o Partido Trabalhista inglês acaba de afirmar o seguinte: «Perguntamo-nos se de facto interessa a Grã-Bretanha ser tributária de importações petrolíferas para cobrir as suas necessidades de energia».

Talvez pela mesma razão em França se erguem as vozes reclamando uma política que permita cobrir as necessidades energéticas por recursos nacionais. Quem sabe se não é por uma das importantes fontes do petróleo francês se encontrar sob as areias da Argélia que o drama do Norte de África se arrasta há tanto tempo.

Em

O LIVRO DE BOLSO

— biblioteca completa de obras ficção, história, viagens, ensaios, divulgação e arte — vai sair dentro de dias

de

Roger Vailland

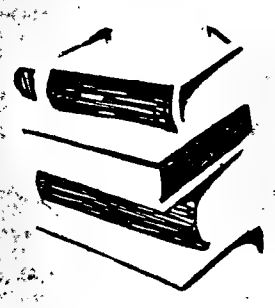
e

Raymond Manevy

É uma empolgante reconstituição histórica que inaugura a série

*

Na já famosa série de ficção contemporânea é apresentada, pela primeira vez em Portugal, a grande escritora russa



no mais belo romance até hoje escrito sobre a infância

O LIVRO DE BOLSO

PORTUGÁLIA EDITORA

A ÁGUIA DAS ASAS CORTADAS

O próximo dia 20 faz precisamente 149 anos que o pequeno Napoleão Francisco José Carlos, vinha ao Mundo, no Palácio das Tulleries, por uma fria manhã de Primavera parisiense. O canhão começou a troar: vinte e um tiros seria uma rapariga e cento e um o Rei de Roma.

Um pesado silêncio caiu sobre Paris. «Ao vigésimo segundo tiro o entusiasmo rebentou, delirante, indescritível. Napoleão escutava e olhava o espectáculo, e grossas lágrimas de alegria lhe rolavam pela cara». Naquele momento pensava ter realizado, verdadeiramente, o sonho de ser dono do Mundo.

Em 1809, depois de ter derrotado o Exército austríaco, em Wagram, Napoleão assinou em Schoenbrunn um tratado de paz que regularizava os limites do seu imenso império. Estava no seu apogeu e precisava cuidar do seu herdeiro. Divorciou-se da ervanda Josefina e casou com a filha do imperador Francisco I de Áustria, que acabara de derrotar tão cruelmente.

Era desse casamento o pequeno rei de Roma que acabara de nascer. Várias vezes durante o dia, seu pai o visitava, vigiando os cuidados das amas e analisando a robustez do pequeno corpo. Confiou mesmo ao seu amigo Duroc: «A glória espera-o. Para possuir o Mundo basta-lhe estender os braços».

Crescia rapidamente e quando começou a dar os primeiros passos foi para ir até ao gabinete do pai. O guarda da porta tinha ordem para abrir só quando ele viesse acompanhado da governante, mas a criança irritava-se e gritava, batendo com o pé:

— «Mas eu sou o pequeno rei!

Napoleão era impiedoso na sua lógica de opressão. Os povos, mal domados, revoltaram-se. Tinha de continuar a guerra, ainda e sempre. Em 1812, teve de deixar o filho para se juntar ao Grande Exército, na marcha para as fronteiras russas. Afundava-se a Leste, para o seu destino. Ao sofrer, nas planícies geladas e sem fim, os seus primeiros desaires, Napoleão dirigiu-se a Paris onde chega em Dezembro de 1812. Desta vez não entra em triunfo. Encontra o pequeno Napoleão, rosado, bonito, mas colérico e absoluto.

Nos primeiros dias de 1813 «começa o fim». O seu império começa a ser batido por fortes ventos contrários, e, pouco a pouco, desfaz-se, até á pequena Ilha de Santa Helena, e com a proibição de ter o filho com ele.

A 21 de Maio de 1814, Maria Luísa e o então príncipe de Parma chegam às portas de Viena, como vítimas, que era preciso consolar. Toda a gente olhava o pequeno Napoleão com curiosidade e não com hostilidade. O arquiduque Jean, irmão do imperador, escreveu no seu diário: «um rapaz bonito, louro, de olhos azuis, mas com os traços, o olhar, o orgulho, o carácter e o espírito do pai: Bem educado pode fazer-se dele alguma coisa».

Esse «alguma coisa» era torná-lo um «príncipe alemão», instrumento da Santa Aliança que visava manter o absolutismo, cujos membros tremiam só em ouvir o nome de Napoleão. Além de ser essa uma necessidade da política austríaca era também o desejo da mãe.

É isso que vai tornar a infancia do jovem Francisco sombria. Tinha quatro anos quando seu pai desaparece da cena do Mundo, e com uma memória já muito aguçada, não esquecia facilmente o tempo que passou nas Tulleries e recordava-se, demasiadamente bem, do pai poderoso.

Uma verdadeira multidão de educadores rodeavam o pequeno, «cheio de graça, de encanto, mas difícil de deixar-se conduzir por ter um espírito altivo e não gostar de ser contrariado». Mas aos 7 anos quase não sabia o francês e a recordação do pai estava muito desvanecida. Gostava de história, de geografia e nas festas e nos bailes da corte obtinha um êxito precoce.

*

A 5 de Maio de 1821, Napoleão morre em Santa Helena, depois da aventura dos «cem dias». No testamento deixa tudo ao filho «quando este chegar aos 17 anos».

Aos 15 anos, o pequeno duque de Reichtadt era já tão alto como sua mãe, montava bem a cavalo, desenhava cartas topográficas e chamava «inimigos» aos Franceses.

Contudo, aos 17 anos mudou bastante. Trabalhava muito, reaprendeu o francês correctamente, assim como o italiano. Começou a estudar profundamente a história (particularmente as campanhas de Napoleão) e leu com extraordinária emoção o testamento de seu pai. Numa carta que então dirigiu á mãe dizia: «Esforço-me por ganhar o tempo perdido a fim de, quando me tornar a ver, lhe oferecer a imagem de um ser moralmente melhor, sobretudo mais nobre, que lhe faça recordar o nome de meu pai».

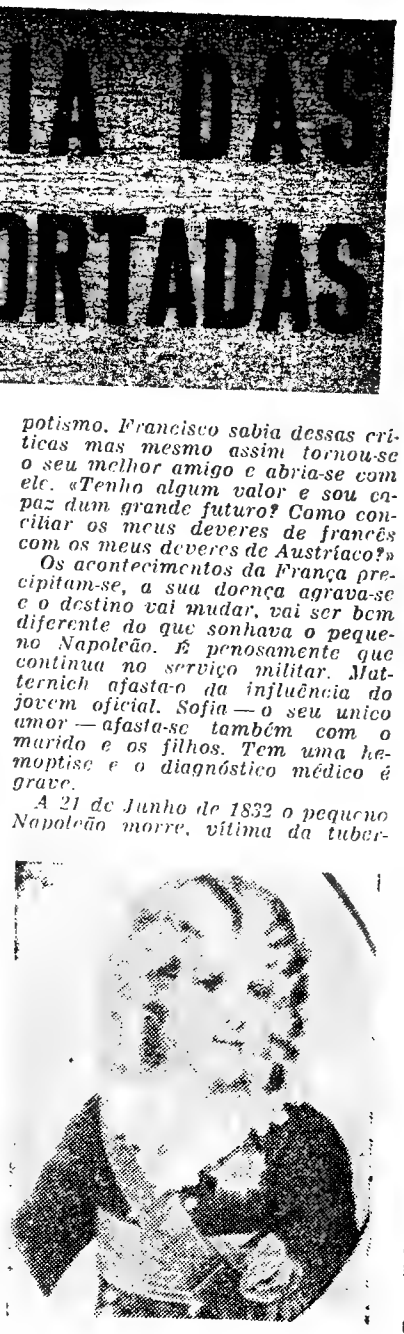
Pensava ardentemente em representar ainda um papel importante na cena do Mundo. Mas qual? A Polícia de Metternich (todos os criados que o serviam eram polícias) vigiava todos os seus actos. Francisco media 1m,80 de alto. Era um rapaz sedutor, mas ao andar mais rapidamente cançava-se e tinha, de vez em quando, períodos de febre. Apesar disso não consentiu que o privassem dos exercícios militares e delirou quando a mãe lhe entregou, um dia, o sabre que o general Napoleão utilizou durante a campanha do Egipto.

Em 1830 conheceu um oficial de 34 anos, muito inteligente, que embora considerasse Napolcão um grande militar, lhe criticara o despotismo. Francisco sabia dessas críticas mas mesmo assim tornou-se o seu melhor amigo e abria-se com ele. «Tenho algum valor e sou capaz dum grande futuro? Como conciliar os meus deveres de francês com os meus deveres de Austríaco?»

Os acontecimentos da França precipitam-se, a sua doença agrava-se e o destino vai mudar, vai ser bem diferente do que sonhava o pequeno Napoleão. É penosamente que continua no serviço militar. Mattternich afasta-o da influência do jovem oficial. Sofia — o seu unico amor — afasta-se também com o marido e os filhos. Tem uma hemoptise e o diagnóstico médico é grave.

A 21 de Junho de 1832 o pequeno Napoleão morre, vítima da tuberculose. O sonho desmedido da Águia desfez-se. Ao «Aiglon» cortaram as pequenas asas que experimentava abrir.

Toda a gente o chorou, menos Metternich que nunca esteve seguro de qual seria o futuro da pequena águia, com uma personalidade bem vincada e uma ansia de glória paternal.



Elisabeth Borgere Mann, filha d célebre escritor alemão Thoma Mann e que herdou dele o interes se pelo estudo da inteligência do animais, despertou a curiosidad geral quando há tempo deu a co nhecer os feitos prodigiosos de uma pequena cadela chamada «Peggy» «filha adoptiva» da senhora Gio dano Corridori, natural de Chiari pequena cidade da provincia d Brescia (Itália)

Segundo conta Elisabeth, a se nhora Corridori para se distrai começou a ensinar algumas habili dades á sua cadelinha. Ensinou-lh primeiro a dizer sim com três la tidos, e a dizer não com dois. A seguir passaram a coisas mais com plicadas: com a ajuda de cartões com letras e numeros de cor, en sinou-lhe um grande numero de palavras, fazendo o plural, conjugando os verbos e, finalmente, formando frases inteiras.

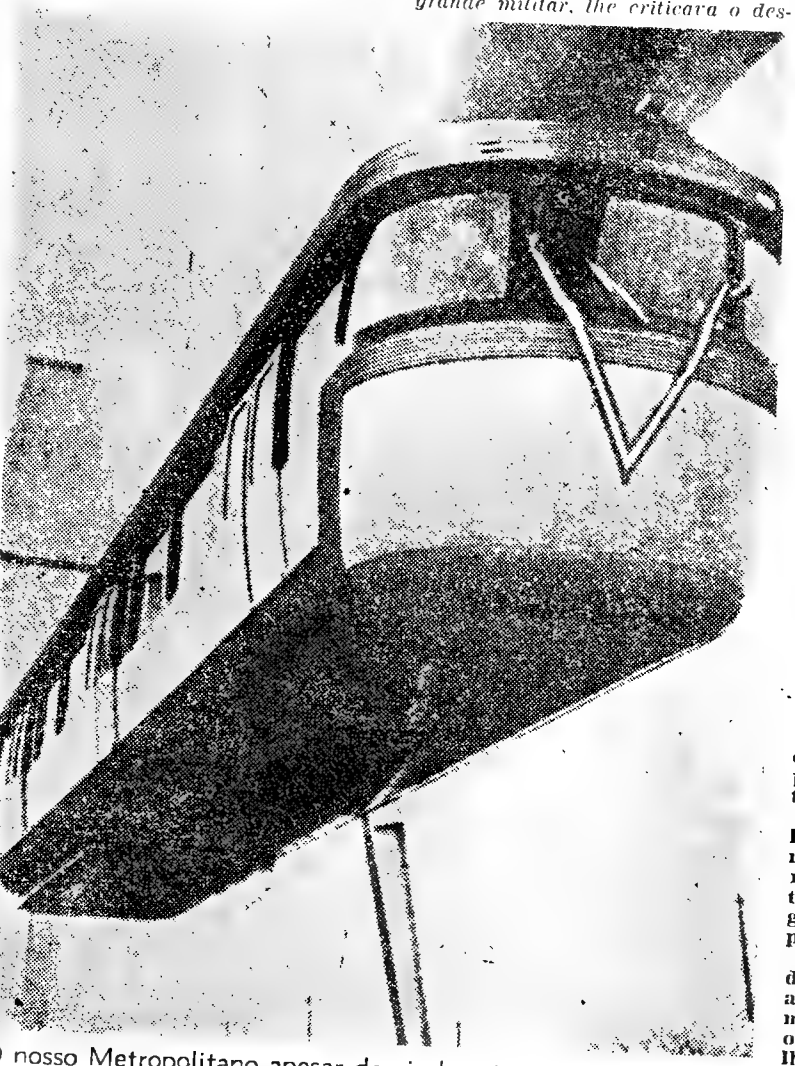
Atraída a Chiari pela fama da extraordinária cadela, Elisabeth Mann afirmou ter feito inesperadamente ao animal a seguinte pergunta:

— «Acreditas em Deus?».

A seguir a uma resposta afirmativa da cadela (três vezes ão), tornou a perguntar-lhe:

— «O que é Deus?».

Procurando entre os cartões coloridos, o animal teria formado, sem hesitações, estas três palavras: «Ele criou tudo». Uma tal prova é encantadora para as especulações metafísicas, mas convém ter em conta a influência da educadora cuja educação foi feita num país



O nosso Metropolitano apesar de ainda estar novinho em folha corre o risco de ficar antiquado. Reparem neste Metro suspenso que entrou em experiência em França e constitui a última das grandes realizações das fábricas Renault

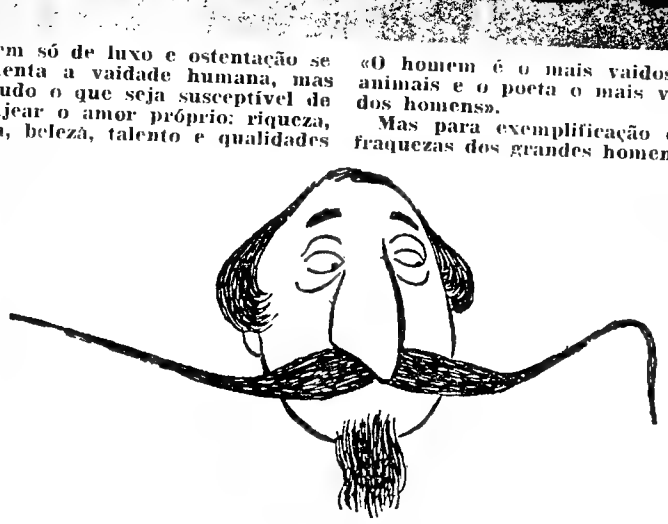
A VAIDADE EM ROBE DE CE

Nem só de luxo e ostentação se alimenta a vaidade humana, mas de tudo o que seja susceptível de lisonjear o amor próprio: riqueza, força, beleza, talento e qualidades morais. Ora, é sobre as manifestações de vaidade atinentes aos campos intelectual e moral que pretendo agora falar-vos.

Começarei por referir-me àqueles indivíduos que aspiram à glória por um mérito real, universalmente reconhecido, porquanto também alguns homens realmente grandes têm pecado por um irreprimível anseio de notoriedade.

O apetite de elogio e a avidez de honras é muito habitual nos artistas e é bem sabido que o primeiro a fazer uso da «claque» foi o poeta Dural, que comprava bilhetes e mandava os seus criados e os seus fornecedores sentar-se entre o publico e aplaudir a peça que fizera levar à cena. O grande poeta alemão Heine, certamente num desabafo auto-crítico, chegou a escrever numa das suas cartas: «O homem é o mais vaidoso dos animais e o poeta o mais vaidoso dos homens».

Mas para exemplificação dessas fraquezas dos grandes homens, nada melhor do que a auto-apologia literária escrita por Balzac para os seus «Contos filosóficos». Tenha-se em vista que, como é óbvio, o genial autor da «Comédia Humana» camuflou a sua atitude atribuindo a autoria do elogio a um qualquer crítico:



«Li algures que Deus pôs no Mundo Adão, o nomenclador, dizendo-lhe: «Eis-te, homem. Não se poderia dizer que ele pôs também no Mundo Balzac, o narrador, dizendo-lhe: Eis-te, conta. E realmente, que grande narrador! Quanta vivacidade e quanto espírito! Que infatigável perseverança em descrever tudo, em tudo ousar, em tudo dizer! Como o Mundo é dissecado por este homem! Como anatomista, quanta paixão e quanto sangue frio!»

Também o genial poeta inglês

ANIMAIS QUE PENSAM QUE PINTAM E SÃO CAPAZES DE SUBSTITUIR OS CÉREBROS ELECTRÓNICOS

católico onde de certo se ensina o catecismo.

«Peggy» e a aritmética

Dando a conhecer as suas observações a alguns especialistas de psicologia animal, Mann recebeu as mais diversas reacções, afirmando-lhe alguns que o caso nada tinha de especial, pois não podia deixar de haver sinais entre a mestra e o animal. Mas Elisabeth apaixonara-se pelo assunto, voltou a Chiari e obteve autorização para examinar «Peggy» sem a presença da dona.

Ao ficar só com o animal, tirou de um saco que levava um livro ilustrado para crianças e abrindo-o, numa página, onde figurava um cavalo mostrou-o a «Peggy» e perguntou:

— «Viste o que te mostrei?».

«Ão, ão, ão».

— «Então, escreve o nome».

«Peggy» remexeu os pequenos cartões coloridos e escreveu «cavalo». Depois desta prova Elisabeth fez quatro operações aritméticas em cartões diferentes, misturou-os, tirou um ao acaso e colocou-o em frente de «Peggy». A cadela, primeiro hesitou. O exercício era novo para ela, mas passados alguns minutos e uma vez assimilado o novo método, passou a resolver correctamente todos os problemas do género.

* * *

A polémica entre os que negam aos animais qualquer parcela de raciocínio e os que acreditam nos seus «dons», por vezes, prodigiosos, vem de longe. Foi na Alemanha, já lá vão mais de 50 anos, que a discussão a propósito dos animais que pensam atingiu o seu ponto mais alto, com os vários prodígios que por lá proliferaram.

«Hans», o inteligente

O berlinense Von Osten observou certo dia que o seu cavalo era um caso á-parte de habilidade e de vivacidade de espírito. Ensinou-o a contar, batendo com a pata no chão com intervalos regulares, e em breve o fenómeno calculava prodigiosamente, fazendo operações de fracção, de décimais, e até raizes cubicas. O estábulo de «Hans», o inteligente, como passou a ser conhecido, transformou-se em lugar de peregrinação.

Um dia, um tal Herr Pfgust afirmou que não havia nada de prodigioso no caso, pois era o instrutor que transmitia ao cavalo sinais em código. Foi tal a agitação á volta deste assunto que chegou a haver debate no Parlamento e a Alemanha dividiu-se em dois grandes grupos. Parece, no entanto, que a existir o tal código denunciado por Pfgust ele seria tão complicado que para o aprender, o cavalo precisava de ter tanta inteligência como para resolver as operações que lhe atribuiam.

Um dia morreu o dono e o cavalo perdeu grande parte das faculdades. Parecia que um dos grupos ia vencer, mas um ajudante de Osten retomou as suas funções, juntou a «Hans» mais quatro cavalos, seguiu o mesmo método de ensino que o seu antigo mestre e em breve colhia extraordinários resultados. Não faziam apenas contas, respondiam também a todas as perguntas que lhe eram feitas, por sinais que o instrutor pacientemente lhes ensinara.

Claro que uma coisa é certa: Não foi possível nunca afirmar que esses cinco cavalos exprimiam em código as suas próprias ideias e desejos. Quando em 1913 o entusiasmo pelo cavalo «Hans» já estava mais desvanecido surgiu o fenómeno «Rolf», o cão de Mannheim, que admirou o Mundo inteiro.

«Rolf» e o código

O cão «Rolf» também utiliza código. Interrogavam-no e respondia traduzindo os sons em numeros que indicava dando ligeiras pancadinhas nas mãos do instrutor. Este cão foi o mais prodigioso calculador que se conhece. A cadela «Peggy» sabia ver as horas e era capaz de indicar os minutos e segundos, mas o cão de Mannhein fazia mais: conhecia o sistema métrico. Com um metro media todos os objectos geométricos que lhe davam, e de certa altura em diante passou mesmo a ser capaz de medir até ao milimetro, mesmo sem a ajuda de metro.

* * *

Para a maior parte dos sábios não é de existir nos animais pensamento, propriamente dito. Todas as suas habilidades são explicadas por eles a partir da teoria dos reflexos; reflexos inactos ou criados, que se podem desenvolver em cadeia. Parece que o mais inteligente dos animais superiores é o macaco (particularmente o chimpanzé). O cão virá depois e a seguir o gato, o porco e o burro e só depois o cavalo. O porco e o burro á frente do cavalo — eis uma coisa que muita gente estranhará.

O macaco e a banana

Experimentem a fechar um macaco dentro de uma cerca, pendurem uma banana numa corda a uma altura que ele não lhe chegue e deixem-no usar apenas várias caixas de tamanhos diferentes. Hão-de reparar que o animal começa por empilhá-las para subir, mas muito longe da banana. Ou então põe a caixa grande por cima da pequena e tudo cai. As ideias mais disparatadas lhe vêm á ideia e chega a tentar pôr caixas em cima da cabeça. Há uma diferença enorme entre o pensamento humano e o animal mais evoluido.

Contudo, há por vezes aparência de lógica na conduta de certos animais superiores o que não acontece com certos seres humanos...

Um sábio soviético refere o caso de ursos que aprenderam rápidamente a andar sobre as patas traseiras e a servirem-se das mãos para apanhar objectos.

Obrigado a esforçar-se para chegar a uma caixa com comida colocada fora do seu alcance, um urso usou imediatamente uma escada que por fim lhe atiraram.

Aliás, quem não conhece, por exemplo, gatos e outros animais

(Continua na página seguinte)

AMA AMBRE

«lord» Byron manifestou, de maneira eloquente, numa carta íntima, a sua enorme ambição de glória: «Oh, a sede de glória, que arde no meu coração, há-de fazer-me viver para a posteridade. Por que não posso eu, como a Fénix, erguer-me acima das chamas, ainda que, como ela, tivesse de submeter-me ao mesmo destino».

Robert Burns, outro grande poe-

POR
ALFREDO BRAZ

a, escreveu de si mesmo: «Ninguém, mais do que eu, suspirou ardentemente por se tornar conhecido».

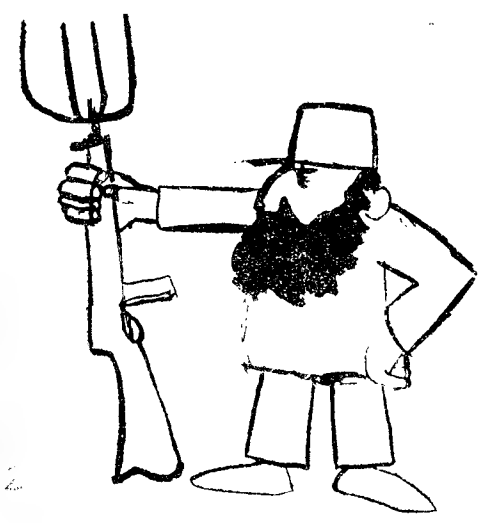
Rossini, talentoso musico italiano, sobrestimava-se bastante ao firmar: «Foi certamente pela minha qualidade de homem de génio que fui convidado para ir a Inglaterra». E endereçava as cartas que escrevia a sua mãe do seguinte modo: «A' senhora Rossini, mãe do célebre maestro, Bolonha».

Nos artistas menores, a vaidade é ainda mais ostensiva e frequente. Seria mesmo possível fazer uma extensa lista das manifestações desse sentimento nalguns artistas conhecidos, desde os espaventosos Oscar Wilde e Gabriel D'Annunzio ao cabotinissimo Salvador Dase isso tivesse algum interesse. Mas nem só no campo intelectual se tem manifestado o pendor dos artistas para a vaidade e alguns deles, de inegável valor, muitissimo se preocuparam, também, com o seu aspecto físico. Ricardo Wagner, por exemplo, era um ul-

(Continua na 8.ª página)

2
GRANDES NOMES
da
LITERATURA MUNDIAL
CALDWELL
em
ESTA TERRA CRUEL
romance
MORAVIA
em
A MASCARADA
romance
Mais 2 edições de
LIVROS DO BRASIL

CUBA EM CAUSA



Para se poder apreciar devidamente a importancia das medidas anunciadas no ano findo por Fidel Castro e indispensável ter em conta o seguinte:

1. — A cana de açucar é práticamente a unica cultura de Cuba.

2. — A quase totalidade da produção é entregue aos Estados Unidos, de que a pequena Republica é principal forneceder.

3. — As plantações cubanas estão nas mãos de sociedades americanas gigantes, tais como, a United Fruit que, não há muitos anos, derrubou o Governo da Guatemala.

A ilha de Cuba dá outra vez que falar: promulgou uma lei agrária expropriando mais ou menos as grandes companhias estrangeiras (de facto americanas) que partilham o essencial das suas terras sacarinas.

O general barbudo enfrenta desta vez um adversário bem mais coreáceo que Baptista.

A reforma assenta em dois princípios. Por um lado nenhuma sociedade anónima poderá, de futuro, possuir plantações de açucar a não ser que a totalidade dos seus accionistas seja de nacionalidade cubana. Isto obriga a United Fruit a vender as suas acções a cidadãos cubanos (não se encontrando entre estes pessoas suficientemente ricas para isso) ou a nomear «testas de ferro» (o que parece impossível visto o método ser demasiado grosseiro) ou ainda a ceder as plantações ao Estado cubano (o que parece ser a solução desejada pelo Governo cubano). Por outro lado, nenhum proprietário das plantações de açucar, de arroz ou de forragens, poderá possuir mais de 1.320 hectares, superfície já bastante considerável, mas que nada representa em relação aos 200.000 hectares que os domínios americanos em Cuba chegam a atingir, tratando-se de outras culturas, o limite é fixado em 500 hect. A par e como resultado disto, cada família de operários agricolas sem terras, receberá do Estado uma parcela de 33 hectares. Assim a lei agrária responde aos dois objectivos, independência nacional com a destruição do poder económico e politico da United Fruit, e objectivo social dentro do próprio país. Não é certo o triunfo da reforma. Compreende-se facilmente que as companhias americanas não aprovarão medidas que as privem, não só do controlo da economia cubana como duma fonte considerável de proventos. Quais são as suas possibilidades de reacção? Se isto tivesse acontecido há vários anos atrás, estas companhias tentariam fomentar uma contra revolução podendo produzir-se pressões militares, mas a evolução da politica mundial, torna estes meios cada vez mais difíceis e a maior parte dos outros povos da América Latina estariam prontos a socorrer os Cubanos se eles fossem objecto de tais métodos.

Um meio comodo subsiste que não deixa de ser invocado nos meios financeiros de Nova York: bastaria que os Americanos não comprassem mais açucar a Cuba para que a economia deste pequeno país se afundasse por que os outros países estrangeiros não poderiam absorver a enorme produção cubana. Uma tal manobra traria no entanto inconvenientes para a politica geral dos Estados Unidos que já não gozam duma grande popularidade na América do Sul. Que aconteceria então se Cuba fosse submetida espectacularmente a uma tal chantagem económica?

E' por isto que as reacções americanas são cuidadosas. O «New-York Times» escreve por exemplo:

«Que cada nação soberana tenha o direito de expropriação que está de acordo com o direito internacional; apenas se pode reclamar uma compensação adequada, justa e rapida». E é sobre isso que se discute presentemente. O Governo cubano oferece ás companhias, obrigações reembolsáveis em vinte ou trinta anos a 4%, numa base de 500 a 1500 dólares por uma «caballeria», isto é, três hectares. Mas a United Fruit, ganhava dez vezes mais que esta importancia e avalia as suas plantações a 5600 dólares pelos três hectares.

O futuro dos acontecimentos está cheio de consequências para toda a América Latina.

ESCÂNDALO NA TÊ VÊ

(Continuação da 1.ª página)

burlados iam perder em seu proveito.

Davam-lhe a conhecer com antecedência não apenas as perguntas que lhe iam ser feitas, mas também as respostas mais adequadas. Indicavam-lhe os gestos que devia fazer, o jogo fisionómico a utilizar para prender o publico, as expressões de angustia, primeiro, e de alegria por fim. No entanto, durante três anos não disse a ninguém o que se passava e nem ao próprio pai contou uma só palavra sobre o truque. Eis como ele se tenta justificar a si próprio, não apenas como homem, mas ainda como professor com 12 anos de ensino:

«Disseram-me que a minha participação era um grande serviço prestado á vida intelectual, aos professores e á educação em geral, pois despertava o interesse e a admiração do publico acerca do esforço intelectual.

Fui estupido bastante para acreditar que isso era verdade. De boa vontade dava tudo quanto possuo para anular o que fiz durante estes três ultimos anos.

*

Mas o inquérito sobre a televisão americana foi além do caso Doren. Provou-se que a maior parte das pessoas que brilhavam na televisão o faziam a troco de facilidades. Um membro do clero figura também entre os que defendem a sua participação nas fraudes. Um outro dos participantes no jogo foi o irmão do célebre chefe de orquestra Leonard Bernstein, que dirige a orquestra filarmónica de Nova York, conhecidíssimo pelas suas ideias liberais.

Os organizadores dos programas não eram apenas responsáveis pela organização do truque. Em certos casos recebiam, também, comissões, restituídas pelos «vencedores», os quais, claro, apenas beneficiavam duma parte (duma grande parte) do valor do prémio. Por detrás de tudo estavam as firmas anunciadoras que pagavam as facturas e por isso eram elas também que, em ultimo caso, indicavam aos produtores dos programas qual era, de momento, o concorrente que mais convinha ganhar, ou o das laminas de barbear ou o dos produtos de beleza.

E qual era a reacção do publico?

Quando lhes faltam os verdadeiros guias as pessoas caiem numa espécie de apatia, abandonando-se á sua sorte e ás regras do jogo em que os colocam. A maior parte das pessoas declararam que sabiam «que os programas eram falsificados, que tudo era publicidade, mas o que apenas procuravam era distração e não moralidade».

Na verdade, o interesse do publico, por aqueles programas era enorme. Mais de duzentas pessoas foram ouvidas no inquérito como testemunhas e a maioria (2/3 segundo uma pessoa responsável) mentiram ao tribunal. Cartas e telegramas recebidos mostravam que em cada 100 americanos 75 desejavam que os programas prosseguissem, honestos ou não, não interessava.

Um aluno do professor Van Doren, da Universidade de Colombia, mostrando com isso que tinha aprendido o melhor possível a lição do mestre (triste geração aquela) declarou com toda a naturalidade, se não em ar de desafio:

«E' da natureza humana. Se me dessem ocasião para isso faria o mesmo. Concordo que moralmente não é uma coisa irrepreensível mas o que é que fazemos de legal e de moral?»

Contra tudo e apesar de tudo concordemos com as palavras do presidente Eisenhower acerca desse tremendo escandalo que abanou toda a América:

«Os Americanos ficaram mais estupefactos do que coléricos, é verdade, mas isso não pode indicar que o povo, no seu conjunto, tivesse esquecido o seu ideal moral».

UMA RIVAL DE CALLAS

(Continuação da 1.ª página)

nhou o papel de Carmen, da conhecidíssima ópera, sob a direcção musical de Robert Benzi e com encenação de Raymond Rouleau, o grande publico e a grande imprensa parisiense acreditaram ter na sua frente uma desconhecida de grande valor. Contudo, todos os verdadeiros apaixonados da musica não tiveram essa surpresa. Desde há alguns anos já que as qualidades vocais e o talento de comediante desta bela jovem tinham chamado para ela a melhor atenção dos especialistas. Cada interpretação sua era uma verdadeira revelação: foi assim na Salomé, de Strauss, numa adaptação feita expressamente para ela, na mulher de Fou, de Marcel Landowsky, ou nessa extraordinária Renata de «Anjo de fogo», ópera inédita de Prokofiev, cuja gravação, sob a direcção de Charles Brock, lhe valeu, em 1958, dois grandes prémios do disco.

Reside em Passy, num inverosímil apartamento, recheado de partituras e de libretos de óperas, na companhia da sua antiga professora Mlle. Watto, com quem estudou durante 10 anos, canto, solfejo, piano e arte cénica. E' uma casinha bem diferente do que se podia esperar para uma jovem artista triunfante, mas que contribui para no-la mostrar mais simpática, de uma ausência total de «snobismo» desprezando os «cocktails» mundanos, mas dedicando um interesse apaixonado aos problemas da humanidade.

— Estou atormentada pelo que se passa na Argélia — diz-nos ela — atormentada pela vida e pela morte. A verdade, para mim, está na amizade que encontro. E tenho encontrado sempre seres de valor, seres notáveis que são meus amigos. Adoro a pintura e os pintores e leio muito também».

A propósito dos seus desejos, fala de Wagner. Um fogo de entusiasmo comunicativo se apodera dela:

— Desejaria cantar em Bayreuthe... Ser Kunddry, de Parsifal e, mais tarde, oh! bem mais tarde, á força de trabalho... Isolda.

Sonha um momento. Evoca a atmosfera da capital wagneriana.

— E' extraordinário — diz-nos ela. — Não podeis imaginar o que nessa atmosfera fervente existe de verdadeira loucura pelo culto da musica.

Falta-nos ainda dizer que Jane, filha de um médico, obteve dois certificados de Filosofia, enquanto pertencia ao coro do Chatelet.

E falta-nos também acrescentar que, da mesma forma que Callas, as suas constantes revoltas contra a mesquinhês das administrações dos teatros lhe deram fama de ter um carácter muito violento. Como ela, também, dedica-se com verdadeira paixão á sua arte.

—Introduzo-me bem fundo na minha arte. Quando represento faço-o totalmente, tão sinceramente que tenho de me concentrar por três dias. E para as repetições também. Não sou capaz de repetir parcialmente. Muitos artistas repetem a meia-voz, simulando, eu não posso...

A minha preparação para Carmen foi verdadeiramente extraordinária, mas esgotante. Raymond, não me deixou um segundo. Durante dois meses todos os dias nós repetiamos e sempre a grande cadência e intensidade. Robert Benzi é um rapaz extraordinário e o seu trabalho em Carmen é inteiramente válido.

— E sobre a vossa interpretação de Carmen? E' verdade que tivésseis revivido essa figura?

— Fiz um papel de comédia. Penso sempre nos meus personagens, analiso-os, investigo-os. Carmen é um belo animal que tem sobretudo sede de liberdade. Não engana ninguém, é corajosa, honesta comigo mesma.

Deixámos Jane Rhodes, encantados, não para a esquecer pois esta jovem é destas mulheres que quando se conhecem nunca mais deixam de estar na lembrança, impressionante, bela, humana.

(Continuação da página anterior)

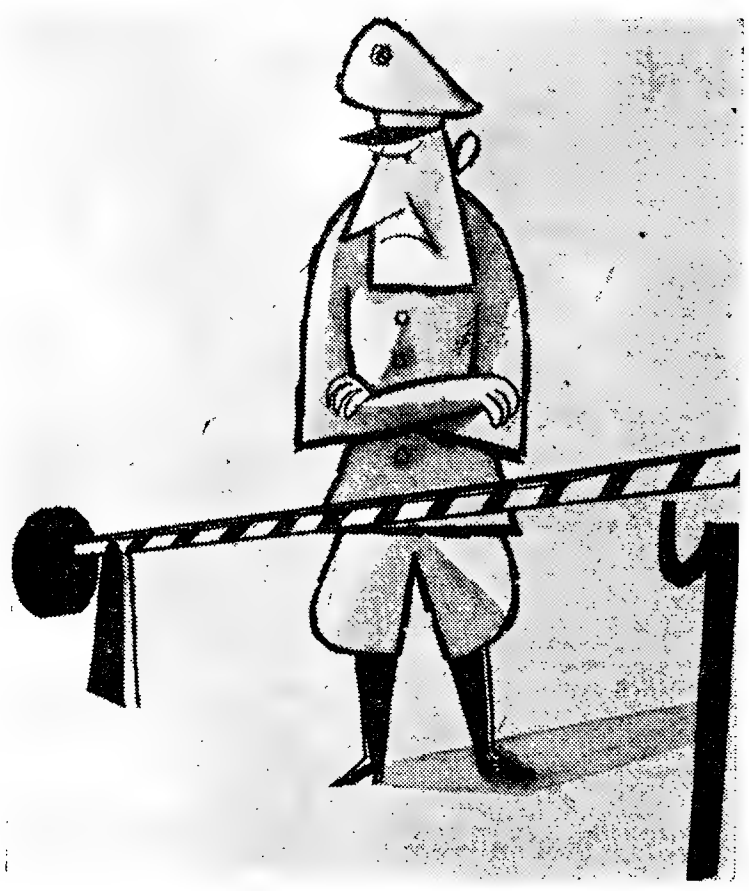
em luta pela vida, que têm verdadeiros «raciocinios brilhantes» para encontrar a solução de conseguir um bom petisco, que as donas da casa se esforçam por esconder deles o melhor possível.

Os sábios insistem que os animais não pensam, mas há um grupo de pessoas que afirmam haver certos animais capazes de pensar: são os domesticadores, que contam mil exemplos colhidos no seu difícil trabalho.

«O meu pai — conta a célebre domesticadora russa, Ana Dounova — tinha domesticado um casal de «leões marinhos». Chamavam-se «Leo» e «Pitz» e tinham caracteres muito diferentes um do outro. «Leo» era corajoso e trabalhador e «Pitzy» era o inverso. Um dia, no trabalho, «Pitzy» tentou deixar a cena num momento importante do exercício, mas «Leo» teve um reflexo tão inesperado como genial, barrando-lhe a passagem e obrigando-o a voltar ao tamborete».

Entre todos os «animais de génio» observados pelos «especialistas» desde o cão «Folf» e a cadela «Peggy», que deu a volta á cabeça de Elisabeth Mann, temos ainda de lembrar aquele famoso gato que um dia foi capaz de identificar uma conhecida canção em voga transmitida em 1932 no Rádio-Viena. Parece que o «milagre» nunca mais se repetiu, mas não é verdade que ultimamente têm aparecido outras revelações importantes, entre as quais um simpático macaquinho, que chegou a ganhar prémios de pintura?

É certo que algumas pinturas não são difíceis de fazer a um macacão manhoso.



Às 0 horas do dia 5 de Julho do ano passado, o Sarre rompeu definitivamente com a França. Segundo uma declaração do dr. Erhard, o território escolheu o regresso á mãe pátria por razões patrióticas e não económicas. Num simples minuto, portanto, todas as barreiras aduaneiras se levantaram para a fronteira oriental do Sarre e se baixaram para o lado francês.

Longas filas de enormes camiões esperavam nas estradas alemãs, cheios de aparelhos de televisão, de automóveis e de toda a espécie de mercadorias alemãs, prontas a invadir o novo «Land». Comboios inteiros estacionam igualmente — enquanto os sarrenses se precipitam sobre as ultimas mercadorias francesas antes que sofressem os aumentos provenientes das novas taxas aduaneiras. Era a hora da ligação económica do Sarre á Alemanha ocidental, e esta hora soou mais cedo que o previsto, com um avanço aproximadamente de seis meses sobre o programa.

Quantas peripécias desde a guerra! Em Julho de 1945, as autoridades francesas sucederam aos Americanos na ocupação do território sarrense. Em Dezembro de 1946, um cordão aduaneiro francês separa o Sarre do resto da zona de ocupação. Em Junho de 1947, um marco sarrense foi criado e, alguns meses mais tarde, a Dieta local decide a adesão á zona francesa e os marcos são trocados por francos franceses.

Em Outubro de 1954, a Assembleia Nacional Francesa e o Bundestag ratificam um acordo dando ao Sarre um estatuto autónomo «europeu», mas os Sarrenses não estão de acordo e, um ano mais tarde, regeitam este estatuto. Preferem ser alemães e o princípio da ligação á Alemanha é adoptado em Outubro de 1956.

No dia 1 de Janeiro de 1957, a ligação política é restabelecida e acordada a ligação económica três anos depois. Foi esta ligação que foi feita mais cedo do que o previsto e acordado, por decisão dos Sarrenses.

No plano económico qual vai ser as consequências?

Primeiramente, os Sarrenses, vão pagar mais caro os produtos alimentares, as bebidas, as tarifas do gás e electricidade, os impostos sobre automóveis e as tarifas postais. Pelo contrário, os preços alemães de gasolina e da maior parte dos artigos manufacturados, especialmente aparelhagem electrodoméstica, são mais vantajosos. Uma perda sensível terão os Sarrenses quanto aos salários familiares que só são recebidos na Alemanha, a partir do terceiro filho.

Mas dum modo geral quem vai perder mais é a industria francesa que vendia no Sarre, graças á protecção aduaneira, quantidades importantes de alimentos, texteis, máquinas, minerais de ferro, petróleo, produtos químicos e móveis. Em 1955, o Sarre era o terceiro cliente da França e estava em vésperas de se tornar também o seu terceiro fornecedor.

As barreiras aduaneiras mudaram agora de posição e os produtos franceses vão ficar desfavorecidos, especialmente os texteis, as obras em cairo, os automóveis, os produtos petrolíferos e os géneros coloniais.

Contudo, durante ainda algum tempo, a fim de evitar grandes convulsões internas, eles serão admitidos nas trocas franco-sarrenses. Pelo menos é isso que acordaram, mas na base do volume de trocas registado em 1955, beneficiando de um certo benefício aduaneiro. Mas depois tudo se acabará e as fronteiras cairão definitivamente, e pesadamente sobre os produtos franceses que até agora eram senhores do mercado. O que esperará ainda ao Sarre?

EXISTE VIDA NOS OUTROS MUNDOS?

Quando do magnífico sucesso obtido com a alunagem do foguetão «Lunik II» e a colocação em órbita do satélite «Lunik III», as mais fantásticas informações vieram a publico nas colunas dos jornais Escreveu-se muita coisa sobre «a pluralidade dos mundos habitados» e nunca, desde Fontenelle e Julio Verne, se falou tanto de marcianos e de selenitas.

Um eminente eclesiástico, correspondente do «Osservatore della Domenica» foi mesmo até ao ponto de descrever, com a máxima candura, o estado de «consciência» que os astronautas deviam ir possuídos ao encontrarem-se com os outros homens da Lua. E dizia isto inteiramente a sério.

Ao lado dos cálculos estatísticos sobre a formação dos sistemas estelares mais ou menos parecidos com o nosso, publicaram-se autênticos comunicados científicos sobre a possibilidade do desenvolvimento de organismos rudimentares no subsolo lunar.

Estas noticias simultaneas confundiram o leitor médio que nem é astrónomo nem biologista e que, por vezes, nem sabe destinguir a diferença que existe entre um planeta e uma estrela. Daí, dar guarida ás ideias mais fantásticas e, muitas vezes, bem distantes das realidades possíveis.

Mas, de facto, é possível definir onde começa o fantástico e onde acaba o provável? E' isso que vamos tentar, caro leitor.

Não estamos sos no Mundo. A nossa Terra é, apenas, um dos nove principais planetas que gravitam á volta duma estrela a que chamamos Sol. Mas existem centenas de milhões de estrelas parecidas ou mais ou menos análogas ao Sol, integradas na nossa galáxia Via-Láctea, grupo estelar animado dum mesmo movimento de rotação próprio, no espaço. E isto ainda não é tudo: Haverá, pelo menos, centenas de milhões de outras galáxias, de formas bastante diferentes e de densidade estelar variável, em todo o universo «finito», segundo o concebia Einstein.

Todavia se quisermos seguir outras hipóteses, e não menos importantes que a de Einstein, entre as quais se conta a dos sábios russos, o Universo seria ilimitado. Estaríamos, portanto, em face dum numero infinito de estrelas, isto é, duma quantidade não exprimível matemáticamente de «objectos» celestes.

De qualquer modo, não é possível a ninguém afirmar com segurança que a existência do nosso sistema solar é um caso unico na extensão cósmica. Tanto o inglês Fred Hoyle como o russo Segal afirmam, desde há anos, que dados matemáticos precisos permitem concluir que mesmo na nossa própria Galáxia podem ter nascido 100.000 ou 150.000 formações mais ou menos análogas ao sistema solar.

E', portanto, inteiramente legítimo concluir-se que em numerosos planetas, partes integrantes desses sistemas, se reunissem condições favoráveis a manifestações de vida.

E' evidente que não é obrigatório que cada estrela tenha criado o seu sistema planetário, nem que em cada planeta a vida tenha, forçosamente, de aparecer. Para que a vida surja é indispensável a reunião de certas condições físico-químicas próprias. Não é isto uma simples afirmação ligeira, mas antes o fruto de experiências sérias. Tanto o americano Miller como o russo Terremine, reconstituiram num balão de experiências o que se julga ter sido a atmosfera primitiva do nosso planeta — uma mistura de metano, amoníaco, gás carbónico e vapor de água.

*

O primeiro investigador submeteu esta mistura a diversas descargas eléctricas e o segundo com raios idênticos aos emanados do Sol, incluindo os ultra-violetas. Ambos obtiveram os amino-ácidos, isto é, moléculas já complexas fundamentais de que se compõe a matéria organica.

Obtiveram isso e não outra coisa, o que confirma o determinismo na escala biológica. Julga-se, de facto, que dum lado, violentíssimas tempestades se desenvolveram sobre o globo no começo dos tempos geológicos, isto é, há 3 ou 4 milhões de anos, e, por outro, não existindo a protecção de ozone, os raios solares penetravam inteiramente nessa atmosfera mefítica.

Julga-se possível que experiências mais intensas permitam salientar uma complexidade crescente de moléculas sob certas condições do

meio e da energia, da mesma forma que se admite que em qualquer parte do Cosmos, lá onde as condições sejam favoráveis, a vida apareça e prolifere sob uma ou outra das suas formas.

E' verosímil que, em certas condições, se possa criar e desenvolver homens ou super-homens, mas, é também possível, que os habitantes do mundo longíquo sejam bastante diferentes de nós, quer no ponto de vista anatómico, fisiológico e até do psíquico.

Foram as descobertas fósseis que nos deram a conhecer o fenómeno da evolução. Sabemos, contudo, que a matéria não é apenas «complexificada», mas também «complexificante», isto é, não é só produto do meio, mas agente desse mesmo meio, capaz até de modelar esse mesmo meio. E não há nenhum mistério nisso.

Na Terra primitiva a vida só foi possível para seres capazes de respirar o oxigénio na água. E', aliás, o que aprendemos nas descobertas paleontológicas (até há 320 milhões de anos a vida foi exclusivamente marítima, pelo menos para os animais). Mas as plantas clorofilianas apareceram, absorveram o gaz carbónico e regeitaram o oxigénio em excesso. Com isso se criou um meio propício ao desenvolvimento da vida fora de água. E, assim, novas espécies apareceram, respirando o ar. Anfíbios, entre os vertebrados, escorpiões entre os invetebrados, gasteropodes entre os moluscos, etc. Todos estes seres vieram compensar pela respiração as massas de gás carbónico indispensáveis á luxuriante floresta carbonifera. Houve a seguir uma regressão dos grandes vegetais, criando-se um certo equilíbrio biológico que se tem vindo sempre a desenvolver.

*

Ora, é evidente que não se pretende que tudo se deva passar assim em todos os outros planetas de sistemas estelares, dessiminados pelo espaço. Talvez as coisas ali tinham evoluído diferentemente. Mas devemos pensar que a vida, nas suas grandes linhas, se mantém dentro de certas contingências.

Os fenómenos da convergência observados nas nossas espécies animais e vegetais permitem-nos, pelo menos, estas reflexões. Mas não nos esqueçamos que sabemos, realmente pouco. E' muito possivel que nos outros mundos, formas de vida de que nem sequer fazemos ideia, tenham aparecido no princípio da evolução e que tenham caminhado em sentido diferente do nosso.

Podemos nós estar certos que a mão e o cérebro são os melhores utensílios? Talvez outros seres tenham «inventado» coisa melhor!...

A SEGUIR:

— A vida no sistema Solar
— O planeta Vénus
— Marte, o enigmático
— Possibilidades de vida

(Continuação da 1.ª página)

oficial que Sua Majestade, a Rainha Pia, houvera por bem promovê-lo ao posto que já conquistara no exército de Catarina II: tenente-coronel.

Mais ou menos dessa data (20 de Outubro) é uma carta de Freire de Andrade, em francês como sempre, para o primo, o Marquês de Pombal. O interesse dessa epístola reside em que nela se manifesta a opinião do «estrangeirado», do homem de espírito europeu sobre a Corte e os costumes portugueses.

«Aproveito — diz — a partida do sr. Conde de Rechtern (novo embaixador russo em Portugal), que se dignou levar esta carta, para vos escrever; conhecendo bem quanto é difícil, entre nós, penetrar na sociedade, pensei ser-lhe util se o habilitasse a partilhar da vossa, certo de V. Ex.ª e a Senhora Marquesa lhe farão ter, pelo seu acolhimento, uma ideia diferente dos nossos costumes, diferente da que deles se tem no estrangeiro, onde os imaginam um pouco góticos (medievais) e se crê que as mulheres só se divisam através das persianas. Suplico-vos, pois, para bem da pátria, que o convençais do contrário (...)».

Neste curioso documento, dado á luz por António Ferrão na sua obra «Gomes Freire na Russia», revela-se o delicado patriotismo do nosso ilustre compatriota. Sobejos motivos tinha ele para se manifestar contra o Governo português: não só continuava sem recursos (gravemente enfermo de febre moldávia que tantas vítimas faria no exército imperial) como estes eram negados a sua mãe e a sua irmã Teresa.

São quase da mesma dois ofícios que muito interessam á nossa história (um do embaixador em S. Petersburgo, outro do de Viena). Diz o primeiro (25 de Outubro de 1791):

«O Comendador Gomes Freire de Andrade tem estado também em grande perigo, atacado pela mesma febre que tantos danos tem causado: as ultimas notícias que ontem soube dele sossegaram-me alguma coisa, fazendo ele a sua convalescença com felicidade».

Diz o segundo (17 de Dezembro de 1791):

«A viuva de Ambrósio Freire que aqui faleceu há vinte e um anos, como enviado de Portugal, juntamente com sua filha, a sr.ª D. Teresa Freire, têm-me dirigido repetidas vezes os mais vivos rogos, para suplicar a V. Ex.ª seu amparo e protecção, a fim de alcançar da clemência da Rainha N.ª S.ª uma pensão, por limitada que seja, para as ajudar a viver com o que lhe dá seu filho, o sr. Gomes Freire de Andrade. Eu lhe aconselhei escrevesse em seu próprio nome uma carta que faria maior impressão no animo benigno de V. Ex.ª a quem suplico humildemente queira interessar-se por esta Sr.ª, para contribuir a conceder uma pensão que não sómente redondará em benefício e em alívio desta Sr.ª, viuva de um ministro de Portugal, mas também, e sobretudo, tapará a boca ás pessoas que não conhecem o estado das coisas e falam injustamente da nossa Corte por este motivo. Se toco nesta matéria é por ter recebido muitas cartas da sr.ª D. Teresa, que diz estar sua mãe achacada e adiantada em anos, sem o que não me atreveria a dar esta informação a V. Ex.ª».

Os eufemismos diplomatas do Encarregado de Negócios em Viena, Agostinho Neri, não escondem totalmente a vergonhosa situação da família de Gomes Freire e as críticas que, na capital austríaca, se faziam a tal facto.

Uma carta de Gomes Freire, terminada em 8 de Julho de 1791, em que anuncia ter sido promovido a coronel no exército do grande Kutuzov (sempre os estrangeiros mais lestos em galardoar que os nacionais), o bravo oficial queixa-se do insultuoso desprezo com que o trata o governo mariano, pois nem sequer cumprira a promessa de pagar as dívidas de Ambrósio Freire de Andrade com as rendas da Comenda que D. José concedera ao então nosso ministro em Viena.

Precisamente na altura em que o filho ilustra o nome da pátria com os seus brilhantes feitos de armas, a recompensa é ver-se perseguido pela matilha dos credores paternos, em consequência dos oficiais, encarregados de receber as rendas acima aludidas, se terem relaxado.

Só ao fim de quatro anos de serviço no exército russo é que obtem uma pequena manifestação de gentileza: o ministro Luís Pinto de Sousa Coutinho oferece-lhe o seu auxílio. A tão extraordinário sucesso se refere o embaixador em S. Petersburgo, Noronha Torrezão, no ofício de 20 de Abril de 1792:

«Anunciei logo ao Comendador Gomes Freire de Andrade o modo por que S. M. foi servida fazer justiça aos muitos conhecimentos que tem adquirido e adquire cada dia, e aos talentos que tem feito ver em todas as ocasiões; o seu coração não menos sensível e reconhecido exprimiu com a linguagem do agradecimento o quanto ficava penetrado da Bondade com que S. M. se digna animar o seu zelo e a sua actividade».

Tratava-se da concessão de umas ajudas de custo. Entretanto, findas as guerras com a Turquia e a Suécia, Gomes Freire vai regressar a Portugal. Escreve então uma admirável carta ao primo Pombal, em que por extenso se patenteia o seu caracter e o amor profundo pela terra a que sempre teimara em pertencer, apesar dos «costumes góticos» e da ingratidão que nela observava.

«Se eu tive — diz — algum sucesso, se pude adquirir alguns conhecimentos, eis chegados o momento de poder recolher o fruto dos perigos e sofrimentos que tudo isso me custou: e eu ficarei recompensado se puder consagrar isso tudo ao serviço da minha Pátria».

Afinal que fruto sonhava recolher?

Uma sinecura á sombra da bananeira real?

Isto apenas:

«O que peço é que me utilizem. Não faço questão de proventos ou de honras; nada exijo quanto a postos ou antiguidades e servirei como soldado, como marinheiro, porque o hábito dos combates e o sangue frio que eles me fizeram adquirir nos perigos, podem tornar-me util, mesmo sem comando, no meio de soldados que têm por herança a bravura, mas que ainda não adquiriram os hábitos de fogo».

No meio dos soldados, no meio do povo herdeiro de um passado de bravura, sem qualquer posto de chefia — eis o que pretendeu, ao fim de quatro anos de gloriosa actividade em terra estranha, o «estrangeirado», o homem de ideias liberais que um general estrangeiro e um ministro reaccionário haviam de empurrar para o patíbulo no ainda longinquo ano de 1817.

Esta longa digressão pelo passado de Gomes Freire melhor permitirá compreender o processo iníquo que o condenou.

DANIELLE DARRIEUX * MICHELE MORGAN * MICHELINE PRESLE

Revelam

As leitoras — e os caras metades, evidentemente — podem respirar fundo. Quando a bronquite das preocupações quotidianas nos asfixia ao menor pretexto, respirar fundo é um tesouro inesperado. Pois é verdade: há quem tenha o segredo da juventude, da autêntica juventude. «Da autêntica?» — perguntarão — «Então há juventude que não seja autêntica?».

Há. Por exemplo: a que é filha de manhosas recauchutagens. Chega

os

sempre — fatalmente! — a hora em que o pneu volta a estar (como se diz em filosofia motorizada) nas lonas — unica forma de um pneu imitar os humanos em trages menores. A juventude de *chez madame visagiste* é um logro; as crianças também caiem nele quando chucham na chupeta. Assim como a chupeta é o leite materno sob forma sintética, assim também a juventude pintada á pistola é um

fres

produto químico. Em ambos os casos os defeitos são manifestos: as crianças apanham aerofagias; as adultas, não conseguem esconder o flato. Ao fitar desconfiadamente a máscara de uma «jovem» exportada por qualquer instituto de beleza, disse Napoleão a frase que o tornou imortal:

— De baixo dessas piramides de cosméticos mais de cinquenta décadas nos contemplam.

Ora a autêntica juventude é outra coisa. Consiste, antes de mais, em envelhecer da nossa forma que

segredos

empobrecem os bucolicos habitantes das cidades que compram uma quinta: alegremente. Com uma diferença, todavia: estes andam atrás de ilusões; os que envelhecem sàmente na hora em que morrem, esses sabem gozar a realidade da vida em todas as suas diferentes estações: têm a espécie de heroicidade da cigarra que canta sem medo até que arrefeça o ultimo atomo de sol, do Outono.

A juventude e sempre um estado

da

mental e moral: inconsciente, na sua hora fisiológica, em que o corpo dita leis; consciente, quando os recursos físicos obedecem á unica forma de economia defensável: a da inteligência, a do sentido do ridículo e das proporções. Um «teddy-boy» ou uma «teddy-girl» de cabelos brancos são a mais confrangedora caricatura do peru. Nem lhes falta o monoco ou as basófias gagas. São «teddy-perus». A sua estupidez nem na hora da morte os abandona: chamam á morte Natal, coisa que toda a gente simples sabe que significa nascimento.

Pois aqui têm os leitores de ambos os sexos: envelhecer juvenilmente é nunca deixar de chamar as coisas pelo seu devido nome; é nunca usar eufemismos químicos; é aproveitar de cada fase da vida

juventude

o que ela possui de miludivelmente util e glorioso, sem forçar a nota.

Nos seres inteligentes, a perene juventude é um acto de sabedoria: nos outros, que o não são, mas que a mantêm, é um fenómeno de inocência e simplicidade original.

Mas eu estou a falar a pessoas inteligentes e vou falar de pessoas com a mesma virtude. O cinema constitui um óptimo laboratório onde se ensaiam todos os géneros de juventude, desde a apoplética (género Jane Mansfield) á de Danielle Darrieux, Michele Morgan e Micheline Presle. Ouçamos o que estas três ultimas nos dizem sobre a sua modalidade de juventude.

Aí está Danielle Darrieux, num intervalo de filmagem. Perguntamos-lhe se tem qualquer segredo da juventude.

— Um segredo? — admira-se — Mas não. Não tenho a minima preocupação com o meu rosto nem com a minha elegancia (aqui duvide quem quiser). Nem penso nisso! Quando uma mulher começa a pensar nas rugas e na linha, não tarda que esteja obsecada. O receio de envelhecer é um mal psíquico que devemos evitar.

— Segue um regime alimentar?

— Nem pensar em tal. Não me privo de coisa alguma. Fazê-lo seria uma calamidade, gulosa como sou. Simplesmente, suprimo o pão, quando a balança acusa um quilo ou dois a mais.

— Faz cultura física?

— Que maçada seria, para mim, preocupar-me com isso. É depois, é como todos os vícios, quando se deixa de a fazer... então é que é ver a balança a subir...

— Tem algum cuidado especial com o cabelo?

— Quando filmo, penteio-me todos os dias, no estudio; quando não tenho que fazer, lavo eu própria a cabeça três vezes por semana. Tenho horror aos cabeleireiros.

— Quais as suas normas de vida?

— Deito-me cedo, levanto-me cedo, vou a raros espectáculos — as noites em branco incham os olhos. Moro a 40 quilómetros de Paris, o que torna difícil as saídas. Mas penso correr alguns filmes em minha casa. Só vou a Paris quando é indispensável... Leio mais ou menos, conforme a disposição. Mas leio tudo, desde os romances aos livros policiais. E danço, danço sózinha, ao som de discos...

— Quais os seus próximos projectos?

— Preparo uma revista no Olímpia. Para isso, tomo lições de dança com Georges Reich.

Tão simples, á primeira vista, não acham? Mas como deve ser complicado ter uma vida tão simples... E' que Danielle Darrieux não quis falar de segredos íntimos.. e esses são ás vezes os que complicam a vida á mais pacata das senhoras...

MICHELE Morgan tem sido ultimamente pasto da curiosidade mórbida das revistas, em virtude do seu recente luto.

— Um segredo? — diz-nos calmamente. Julga que pode haver algum? Não, não há segredos mas apenas pequenas regras com que me tenho dado bem:

Não fazer excessos. Levar uma vida sã. Fazer exercício ao ar livre. Comer com moderação e escolha. Não beber excitantes nem álcool (estes conselhos destinam-se apenas ás senhoras, bem entendido). Nada de perder noites. Ir ao médico todos os seis meses (muito baratas devem ser as consultas em França!), apenas para verificar se tudo está em ordem. E acima de tudo, evitar o desequilíbrio, á medida que os anos passam.

— Tratar do rosto?

— Bem, sobretudo, tenho cuidado com o que como. Uma saude interior bem equilibrada reflecte-se logo no exterior.

— Cultura física?

— 5 a 10 minutos todas as manhãs. Como desporto, apenas um pouco de ténis e de natação, no Verão, e de «skis», no Inverno. O meu sucesso deve-se mais ao publico do que a mim. O segredo do meu triunfo está em ser amada pelo publico; ele é que nos faz envelhecer...

— Como vive?

— Neste momento não saio, sabem porquê. A' noite, leio, Adoro ler Martin du Gard, Simone Beauvoir, os autores americanos, romances policiais, a História da França.

— Projectos?

— Um filme para o mês de Maio.

ICHELINE Presle diz-nos muito sinceramente, que pensava mais no físico quando era jovem do que agora. O tempo não a engordou, o que lhe deu, como é de prever, tranquilidade. Fugiu sempre aos regimes, porque a punham de mau humor. A juventude é uma questão de natureza e de carácter (isto diz Micheline, não nós). Há quem mantenha a viveza do olhar, a despeito das rugas; uma pessoa idosa pode bem sentir-se jovem, no meio de jovens de 17 anos. Nunca tratou em especial do rosto: evitou as águas calcárias, o sol que provoca rugas. Quanto aos cabelos, faz «mise» com cerveja (eles são extremamente finos) para os encorpar. E lá vai andando menos mal...

— Cultura física?

— Não, não tenho paciência para isso. Toda a cultura física requer paciência; e isso é coisa que não tenho. Adoro o relaxe. Estendo-me, á tarde, mas não leio; prefiro conversar com muita filha. Gosto de musica. Mas no fundo, as pessoas é que me interessam e não as coisas.

— Projectos?

— Tenho um filme em Berlim, cujo título não é ainda definitivo. Depois dele, nada mais que vagos projectos...

(Continuação da página central)

tra-elegante e, muito embora tenha ganho rios de dinheiro, vivia em permanente estado de penuria por causa das despesas exigidas pelo luxo do seu vestuário. A sua costureira, uma das mais conhecidas de Viena, fazia-lhe as roupas de quarto e os coletes em cetim rosa-pálido, azul-claro ou vermelho-fogo, com fitas de cores alaranjadas, ou violetas, e, além disso, as camisas de rendas e as pantufas de cetim. Wagner fazia acompanhar as encomendas de desenhos que ele próprio executava, indicando minuciosamente os detalhes das guarnições, dos laços etc.

O nosso talentoso Eça de Queiroz, homem a tantos títulos superior, também dispensava excessivos cuidados á sua «toilette» e é bem conhecido o interessante retrato que dele nos traçou o seu amigo Jaime Batalha Reis. Estava-se na Primavera de 1869 e Eça, que acabava de chegar do Oriente, entrou na casa habitada por Antero de Quental e Batalha Reis. Mas deixemos que seja este a descrevê-lo:

«Trajava uma longa sobrecasaca aberta; cobria-lhe o peito, em relevo, um «plastron» que nos pareceu enorme, sobre o qual se erguia um colarinho altíssimo, onde a custo a cabeça se movia. Os punhos, que os botões uniam pelo centro com uma corrente de ouro, encobriam grande parte das mãos metidas em luvas amarelas muito claras. Vestia calças claras, arregaçadas alto, mostrando meias de seda preta com largas pintas amarelas e sapatos muito compridos, ingleses, de polimento. Tinha na cabeça um chapéu alto, de pelo de seda brilhantíssimo. E olhava-nos com um monóculo que lhe estava sempre a cair e que ele por isso, abrindo a boca em esgares sarcásticos, a miudo reentalava no canto do olho direito».

E, um pouco mais adiante, a viva descrição do ridículo chiquismo das atitudes, tão estranhas em quem sabia descobrir com tanta argucia os mais ocultos ridículos alheios:

«Mas pretendia haver voltado doentíssimo, de uma extrema debilidade, de uma mórbida impressionabilidade nervosa, e agitava, de contínuo, um grande lenço perfumado de seda branca com que limpava a testa, cofiava a barba, que atirava sobre a mesa, interrompendo-se para entalar o monóculo e exclamar com voz desmaiada:

— Meu Deus! como me sinto mal! Vou ter o meu delíquio! o meu «apopleté»! Meninos, depressa, os meus sais... onde estão os meus sais?!...

E tirava, com efeito, da algibeira, um longo frasco de sais que aspirava sofregamente».

Alonguei-me demasiado na deliciosa descrição de Batalha Reis e, agora reparo, começa a escacear-me o espaço para o que ainda tinha para dizer. Queria falar-vos da vaidade moral, que muito se tem desenvolvido desde que os jornais passaram a apregoar aos quatro ventos todos os grandes ou pequenos benefícios das pessoas caritativas. De tal modo se desenvolvem nos nossos dias a publicidade da filantrópia, que é legítimo perguntar se o indivíduo que contribui para uma obra de beneficência é levado a isso pelo desejo de socorrer o próximo ou pela vaidosa aspiração de obter um diploma de benemerência. O exibicionismo da caridade mundana por parte das senhoras «de sociedade», esse é tão notório que nem vale a pena falar dele.

Afinal, limitei-me a falar sobre os vaidosos exibicionistas e nada ainda vos disse acerca dos vaidosos hipócritas: isto é, aqueles que ocultam a sua vaidade sob uma capa de modéstia. E tantos eles são que Pedro Weber, subtil observador da alma humana, chegou a escrever, talvez com algum exagero: «Não conheço nada mais odioso que um homem modesto; trata-se, com toda a certeza, de um vaidoso encoberto».

A vaidade tem a sua estratégia e não é geralmente por verdadeira modéstia que um orador pede a indulgência do auditório para as suas «descoloridas palavras». Também não é por modéstia que certos homens se afastam e ocultam, mas antes para criarem em seu redor aquela nebulosidade de que costumam rodear-se os próprios Deuses. Um certo mistério é conveniente ao prestígio pessoal e o recolhimento tem a vantagem de evitar confrontos dos quais pode sair-se diminuido... Os vaidosos deste tipo foram classificados por um moderno escritor português, com grande propriedade, como «militantes da modéstia»...

ALFREDO BRAS

Diario de Lisboa

De uma semana para a outra

DIA 12

EM PORTUGAL — O comodoro Raul Viegas Ventura foi nomeado comandante das forças navais do Estado da India. ✱ Em Luanda, o dr. José Ferreira Gomes proferiu na Associação Comercial, uma conferência sobre o Açucar na Economia Angolana. ✱ Realizou-se a cerimónia da comunhão pascal dos alunos do Instituto dos Pupilos do Exército. ✱ Foram reorganizados os serviços do Instituto Ultramarino. ✱ Faleceu o coronel Fernando Augusto da Camara Lomelino.

NO ESTRANGEIRO — O presidente Eisenhower manifestou a sua satisfação por visitar Portugal, no mês de Maio. ✱ Anuncia-se que a próxima reunião ministerial da Associação Europeia do Comércio Livre se realizará em Lisboa. ✱ Nas ruínas de Agadir foram encontrados mais cinco sobreviventes ✱ Chegou a Paris, vindo de Londres, o dr. Marcello Mathias, ministro dos Estrangeiros de Portugal. ✱ Em Viena terminou a reunião dos «Sete», cujo comunicado manifesta vontade de promover a união económica da Europa, através da remoção das barreiras alfandegarias. ✱ Em Estocolmo realizou-se um baile com a presença de todas as cortes da Europa. ✱ O primeiro-ministro MacMillan chegou a Paris para conferenciar com de Gaulle.

DIA 13

EM PORTUGAL — No Ministério da Educação foi homenageado o director geral do Ensino Primário, dr. Gomes Belo. ✱ Anuncia-se que, em Peniche, vai ser instalada uma escola de motoristas navais. ✱ No Campeonato de Futebol, o Sporting venceu o Braga por 4-0; o Porto venceu o Lusitano por 3-1 e o Benfica venceu a C. U. F. por 5-1. ✱ Em Coimbra o professor brasileiro Carlos Chagas recebeu as insígnias de doutor «honoris causa» pela Faculdade de Medicina.

NO ESTRANGEIRO — O ministro dos Estrangeiros do Governo de Djakarta anunciou que a Indonésia não tem quaisquer pretensões sobre o Timor português. ✱ Em Roma, o Papa João XXIII anunciou que a lingua vulgar substituirá o latim em certas cerimónias católicas. ✱ A visita a França do primeiro-ministro russo, Nikita Kruschtchev, foi adiada por motivo de doença deste. ✱ A Argélia foi abalada por vários tremores de terra. ✱ Morreu a princesa Isabel de Liechtenstein. ✱ Em novos acidentes entre partidos rivais, no Congo Belga, registaram-se dois mortos e 12 feridos.

EM PORTUGAL — Em Espinho o tufão e a água do mar destruiram várias casas e uma rua. ✱ Chegou a Lisboa o escritor espanhol José Maria Peman. ✱ Regressou ao Brasil o embaixador de Portugal dr. Manuel Rocheta. ✱ Foi condecorado com a comenda de Cristo o comerciante americano de cafés, sr. George V. Robbins. ✱ No Instituto Superior Técnico, falou o prof. Walter Georgü, do Instituto de Investigação Aeronáutica de Munique.

NO ESTRANGEIRO — O presidente Sukarno da Indonésia assumiu poderes especiais de supremo administrador militar da Indonésia. ✱ O embaixador soviético em Bonn afirmou que a Alemanha só poderá ser reunificada se o Ocidente aceitar as condições russas. ✱ Em Nova York Adenauer conferenciou com Ben Gurion, no Waldorf-Astória, em que ambos se encontram instalados. ✱ Em Elisabethville, no Congo Belga, foi proclamada a lei marcial. ✱ O presidente do Peru enviou ao Presidente da Republica, almirante Américo Tomás, um telegrama de agradecimento pela forma como foi tratado em Portugal.

DIA 15

EM PORTUGAL — Na Faculdade de Letras de Lisboa, falou o escritor José Maria Peman sobre Lope de Vega e a sua vida. ✱ Na Assembleia Nacional, o sr. Francisco de Melo Machado falou da necessidade de refazer as estradas de Portugal. ✱ Em Aveiro foi homenageado o antigo governador civil, dr. Querubim Guimarães. ✱ Para a Africa Portuguesa seguiram mais 600 colonos. ✱ Foi actualizada a organica da Legião Portuguesa.

NO ESTRANGEIRO — Em Genebra principiou a conferência do desarmamento. ✱ O ministro dos Negócios Estrangeiros Sul-Africano, Eric Loun, advertiu o Ocidente de que deve preparar-se convenientemente para enfrentar os maus dias em Africa. ✱ O actor James Stewart foi promovido a brigadeiro-aviador; em caso de conflito será o director-adjunto dos serviços de informação do exército do ar. ✱ Adenauer declarou em Washington estar convencido que os aliados se manterão firmes quanto á questão de Berlim. ✱ Durante as eleições presidenciais na Coreia do Sul, houve 10 mortos e 80 feridos.

DIA 16

EM PORTUGAL — A Lisboa regressou o sr. ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Marcello Mathias. ✱ O rei de Marrocos, em telegrama para o sr. Presidente da Republica, agradece a solidariedade portuguesa na tragédia de Agadir. ✱ Com o Presidente da Republica almoçaram os componentes das comissões henriquinas. ✱ No Instituto de Altos Estudos deu uma lição o prof. Lopo de Carvalho sobre a angiocardiopneumografia. ✱ Perto de Vendas Novas caiu uma avioneta morrendo os dois ocupantes. ✱ Na Assembleia Nacional continuou a discussão do regimento. ✱ Faleceu o professor liceal dr. Jaime Xavier de Brito. ✱ Na Camara Municipal anunciou-se que vai ser criada uma estação experimental de tratamento de esgotos.

NO ESTRANGEIRO — Syngman Rhee foi eleito presidente da Republica Sul Coreana, pela quarta vez sucessiva. ✱ O chanceler Adenauer sugeriu um plebiscito feito pelos aliados para Berlim-Oeste. ✱ Na Argentina continua a agitação, havendo centenas de prisões. ✱ Em França é pedida a convocação extraordinária do Parlamento ao que de Gaulle se opõe. ✱ Em Chicago apareceram mortas três senhoras em parques próximos da cidade.

DIA 17

EM PORTUGAL — O ministro da Educação Nacional foi agraciado, pelo Governo italiano, com a comenda da Ordem de Mérito ✲ Chegou a Lisboa, para uma visita de alguns dias, o chefe do Estado-Maior do Exército brasileiro ✲ José Maria Peman pronunciou a sua terceira e ultima conferência na Faculdade de Letras de Lisboa.

NO ESTRANGEIRO — Entrou em actividade o vulcão da ilha Manan, perto da Nova Guiné ✲ Os Estados Unidos declinaram o oferecimento do Brasil para este país servir de mediane[illegible] no conflito com Cuba.

DIA 18

EM PORTUGAL — O chefe do Estado-Maior do Exército brasileiro foi condecorado pelo Presidente da Republica ✲ O aviso «Afonso de Albuquerque» partiu para uma viagem de circum-navegação.

NO ESTRANGEIRO — Terminou a fase preliminar da Conferência do Desarmamento. ✲ O planetoide «Pioneiro V» continua a emitir sinais nítidos. ✲ Demitiu-se o ministro espanhol da Educação

Comentário Internacional

A visita do chanceler

A visita do chanceler Adenauer a Washington revestiu-se de decisiva importancia. Os fins dessa visita não ofereciam motivo para duvidas. A' medida que se aproxima a data da realização da conferência de alto nível — prevista para meados de Maio — as posições extremam-se e as atitudes tornam-se mais rígidas do que nos ultimos meses. Trata-se, como alguns supõem, de simples manobras tácticas, destinadas a facilitar uma negociação inevitável, reduzindo ao mínimo as concessões a fazer? Ou, pelo contrário, estamos perante uma incompatibilidade insanável a qual só pode ter como consequência a renovação da guerra fria com os seus inconvenientes e perigos reconhecidos?

As hesitações da política externa americana, mais sensíveis num ano de eleições, estão na origem da incerteza que a esse respeito paira por toda a parte. Em Campo David, em Setembro do ano passado, o presidente Eisenhower negociou com o chefe do Governo soviético — é esta a expressão ajustada para a sua combinação apesar dos desmentidos oficiais — uma solução transitória das divergências latentes entre os dois países. Essa solução consistiu em trocar a retirada do prazo estabelecido na nota soviética de Novembro de 1958 pela realização de uma conferência de alto nível.

Que benefícios e inconvenientes resultaram dessa plataforma para os interlocutores de Campo David? Que ressalvas procurou cada um deles garantir para acautelar os interesses que está encarregado de defender?

O presidente Eisenhower contava que, entretanto, a unidade das nações ocidentais se restabelecesse e que estas apresentassem uma frente unida para negociar quando chegasse o momento de o fazer. O chefe do Governo soviético, pelo contrário, estava convencido de que esse objectivo não seria alcançado e que as brechas, mais ou menos visíveis, na coligação ocidental se aprofundariam dando-lhe a ele maior liberdade de movimentos do que na negociação bilateral com os Americanos.

Que se passou depois da visita de Kruchtchev aos Estados Unidos e da digressão do presidente Eisenhower pela Europa, seguida da reunião do Conselho da N. A. T. O., em Dezembro? As dificuldades que, no seio da aliança atlantica, então se faziam sentir não foram sanadas. A Grã Bretanha mantém nela uma posição que a coloca frequentemente num campo oposto ao dos seus aliados e por vezes mesmo numa posição hostil a estes ultimos. Obrigados a desempenhar uma missão de conciliação e arbitragem, os Americanos vêem-se em compreensíveis embaraços e a sua sentença traduz-se, invariàvelmente, por compromissos inoperantes ou decisões equívocas.

Durante a visita do chanceler Adenauer a Washington, apesar do optimismo de que este deu exuberantes provas antes de regressar a Bona, as coisas não correram para ele com a facilidade que esse optimismo dava a entender. Entre ele o presidente dos Estados Unidos chegou-se a um novo compromisso cujas linhas gerais não é difícil descortinar. O chanceler acedeu a que, na conferência de alto nível, os ocidentais partam das concessões feitas aos russos na reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros de Genebra para negociar um novo estatuto de Berlim. Por sua vez o presidente confirmou, no comunicado oficial que pôs termo ás conversações, a posição americana favoràvel á aplicação da autodeterminação para os habitantes da antiga capital do Reich, reiterando a promessa de que as nações ocidentais a não abandonarão se não for possível chegar, na conferência de alto nível, a acordo com os responsáveis pela política da Russia.

Estes, durante as ultimas semanas, pela boca de Kruchtchev fizeram saber que o limite das suas concessões foi atingido e que não irão mais além, quer dizer que se os ocidentais rejeitarem a sua proposta de dar a Berlim o estatuto de cidade livre, negociarão um tratado de paz separado com a Alemanha Oriental, entregando ás autoridades deste país a fiscalização das vias de acesso a Berlim. Neste caso teríamos de suportar uma nova crise diplomática, de consequências imprevisíveis durante o próximo Verão e haveria uma prova de força entre Russos e Ocidentais.

Notícias ainda não publicadas

No Médio Oriente voltou a reinar uma certa calma, embora as raizes do mal endémico que ali periòdicamente faz sentir os seus efeitos continuem a dar ramos ameaçadores. As conversações de Ben Gurion em Washington e o seu diálogo desconcertante com o chanceler da Alemanha Ocidental chamaram, mais uma vez, as atenções do Mundo para o Estado de Israel a cujos destinos preside. Na hipótese de um novo conflito ou de uma nova ameaça israelita o coronel Nasser já fez saber que destruirá os «pipe-lines» que correm nos países árabes e cujo funcionamento regular é indispensável ao abastecimento do ocidente europeu.

Embora se tenham iniciado negociações diplomáticas sobre o futuro de Bizerta, depois do ultimato do presidente Burguiba á França, ninguém espera que delas saia qualquer resultado apreciável. Ao mesmo tempo prosseguem as negociações entre o Governo francês e os dirigentes do Mali sobre a sorte de Dacar. Estes dois portos, que são também as duas mais importantes bases de que a França ainda dispõe fora do seu território metropolitano, têm uma importancia excepcional não apenas para este país mas para a aliança ocidental.

Nos Estados Unidos prevê-se um recrudescimento da tensão no estreito da Formosa, nas vésperas da conferência de alto nível marcada para meados de Maio. Os pilotos chineses de «Migs» mostram-se mais agressivos do que nos ultimos tempos o que os chefes militares americanos têm como um sinal anunciador de tempestade próxima. Em ano de eleição presidencial será mais uma dificuldade a juntar áquelas que embaraçam o caminho que o presidente Eisenhower terá de percorrer nos próximos meses.

Segundo afirma uma importante revista americana os Russos dispõem já de um numero considerável de submarinos de propulsão atómica, embora não lhes façam qualquer referência publica. E' um dos seus trunfos nas negociações politicas e militares em curso ou em vésperas de realização nas quais se confrontarão as teses do Leste e do Ocidente antes de ser adoptada pelas nações ocidentais uma linha de conduta definitiva nas suas relações com os Soviets e com o bloco comunista.

Tudo indica que a anunciada brigada atómica composta de elementos das três nações ocidentais — Estados Unidos, Grã-Bretanha e França — de que falou há pouco o general Norstad, será comandada por um francês. Será a primeira satisfação dada pelos Americanos e Ingleses aos pedidos do general de Gaulle que reivindica, no seio da aliança, uma situação em pé de igualdade com a dos anglo-saxões.

Nos meios navais americanos há a convicção de que o misterioso submarino que teve o principal papel no episódio do Golfo Nuevo (Argentina) pertence á Armada da China comunista. Esta versão parece corroborada por indícios a que os referidos meios atribuem grande importancia.

O presidente de Gaulle teria manifestado o desejo de que, de futuro, ás suas conversações com os chefes de governo de outros países não estejam presentes os ministros dos Negócios Estrangeiros. Estes teriam apenas, nessas conversações, a tarefa de serem consultados e prepararem a redacção dos comunicados finais. Eis uma inovação que, como algumas anteriores, desencadearam sobre a cabeça do general de Gaulle uma trovoada de comentários nem todos amenos.

JOÃO CÂNDIDO BELO & C.ª, L.da

VILA FRESCA DE AZEITÃO PORTUGAL

Telefones: 028029-028062-028078

A TRANSPORTADORA SETUBALENSE

Serviço publico de transporte de passageiros, na maior rede de camionagem do País. 220 viaturas percorrendo 23.000 quilómetros diários. Aluguer de autocarros para todo o País e estrangeiro.

«BELOS» — AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO

Av.ª 5 de Outubro, 52 — Tel. 23291 SETUBAL — PORTUGAL

Prédio

EM MAGNIFICO LOCAL DE LISBOA, construção do melhor, c/ materiais de 1.ª, revestido a marmorite, isento 6 anos, 4 inq. seleccionados, c/ 6 div. distrib. águas quentes etc. URGENTE POR MOTIVO DE RETIRADA.

PREÇO 850 CONTOS c/ escritura.

NORTENHA

Praça da Alegria, 58, 2.º—Tel. 36681?

Semana do contribuinte

IMPOSTO COMPLEMENTAR — Apresentação até 15 de Abril próximo das declarações *modelo 2*, por todos os indivíduos que tendo rendimentos superiores a 60.000$00.

Apresentação, até 31 deste mês, das declarações *modelo 3*, por todas as sociedades em nome colectivo, por quotas, em comandita simples e outras sociedades colectivas.

Apresentação, até ao dia 15 de Abril próximo, das declarações *modelo 4*, pelas sociedades anónimas ou em comandita por acções.

Apresentação até ao dia 31 deste mês, das declarações *modelo 5*, pelas sociedades de seguros que paguem rendas vitalícias.

Apresentação, até ao dia 15 de Abril próximo, das declarações *modelo 6*, pelas sociedades anónimas ou em comandita por acções.

CONTRIBUIÇÕES GERAIS DO ESTADO — Estão a pagamento, com juros da mora, as seguintes contribuições e impostos não pagos em Janeiro e Fevereiro findos: *Contribuição Predial; Contribuição Industrial — Grupos A, B e C; Imposto Profissional de Profissões Liberais, Empregados e Assalariados; Imposto sobre a Aplicação de Capitais — Secção A.*

RECLAMAÇÕES — *Prédios devolutos* — Podem apresentar-se até ao fim do corrente mês as reclamações para a anulação dos correspondentes duodécimos da colecta, respeitantes a prédios ou andares que estivessem devolutos durante o ano de 1959. *Contribuição Industrial e Imposto Profissional* — Pode também reclamar-se até ao fim do corrente mês a anulação das colectas respeitantes a anos posteriores àqueles em que se tiver verificado a cessação de factos tributários. *Erros nos lançamentos* — Pode reclamar-se até ao fim do corrente mês contra qualquer erro havido nos lançamentos das Contribuições Gerais do Estado.

RELATÓRIOS E CONTAS — As sociedades e empresas deverão remeter os exemplares dos seus relatórios e contas aprovados, á *Inspecção Geral de Finanças*, dentro de *sessenta dias* contados da data da sua aprovação; á *Direcção de Finanças* do distrito até *noventa dias* depois de aprovado o prazo para a assembleia ordinária dos accionistas se reunir; á *Direcção Geral do Comércio* — Repartição do Comércio até ao fim de Abril próximo; e á *Inspecção Geral de Crédito e Seguros* até ao fim de Abril próximo.

ESTATISTICA — Todas as sociedades devem remeter *até ao dia 15 de Abril próximo*, ao Instituto Nacional de Estatística o respectivo verbete estatístico, contendo os elementos nele indicados, acompanhado do relatório da gerência, com excepção das sociedades coloniais cujas queiram de receber elementos do estrangeiro, as quais é permitido completar o preenchimento do verbete [illegible] tempo próprio.

Jornal dos jornais

ESCLARECIMENTOS sobre demarcação de prédios rústicos

O Grémio da Lavoura oficiou ao Instituto Geografico e Cadastral no sentido de ser prorrogado o prazo para a colocação dos marcos, porque, ate 31 de Março, era inteiramente impossivel fazer essa demarcação. A resposta agora recebida dá satisfação ao nosso pedido, nos seguintes termos:

«Dadas as razões evocadas no mesmo oficio, e considerado um alargamento, ate 31 do mês de Dezembro do corrente ano, do prazo indicado nos avisos da contribuição predial que os proprietários desse concelho devem receber brevemente, para a colocação obrigatória dos marcos de delimitação das suas propriedades».

No mesmo ofício foi dito áquele Instituto que há freguesias no concelho, tais como Santa Catarina da Serra, Arrabal e Cortes, que têm terrenos constituidos por rochas compactas e, deste modo, não se podia dar cumprimento ás instruções que obrigam a enterrar o marco 0,40 m.

Para ilucidação dos nossos associados, com terrenos nestas condições, vamos transcrever a resposta:

«Mais informamos que quando o terreno oferecer as características na parte final do mesmo ofício descritas, se deverá fazer na rocha uma cavidade com a profundidade de 25 cm., na qual se fixará o marco com argamassa de cimento, por forma a ficar fóra do terreno uma parte do mesmo marco, com a altura regulamentar (30 cm.)».

(**«Folha Informativa»**, do Grémio da Lavoura de Leiria e Marinha Grande)

Foi "pescada" uma jamanta

De quando em quando orquestram-se superlativos louvores—superlativos e justos — ás, de facto, vastas possibilidades cinegéticas de Angola. Não menos importantes, todavia, são as que os nossos mares oferecem para o apaixonante desporto da pesca e caça, a ponto de forasteiro qualificado ter, não há muito, afirmado que a costa de Angola é, nalguns pontos «o paraíso dos pescadores desportivos» e o dr. Mário Madeira, na sua recente visita á província — ele que é o presidente do Bureau Internacional do Turismo Africano — ter dito: — O unico defeito é que há peixe demais e exemplares extraordiários demais.

Passando por cima das implicações que naturalmente estes factos representam para o desenvolvimento turístico da província — e sabemos o C. I. T. muito dentro do assunto — passamos á notícia, sensacional a todos os títulos: foi há dias pescada em Belas, nada mais nada menos que um gigantesco exemplar dessa raia feroz e esquiva que é a jamanta. Três horas de luta, com o monstro a puxar em correria desenfreada, águas fora, um barco de meio cruzeiro, a rebentar cabos de aço fortíssimos, a provocar emoção a todos — três horas de luta e a jamanta teve que ceder, exausta das suas cóleras e da luta inteligente que lhe fora movida.

Para tornar a notícia um pouco interessante, o autor da proeza sensacional — é das poucas vezes em todo o Mundo que uma jamanta é «pescada»—foi o dr. Maia de Loureiro, então encarregado do Governo e apaixonado por este género de desporto. Acompanhava-o o dr. Zeferino da Cruz, no seu meio-cruzeiro «Dourado» e Ferreira Neto.

O «bicho» rebocou as quatro toneladas do «Dourado», já depois de ter sido arpoado uma vez e de ter levado 4 tiros de carabina. Era a nona jamanta que, no espaço de uma semana, se tentava apanhar e era muito maior que as anteriores. O sangue das arpoadelas chamou muitos tubarões: um deles morreu com a jamanta, num amplexo terrível.

A jamanta pesou, depois de esquartejada, 980 quilos. Mas fotografias dão melhor ideia, das proporções do terrível monstro.

(*«Notícia», de Luanda*).

A CRECHE do Mercado Municipal de Braga

A Presidência da Camara, por sugestão do sr. Henrique Pereira, instalou no Mercado Municipal, quando da sua inauguração uma creche destinada ás crianças, filhas das mulheres que ali, desde manhã cedo, por imperativo da vida, labutam. Esse importante melhoramento — o unico do género existente no País — situado no piso inferior do Mercado, recolhe, todos os dias, ás nove horas, cerca de vinte e cinco crianças com idades variáveis, permitindo, assim, ás mães, que desenvolvam sem preocupações a sua actividade. Por outro lado, proporciona ás crianças os cuidados indispensáveis que, dantes, não podiam ter, vivendo, ainda que sob o olhar atento das mães, em caixotes de peixe, ou, muito simplesmente, debaixo dos balcões.

A obra provocou o dispendio de quase vinte e cinco contos e vive, exclusivamente, da quotização feita entre os comerciantes do Mercado — aceitando lógicamente, qualquer auxílio que lhe queiram endereçar, desde peças de vestuário ou loucas, até géneros alimentícios e dinheiro.

(**«Correio do Minho», de Braga**)

A FIGURA DA SEMANA

O presidente da Assembleia Nacional francesa, que tem em Bordeus a sede da sua influência eleitoral e em Paris o centro da sua acção política, não se limita a aeslocar-se incessantemente entre essas duas cidades. Diz-se-ia que divaga também, por vezes, entre a IV Republica onde exerceu os mais elevados cargos e a V, em cuja hierarquia ocupa uma posição predominante, sendo a segunda personagem do mecanismo constitucional que a serve. As suas qualidades de adaptação são tão notórias como os seus méritos politicos, os quais conseguiram triunfar de obstáculos e dificuldades que para outros seriam intransponiveis. Ministro da IV Republica, presidente da Assembleia Nacional na V, o sr. Chaban Delmas atravessa uma hora de perplexidade e duvida.

A sua fidelidade ao general de Gaulle não oferece duvidas mas o seu agudo senso das realidades diz-lhe que as atitudes excessivamente rígidas são, em geral, uma fonte de embaraços e contratempos que é dificil estancar. O pedido dos deputados, que naquele órgão da soberania em França representam a vontade popular, para se convocar em sessão extraordinária o Parlamento, é contrariado pelo presidente da Republica e pelo chefe do Governo sr. Debré que se têm encarregado de exprimir oficialmente o pensamento do general de Gaulle.

Como decidir-se? Seria relativamente cómodo e bastante fácil para o sr Chaban Delmas limitar-se a fazer seguir o pedido os tramites constitucionais, levando-o ao chefe do Estado para que este sobre ele dissesse a ultima palavra, pois sem o seu assentimento a Assembleia Nacional não se reunirá. Acontece, porém, que a sua opinião em tão delicada emergência é de grande peso e que o prónrio partido em que milita — o da fidelidade degaullista — se encontra dividido. É dicão apesar dos recursos do sr. Chaban Delmas exuberantemente afirmados no passado durante uma carfícil saír de tão embaraçosa situareira brilhante e feliz.

Os caminhos de ferro franceses puseram recentemente ao serviço nas suas principais regiões de turismo um novo tipo de automotoras que pela disposição especial da sua construção permitem uma ampla vista sobre o exterior.

Estas interessantes automotoras dispõem de dois andares — um á altura normal, com duas divisões nas extremidades, outro na parte superior, com poltronas reversíveis e inclináveis — têm 27 metros de comprimento e podem circular a 130 quilómetros á hora com dois atrelados.

Na Secção de Informações da estação do Rossio encontra-se exposta ao publico uma miniatura daqueles veículos.

No ALGUEIRÃO o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por VITOR MANUEL PIRES DA SILVA.

Influência das cores na circulação sanguínea

O perito Götz Neuke, de Francfort, lançou as bases de uma nova concepção das cores com a sua «teoria sinergética». Esta teoria baseia-se em experiências efectuadas para determinar a influência de luz de diferentes cores sobre a irrigação sanguínea dos órgão. Para tal fim, Neuke desenvolveu um método de medição termo-eléctrica com aparelhos de alta sensibilidade como o Fluvógrafo.

As suas experiências demonstraram que o vermelho e o amarelo elevam a irrigação sanguínea, enquanto azul e o verde promovem a sua diminuição. A luz branca, com o espectro contínuo, tem por consequência uma diminuição e um aumento, ou seja a contracção ou distensão dos vasos. Vermelho e amarelo são portanto cores activantes, enquanto o azul e o verde têm efeito calmante.

Os peritos penetram cada vez mais no vasto domínio dos efeitos das cores, tão cheio de surpresas e de segredos, descobrindo as relações entre determinadas cores e determinadas relações psíquicas e físicas.

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95 Rua Nova do Almada 99
LISBOA

CAFÉ CORUJA
Restaurante tipico
Coruche — Telefone 114
Pratos regionais
Caldeirada a Sorraia
Ensopado de Enguias
Lampreia com arroz á moda da casa
Filetes a Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçola
Cabrito á Moda da Casa
Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região
(6 anos)

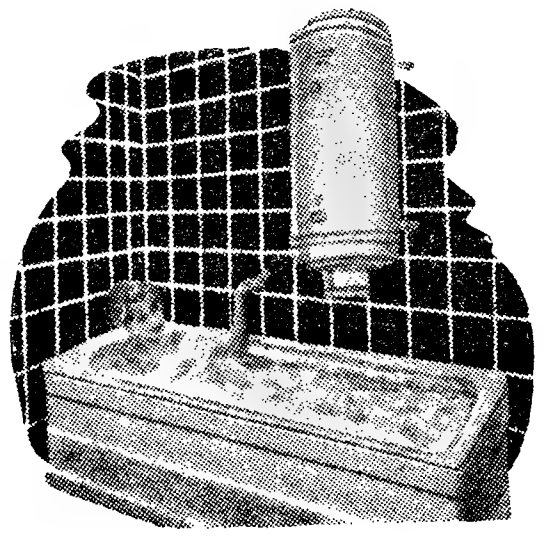
SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

[illegible] pelos srs. eng. Vasco Maria Eugénio de Almeida (Vilalva); D. Maria Teresa Burnay Bello de Almeida; dr. António Gonçalves Ferreira Rapazote; Manuel João Cutileiro Ferreira; dr. Mário Camarate Campos; eng. Albano de Matos Fernandes; Mário Campos de Melo, Alberto Fernandes Moreno; Manuel Semião e Vítor Semião, foi assinada na Secretaria Notarial de Evora, a escritura de constituição da sociedade que adquiriu as instalações do antigo Palácio da Inquisição, para ali construir um bom hotel.

Dois grandes passos estão dados, portanto, no caminho orientativo de solução de um grato problema da cidade, formulando nós sinceros votos de que todos os esforços — oficiais e particulares — se conjuguem para que Évora disponha bem cedo deste desejado melhoramento.

(*«Notícias de Evora», de Evora*)

PROCEDES SAUTER
TERMO-ACUMULADORES ELÉCTRICOS DE POTÊNCIAS E CAPACIDADES DIVERSAS



Águas Quentes a qualquer hora
Simplicidade e robustez
DELEGADOS
Agência Geral de Material Eléctrico, Lda.
Rua dos Industriais, 4-1.º (às Côrtes) — LDA.
Telefones: 660692-666082-660604

por MIRIAM S. ALLEN

VI EPISÓDIO

RESUMO DOS EPISÓDIOS ANTERIORES — A morte de uma jovem acusada de leviandade lança as suspeitas sobre os inquilinos do seu prédio, os casais Abbott, Wilson e Reeves e um homem que diz ter sido marido da assassinada. A Polícia reúne os suspeitos.

O sargento Brooks estava sentado na mais vasta das poltronas. Mandou sentar Tom e Betsy. O apartamento de Rita estava mobilado com excessiva sobriedade. Parecia agora mais frio. Da casa de jantar vinha a voz de Petey.

Não era uma reunião mundana e o sargento Brooks não fez apresentações mas Betsy reconheceu John Butler sentado numa cadeira. Tentava parecer à vontade mas não o conseguia. Rita Wilson e Ray Reeves sentavam-se perto da lareira. Isabelle estava ao centro. Parecia a protagonista de uma peça teatral.

— Espero que isto não demore muito, sargento. E' muito enervante. Tenho ainda a minha dor de cabeça

— Não está num consultório médico — replicou o sargento Brooks bruscamente.

Teria Ray Reeves sorrido á resposta do polícia? Betsy não pode descobri-lo porque Ray voltou-se imediatamente para a mulher e disse com simpatia:

— Tenta estar calma, querida.

Brooks não fez nenhum preambulo.

— O sr. — disse, apontando Butler — só soube da morte de sua mulher há dez minutos, quando eu lho disse. O seu regresso ao apartamento é um ponto a seu favor. Mas não é suficiente para ilibá-lo. Pode ser uma habilidade.

John Butler não respondeu mas via-se nitidamente na sua face o que pensava de policias.

A atenção do sargento fixou-se nos outros

— Parece que a rapariga foi assassinada na casa de jantar deste apartamento. Fui informado disso.

Betsy estremeceu. Sentia que Brooks se ia dirigir a Tom e a ela. A mão do marido segurou-a com mais força. Estavam juntos. Estavam segaros. Mas Brooks voltou-se para Rita.

— No cabelo de Nanette foram achados grãos do alimento do passaro.

— Naturalmente! Não lhe expliquei ja que deixei o papagaio em casa dela?

— Não analisámos apenas o cabelo da morta mas o seu apartamento. Se o papagaio esteve em casa dela durante uma semana como se explica que não tivéssemos encontrado quaisquer vestígios do animal. A verdade é que Nanette Butler não guardou o papagaio durante qualquer espaço de tempo.

Rita estava imóvel, os olhos fixos na expressão dura do sargento.

— Além disso, minha senhora, devo dizer-lhe que não é correcta a sua versão. Não chegou esta manhã á cidade mas ontem á tarde. As mentiras são inuteis. Explique-se, por favor

Fez-se um fundo silêncio. Betsy olhou Isabelle e observou a excitação da mulher. Ray ouvia com um interesse calmo. As suas mãos no entanto, seguravam-se com força á cadeira. John Butler olhava.

Rita soltou um suspiro e disse:

— Sim é verdade. Voltei ontem á noite. Tomei um taxi e parei numa loja para comprar comida para o papagaio. Quando cheguei a casa vi essa rapariga. Estava cá... morta. Vi algumas joias minhas embrulhadas num lenço. Uma estola que me pertencia estava sobre uma cadeira. Pensei que Nanette era uma ladra. As gavetas da secretária estavam abertas. Coloquei tudo no seu lugar pensando sempre em quem a poderia ter morto.

Rita suspirou de novo.

— Bem, que fez depois? — perguntou Brooks.

— Saí. Fui beber café e procurar resolver qualquer coisa.

— Tinha medo que fosse o seu marido, o assassino não era?

— Não! Nunca!

— Então quem levou o corpo para a lavandaria?

— Fui eu. Voltara quando os Abbotts entraram. Suspeitei que tinham algo que ver com o assassínio. Não vinham regar as plantas. Quando fui visitar Betsy esta manhã queria averiguar o que sabiam os Abbotts.

John Butler explodiu:

— Que espécie de investigação é esta? Porque não interroga Wilson? Pode ser que não signifique nada o que vi. A verdade é que o encontrei á porta do edificio ontem de manhã.

— Ah sim!? — disse o sargento.

Uma chave rodou na fechadura. Era um homem alto e jovem. Sorriu e disse:

— O que há Rita. Temos uma festa em pleno dia?

— Oh, Ralph...

Rita quis avançar para o marido mas pensou que isso seria inconveniente

Ralph Wilson percebeu rápidamente que não se tratava de uma festa.

— O que se passa?

Ia sentar-se num sofá mas mudou de ideias e foi colocar-se junto da mulher.

— Acaba de chegar á cidade? — perguntou Brooks

— Cheguei ontem. Há alguma lei contra isso?

Rita em voz baixa, explicou-lhe que Brooks era um policia. O sargento narrou-lhe o crime com brevidade.

— Talvez o sr. não tenha nada que ver como isto e talvez tenha. Diga-me, o que fez desde que chegou?

— Estive em casa de minha irmã, em Lincoln Heights. Não gosto de encontrar a minha casa deserta. Sabia que a minha mulher ainda não chegara.

— Não veio a este apartamento?

— Não.

— Foi visto chegar a casa ás oito da manhã.

Brooks fixou Wilson e depois Butler. Este riu surdamente.

— Então este homem é o Wilson?

— Não, sargento, enganei-me. Quem vi entrar foi aquele homem.

Apontou para Ray Reeves que estava perto de Rita.

— Como os vi juntos pensei que fossem marido e mulher.

Isabelle lançou-se sobre Butler e esbofeteou-o.

— Não acuse o meu marido! Quer desviar as simpatias!...

Brooks segurou-a vigorosamente e fê-la sentar-se.

— Deixe-se estar quieta.

— Mas o sr. não pode permitir que este homem acuse o meu marido. Ray é incapaz de qualquer violência. Nunca sai de casa sem me dizer onde vai.

Ray Reeves olhou-a com cólera.

— *Meu* marido... *meu* Ray... Tinha de ganhar dinheiro para as *tuas* peles, o *teu* carro, os *teus* médicos...

Estava lívido. O sargento disse-lhe para falar mais calmamente.

— Amei Nanette. Ela só o queria a si, Butler. Tentei convencê-la de que você não era bom. Ela resistiu. Não podia suportar a ideia do seu regresso. Matei-a com o corta-papéis.

Ray cobriu o rosto com as mãos.

— Mas tu não te encontravas com ela? Quando?! Como?! — gritou Isabelle.

— A tua vigilancia era apertada mas eu enganei-te. E' conveniente do ir jogar golfe.

— Não devias ter feito isto!...

— Foi fácil, muito fácil...

Betsy e Tom voltaram-se um para o outro e olharam-se com uma alegria comovida e silenciosa.

FIM

OPTIMAS APLICAÇÕES DE CAPITAIS

Possue a EMPRESA PREDIAL NORTENHA, em condições vantajosas para os Senhores Capitalistas. Prestamos toda a assistência e garantimos todos os envestimentos. Consultando-nos tem vantagens.

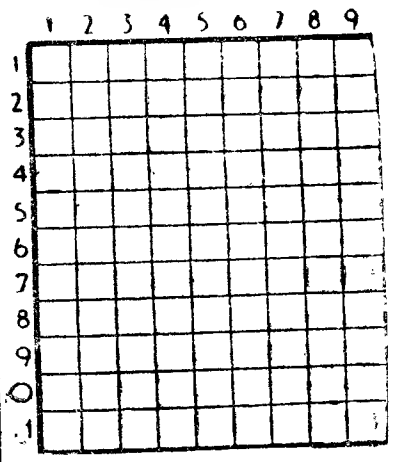
EMPRESA PREDIAL NORTENHA

«Colham Referências»

LISBOA
Praça da Alegria, 58-2.º
Tels. 366812 - 32228

PORTO
Praça D. João I, 25-1.º
Tels. 26706 - 30181

NOVA MODALIDADE
Problema n. 3944



HORIZONTAIS: 1 - Limpa com água. Vadeira. 2 - Termina. Logo que. 3 - Símbolo químico do cobalto. Gemidos. Batráquio. 4 — Grande quantidade. 5 — Grande cordilheira na Costa Ocidental da América do Sul. Símbolo químico do érbio. 6 — Lavrai. Pequeno barco de recreio. 7 — Base. Respeita. 8 — Ilha do arquipélago de Querimba. 9 — Gálio (símb. quí.). Ovário dos peixes. Alternativa. 10 — Genro de Maome. Cidade de Espanha. 11 — Insolita. Aves pernaltas.

VERTICAIS: 1 — Nó. Safar. 2 - Ferro temperado. Decametro quadrado. Fileira. 3 — Oca. Nome de mulher. Frequentar. 4 — Falda. Demónio. 5 — Serra de Portugal. Buraco. 6 — Indivíduo muito parecido com outro. Pássaro. 7 - Preposição Amarro. Prefixo de negação. 8 — Parceiro. Letra grega. Olé! 9 Alegre. Pronome possessivo (pl.).

Solução do problema n. 3913

HORIZONTAIS: 1 - Toca. Rapa. 2 — Arar. Edra. 3 - Cré. Ave. 4 - Par. Ivo. 5 — Aranhareis. 6 — Rã. Er. 7 — Mar. São. 8 - Pó. Rás. Sr. 9 — Ária. Alta. 10 — Ir. DCC. Ri. 11 — Sara. Arão.

VERTICAIS: 1 — Tá! Pau. Pars. 2 - Orçar. Morra. 3 — Carrara. 4 - Are. Marrada. 5 — Vá. 6 — Rea. Ressaca. 7 — Adviera. 8 — Previ. Ostra. 9 - Aa. Osa. Rato.

SOCIEDADE GERAL

S.G.

CARREIRAS	
METRÓPOLE ÁFRICA	**Para: S. VICENTE, PAIA e BISSAU (Via LEIXÕES)** N/M «MANUEL ALFREDO» — A 25/3/60. Carrega em Lisboa para CABO VERDE a 23/3/60 e para BISSAU a 22/3/60. Carga frigorífica dia 24/3/60 até ás 12 horas. Passageiros de 1.ª Classe e Turística **Para S. VICENTE, PRAIA e BISSAU** N/M «CARTAXO» — A 15/4/60. Carrega em Lisboa a 12/4 e 13/4/60. Este navio escala préviamente LEIXÕES **Directo a: LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES** N/M «RITA MARIA» — A 9/4/60. Carrega em Lisboa de 5/4 a 7/4/60. Carga frigorífica dia 8/4/60 até ás 12 horas. Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes. Este navio escala préviamente LEIXÕES
NORTE EUROPA ANGOLA	**Para: MATADI, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES** N/M «AMBRIZETE» — À carga em HAMBURGO, BREMEN, ROTERDÃO e ANVERS de 9/4/60 até 22/4/60. Em Lisboa só para MATADI a 28/4/60 N/M «ARRAIOLOS» — À carga em HAMBURGO, BREMEN, ROTERDÃO e ANVERS de 19/3/60 até 1/4/60. Em Lisboa só para MATADI a 7/4
ANGOLA NORTE EUROPA	**Para: ANVERS, ROTERDÃO, HAMBURGO e BREMEN** N/M «ALENQUER» — À carga nos PORTOS DE ANGOLA até 30/3/60 N/M «ANDULO» — À carga nos PORTOS DE ANGOLA de 3/4 a 20/4/60
ANVERS PORTUGAL	**Para: LEIXÕES, PORTO e LISBOA** N/M «COVILHÃ» — À carga em ANVERS a 7/4/60 e 8/4/60 N/M «AFRICA OCIDENTAL» — À carga em ANVERS a 24/3/60 e 23/3/60

LISBOA — R. do Comércio, 39 — Telef. 26314/5
PORTO — R. Sá da Bandeira, 82 — Telef. 27363

FÁBRICAS DA SOCIEDADE CORRETORA, LDA.

PONTA DELGADA, VILA FRANCA DO CAMPO, CALHETA DE S. JORGE, AÇORES

UM GRAVE PROBLEMA DOMÉSTICO RESOLVIDO:
UMA REFEIÇÃO COMPLETA QUENTE EM CINCO MINUTOS

CONSERVA DE CARNE

PREÇOS DE VENDA AO PÚBLICO:

Bifes (6 por lata)	Em latas de meio quilo	— Esc.	15$00
Almondegas (12 por lata)	» » »	— »	15$00
Carne com Legumes (á Jardineira)	» » »	— »	13$00
» » » »	» » » 700 grs.	— »	17$50
Carne com Feijão	» » » meio quilo	— »	12$50
» » »	» » » 700 grs.	— »	17$00
Carne Estufada	» » » meio quilo	— »	20$00
» »	» » » 700 grs.	— »	27$50

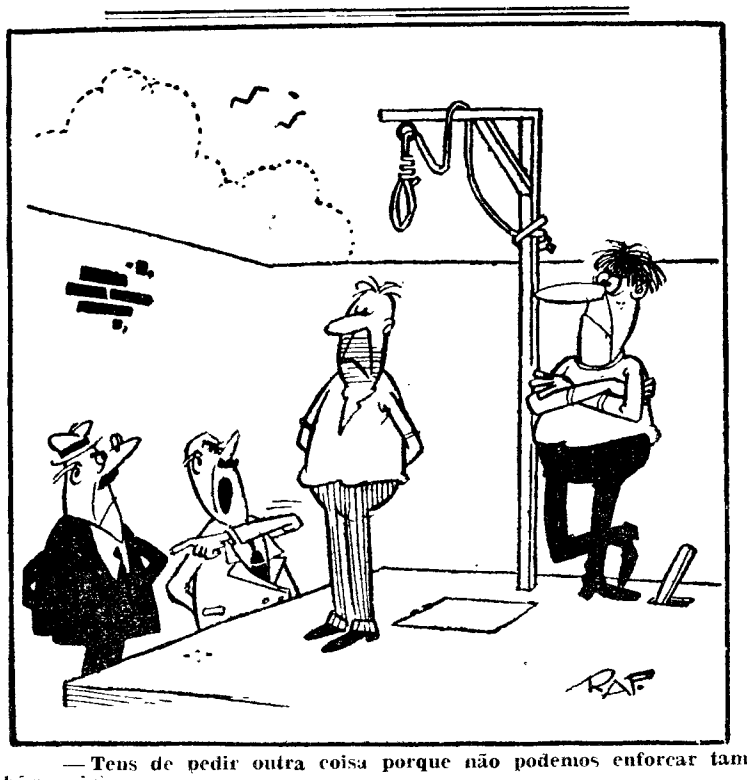
COMO ACOMPANHAMENTO, PODEM SER SERVIDAS ERVILHAS DE EXCELENTE QUALIDADE, DO MESMO FABRICANTE, EM LATAS DE 500 e 1.000 GRAMAS

PRODUTOS DE GRANDE ÊXITO NOS AÇORES
À VENDA NAS BOAS MERCEARIAS

DISTRIBUIDOR GERAL:
SOCIEDADE CORRETORA, LDA.
RUA DA CONCEIÇÃO, 125-2.º-Dt.º — Telef.: 32312 — LISBOA

O RISO DA SEMANA

Ultima vontade



— Tens de pedir outra coisa porque não podemos enforcar também o juiz.

Uma vocação

Ela queria ser cantora de ópera, mas nem para fadista servia. O marido, porém, que não era tão cretino, pretendia a todo o transe evitar que ela cantasse em publico.

Quando lhe nasceu o primeiro filho e ela se punha a cantar para o adormecer, aquilo era garantido: dois compassos cantados e o menino a adormecer.

O marido então, com uma grande paciência e com perfeito conhecimento de causa, dizia-lhe sempre complacentemente:

— Ali tens o teu primeiro critico, ou a imagem do teu publico na ópera ..

Usurário

— Não estejas triste, dizia aquele bêbado ao amigo que era um usurário, porque não está perdido o que bebeste demais. Daqui a pouco vem um cão e não deixa perder nada.

Inclinações

Ela repetia sempre ao namora:

— Tenho uma grande inclinação para ti.

E quando julgava vê-lo encantado com aquela declaração ele respondia-lhe de mau humor:

— E as outras para quem são?

Regenerador de cabelo

— Elixir para o cabelo?

— Já comprei um frasco, muito obrigado. Muito obrigado!

Ser mãe

Não há maior prazer para uma mulher que o de ser mãe. Não há nada que supere aquela alegria de dizer: — Meu filho!

Tudo isto, claro, quando ele está a dormir.

Perguntar por perguntar

A galinha pintada é uma galinha preta e branca ou uma galinha branca e preta?

Porque será que os idiotas vivem mais do que o resto da Humanidade?

O PIANISTA VIOLENTO

Era um pianista muito ordinário, que tocava com muita força, martelando as teclas como se estivesse jogando o boxe, mas, é destas coisas que acontecem, o piano gostava muito dele. Dirão os cépticos que ninguém podia saber se o piano gostava ou não do pianista, mas não podia haver duvida nenhuma: quando ele tocava com toda aquela violência, o piano, como um cãozinho meigo e baboso pelo dono, abanava a cauda.

E que cauda que tinha aquele piano!...

Quando o professor perguntou áquele menino muito esperto onde ficava o fígado, ele respondeu prontamente:

— No talho.

— Não é isso, menino, o fígado das pessoas, o fígado de cada um.

— Ah! respondeu o menino muito esperto, é na nossa frigideira. E a minha mãe que o faz e diz sempre assim:

— Isto, sim, isto é que é mesmo fígado de gente. Não há melhor...

Momento psicológico

Quando se vai pela rua e nos dão um encontrão;

Quando nos não deixam entrar num carro estando nós n.º 1 na bicha;

Quando nos dizem que há cinema nacional;

Quando nos garantem que há trasportes colectivos eficientes;

Quando nos afirmam que podemos ser felizes então é que compreendemos verdadeiramente o sentido filosófico do grande Cambrone!...

Apólogo

AQUELA ovelhinha branca tinha arranjado a sua casa numa velha furna que já fora curral de porcos e tinha uma porta que não chegava em ao chão, abrindo-se ali uma fresta por onde não cabia nem o pequeno borrego seu filho que com ela vivia.

Em dias de Inverno, quando o vento tudo fustigava e a chuva tudo encharcava, aquela boa mãe saía em busca de alimentos, mas não consentia que o filho a acompanhasse, nem ele tinha necessidade de sair, nem de procurar alimentos porque, pequenino como era, bem lhe bastava a teta materna.

Mas a mãe mais cuidadosa do que certas mães de mais alto nível como agora é moda dizer-se, recomendava insistentemente ao seu borreguinho que tivesse sempre muito cuidado com os lobos que naqueles dias assim costumavam servir-se dos mais hábeis estratagemas para arranjar que comer.

— Olha, memé, dizia-lhe a mãe, esta porta não se abre para mais ninguém do que para mim. Ainda que batam e de lá de fora te digam que é a tua mãe que bate, tu não abres a porta sem que eu te mostre, por aquela fresta, a minha patinha branca. Se a não vires branca já sabes que é pata de lobo que te quer comer e não abres a porta.

E a mãe saiu para ir á sua vida.

Momentos depois:

— Truz! — Truz!

— Quem é?

— Sou eu, memé, a tua mãezinha.

— Mostra-me a tua patinha, ai por essa fresta debaixo da porta.

E o lobo estendeu a patorra negra para a greta e o borreguinho, ao vê-la, pôs-se aos pinotes e a gritar:

— Memé! Memé! Ovelha branca com pata negra. Memé! Memé! Não pode ser.

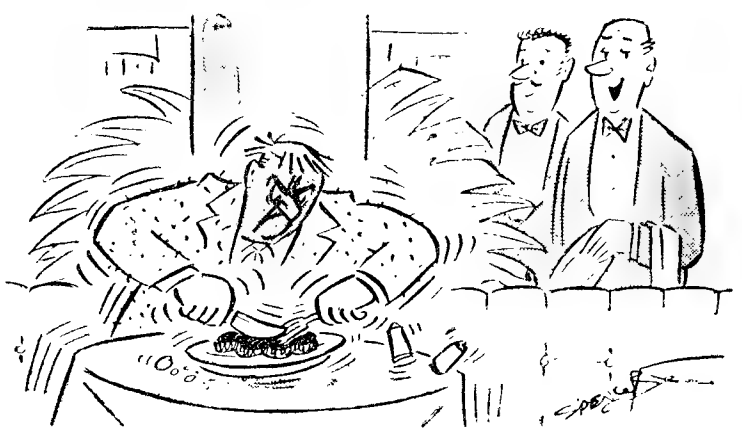
E não abriu a porta e o lobo ficou sem jantar.

Moralidade: Se todos os malandros fossem obrigados a mostrar a patinha branca, muito menos barcos nos enfiavam...

Menino prodígio

Nunca se tinha visto um menino assim: tinha 13 anos e não sabia ler, apesar de andar na escola há cinco anos; não ia ao cinema porque os porteiros o não deixavam entrar; metia os dedos no nariz e não tirava de lá coisa alguma, porque a mãe era muito cuidadosa com a higiene do menino; e as criadas nunca lhe tinham ensinado um palavrão. Coitado do menino. Até teve o retrato nos jornais.

Terrivel vingança



— Aquele freguês fica sempre a dever o almoço, de modo que lhe dei do melhor bife.

Vão lá entendê-los

Lá em casa sempre me estão a dizer que me querem ver feito homem, que eu devo deixar de ser uma criança porque já tenho quase oito anos mas assim que eu começo a falar como os homens puxam-me as orelhas e não me deixam estar ao pé das visitas.

Só se é por eu ainda andar de calções...

DIFICULDADES

Há pessoas que estão convencidas de que com dinheiro tudo se consegue.

E' que essas pessoas nunca pensaram em fazer um filme.

Antediluvianos

— Custa-me imenso esperar pela invenção da cerveja.

O difícil e o fácil

Os namorados vêem-se muitas vezes em dificuldades para arranjar nomes com que mimoseiem as namoradas, excepto quando se dá um rompimento.

Conselhos de D. Juan

Antes de se dizer a uma senhora que leva a mala aberta e sempre convencente ver se ela leva mala, porque a prevenção, não levando a senhora mala, quase sempre faz com que ela se feche e então não valia de nada a prevenção: era um negócio fechado ..

Casal exemplar

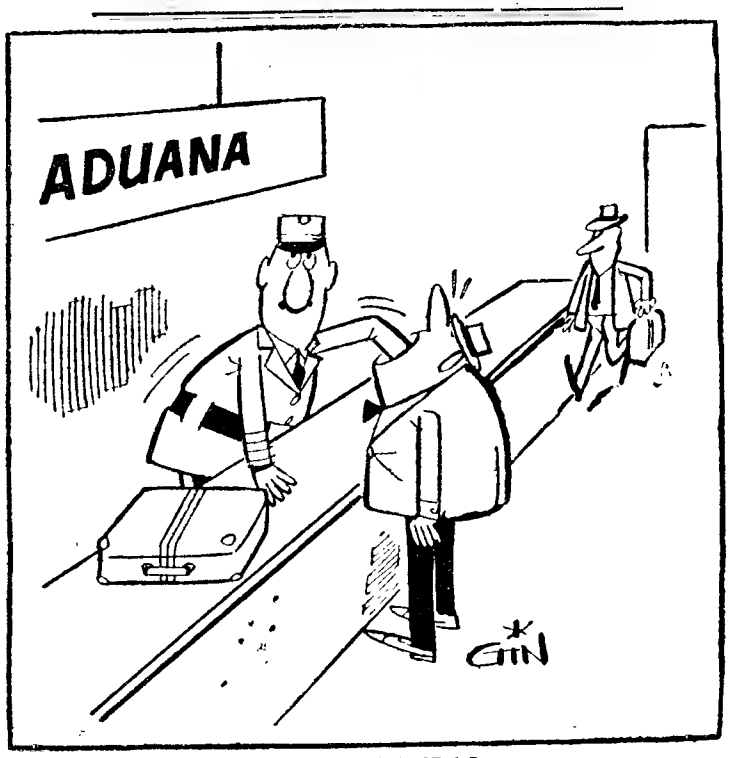
Era um casal exemplar! Nunca tinham tido uma questão; nunca se tinham zangado; nunca tinham falado em divórcio; nunca tinham saído um sem o outro!

Qual deles era a vitima?

Vá, leitor amigo, responde francamente se a tua mulher não está a ouvir .

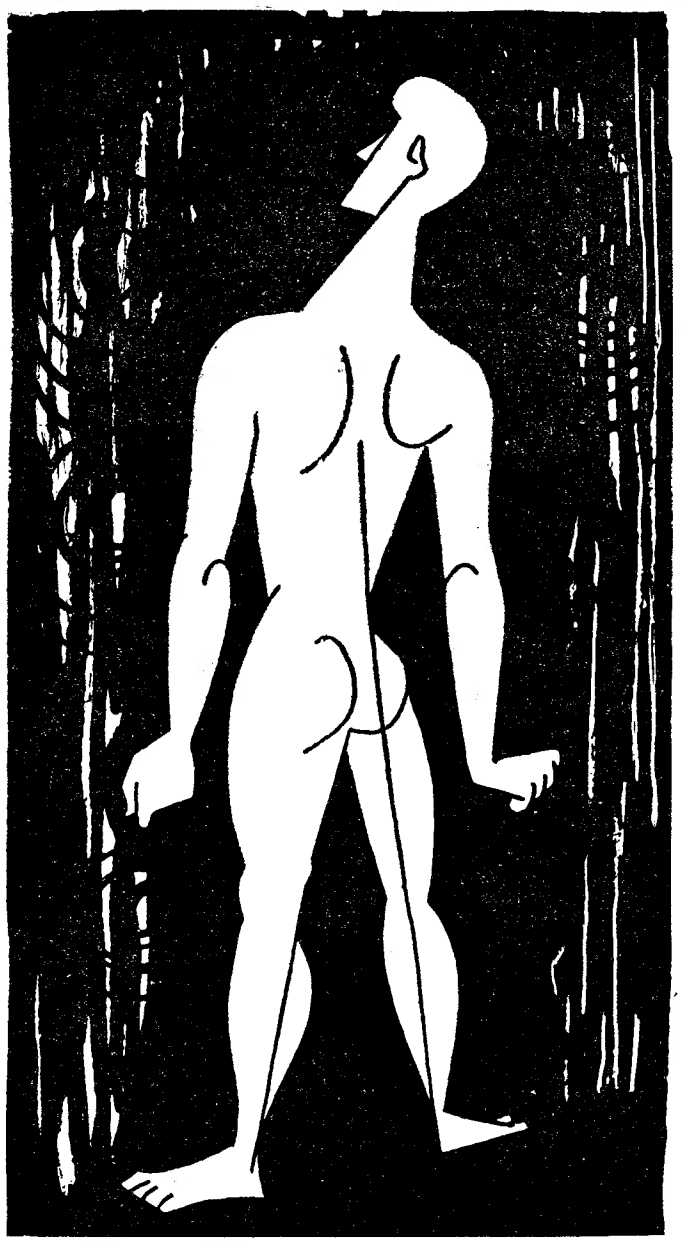
Que vestido

Ela era uma rapariga muito elegante e muito provocante: tinha um vestido que começava muito tarde e acabava muito cedo.



SEM PALAVRAS

J V I



Por ALBERTO MANUEL DO ROSÁRIO (17 anos)

A rua tortuosa e fria está escura, só os lampeões a alumiam; no meio do negro brota uma luz; essa luz sou eu que aqui vou; luz que só para mim o sou, mas que não me guia; como hei-de mostrar que sou luz, que encandeio e aqueço?

A minha sombra escorre agora pela travessa abaixo; que sou eu que até uma sombra ultrapassa? Não quero ter medo de sombras nem de manchas, mas tenho, tenho porque a minha sombra não chega para pôr tudo alvo, que fraca luz a minha afinal, até uma modesta vela me ofusca, pobre apóstolo; mas que tenho eu a pregar, eu que em nada acredito e que em nada quero acreditar?

Eis-me agora numa grande praça com muitos candeeiros altos que não apontam a minha sombra, e eu cá vou andando, os automóveis cegam-me com os seus faróis mas eu franzo não os olhos: olho para eles de frente, com dor mas de frente, como devia fazer com a vida, com dor mas de frente.

concurso HOUVE UM HOMEM QUE...

Houve um homem de excepcional energia, talento militar e político que disse estas palavras magoadíssimas, ao saber da ingratidão com que lhe pagavam os imensos serviços:

«Lopo Soares, por capitão-mor á India! Este é e não podia ser outro. E Diogo Mendes e Diogo Pereira, que eu mandei presos ao reino por culpas que tinham, El-Rei os torna cá a mandar, um por capitão e feitor de Cochim e outro por secretário! Tempo é de acolher á Igreja; e assim fico eu mal com El-Rei por amor dos homens, e mal com os homens por amor de El-Rei» (Barros, «Asia», Dec. II, livro X, cap. VII).

Quem foi?

Dele publicamos o autógrafo para que os nossos leitores o coleccionem com outros que a seguir apresentaremos.

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 25 de Março acompanhadas do nome, morada, idade, data de nascimento e numero de ficheiro dos concorrentes (caso o possuam). E' obrigatória, também, a menção da colaboração que mais lhes agradou (três exemplos).

Além dos prémios habituais haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre a frase acima citada.

CONVERSA DA SEMANA

1

Segunda reunião da redacção

Realizou-se a segunda reunião semanal do «Diário de Lisboa Juvenil». Nela se trataram dos seguintes assuntos:

1.° — Leitura e análise pormenorizada duma carta dos nossos Amigos do Porto. Aprovação dos diversos pontos da resposta que um dirigente do jornal se encarregou de escrever. Os pontos essenciais dessa resposta dizem respeito á organização prática das reuniões da Delegação do Porto e dos trabalhos que têm agora em curso.

2.° — Estudo do próximo numero do «Juvenil» (o que neste momento estão lendo).

Ficou assente que todos os numeros futuros do nosso jornal serão estudados pela redacção, dando-se desta forma desenvolvimento ao programa pedagógico do «Juvenil», que é, como se sabe, dar confiança, sentido das responsabilidades e ensejo de um trabalho fecundo a todos os seus jovens colaboradores.

De hoje em diante, o nosso pequeno jornal, será obra colectiva. Os seus dirigentes dão ampla liberdade de trabalho aos redactores, apenas os aconselhando com alguma experiência que possuam de forma a que o «Diário de Lisboa Juvenil» seja sempre o mesmo semanário tolerante, cujo unico objectivo é:

a) dar ensejo a que se revelem jovens de valor;

b) proporcionar a todos — quer sejam especialmente dotados para as letras ou não — um espaço onde revelem livremente as suas preocupações, aspirações e problemas;

c) favorecer um amigável convívio entre os jovens;

d) elevar o seu nível cultural.

3.° — Os redactores e dirigentes do «Juvenil» propuseram-se como tarefa imediata estudar a futura estruturação do jornal, de maneira a que melhor satisfaça os seus fins. Mereceu especial cuidado o caso das páginas internas, destinadas aos amigos menores de 15 anos.

Esta tarefa começará a ser debatida a fundo na próxima reunião.

4.° — Foi apresentada a circular a dirigir aos Amigos que há muito nos não escrevem.

2

Ainda existe uma redacção mais vasta

Tal redacção é constituída por toda a grande família dos nossos leitores.

Como se deve ela manifestar?

Enviando-nos críticas e sugestões. Alguns Amigos já o estão fazendo todas as semanas. Tal é o caso do Armando Delfim Hasse Ferreira,

(Continua na página seguinte)

TU E ELE

por **Maria Elisabeth Ribeiro Fernandes**
(16 anos)

Diario de Lisboa
Textos: Maria Helena da Costa Dias e Augusto da Costa Dias. Ilustrações de Tossan. N.° 150, 19-3-960
Toda a correspondência deve ser dirigida a «Diário de Lisboa» — «Juvenil» — Rua Luz Soriano, 44

ENCONTREI O CAMINHO

por **Maria Elisa Gonçalves** – 14 anos

Encontrei a Estrada
Que idealizei
Encontrei a Estrada
Branca e Pura,
Dum caminho de ternura e sacrifício!
Vou iniciar a caminhada
Pela estrada santa
Que Jesus pisou...
Quero pasar
Sem tropeçar,
Este caminho
Que me há-de levar
Olhando em frente,
Até ao horizonte
De luz e de verdade,
Onde acaba o Mundo
E começa a Eternidade!

Amigo n.º 1644

Soluções do concurso do *Juvenil*

Qual é a coisa, qual é ela? — A carta.

Grandes figuras de Portugal: — José Régio.

VENCEDORES

1. — Amigo 420 — Maria Nazaré Silva Nunes (Lisboa).
2. — Amigo 505 — António Manuel Carvalho e Branco (Algés).
3. — Amigo 962 — Maria Alzira Semião Seixo (Moita do Ribatejo).
4. — Amigo 1273 — António Valério Ramires (Olhão).
5. — Amigo 1281 — Maria Teresa de Sá Cardoso (Lisboa).
6. — Amigo 1494 — António Degois Pereira.
7. — Amigo 1561 — Susana Barroso Lopes (Queluz).
8. — Amigo 1616 — Maria José Fonseca (Lisboa).
9. — Amigo 1901 — António Serrano Abelha (Porto).
10. — Amigo 1036 — Jaime Gonçalves da Silva.
11. — Amigo 1056 — Maria Elisabeth Fernandes (Lisboa).
12. — Amigo 1430 — Maria José Palla e Carmo (Lisboa).
13. — Amigo 1524 — José Coelho Pencarinha (Loulé).
14. — 1657 — Maria Leonarda de Carvalho e Branco (Algés).
15. — Amigo 2 — Maria Manuela Dias (Lisboa).

PRÉMIOS

1 a 6. — «A MASCARADA», de colecç. Miniatura de LIVROS DO BRASIL.

7 a 10. — «UM BEIJO NO LEPROSO», da colecç. miniatura, de Livros do Brasil.

11 e 12. — «OS PEONEIROS», da colecç. Miniatura, de LIVROS DO BRASIL.

13 a 15. — «O POTRO VERMELHO», colecç. Miniatura, de LIVROS DO BRASIL.

Prémio especial para o melhor trabalho sobre José Régio:

16. — Amigo 1140 — Manuel Paula de Campos (Castelo Branco).

16. — «NO RASTO DE ANA FRANK» e «A MASCARADA», ambos de LIVROS DO BRASIL.

Prémio para o trabalho mais votado:

17. — Amigo 1649 — Pedro Foyos (Noite de Natal).

17. — «AS MÃOS NA PSICOLOGIA E NA MEDICINA», de Europa-América.

Prémio para o melhor trabalho do numero anterior:

18. — Amigo 1649 — Pedro Foyos (Noite de Natal).

18. — «RATOS E HOMENS», colecç. Miniatura, de LIVROS DO BRASIL.

NOTA: Os prémios podem ser levantados na Av.ª de Roma, 78-2.º, esq.º, todos os dias uteis, das 9 ás 13 e das 15 ás 18.30, uma semana depois de publicados, e dentro do prazo de um mês, no fim do qual perderão direito aos livros. Os amigos premiados até ao n.º 148, inclusive têm os livros á sua disposição, na morada acima. Os da Província vão pelo correio.

O poder da sugestão

por **António Degois Pereira** – 16 anos

Galaz Reinaldo olhou em volta e caminhou devagar pela rua abaixo. Os seus passos indecisos e incertos, convergiam sob um corpo inerte, avançando sem destino predestinado. O seu olhar concentrou-se numa pequena bifurcação, metida no solo pela força humana, e para ela se encaminhou, ainda com passos vacilantes e calmos. Desceu alguns degraus e entrou. Um sossego silencioso era o unico ocupante do aposento, juntamente com um homem de meia idade, barba comprida e olhar esquivo. O novo ocupante — homem gasto pelo tempo — olhou para as quatro paredes do pequeno compartimento e depressa compreendeu que entrara numa livraria. O empregado dirigiu-se-lhe prazenteiro: — Faça favor de dizer!

O outro pensou por momentos e olhou-o. Depois respondeu com indecisão: — Queria um livro que não fosse muito caro. Talvez... — Tem ouvido falar de «O Poder da Sugestão»? — Sim, senhor! — Então espere um momento se faz favor. — Mas esse livro deve ser muito caro! — Não, não é — disse-lhe o empregado comercial, sorrindo. Abriu uma pequena porta de madeira, atrás do balcão de mármore, e nela penetrou. Depois o silêncio voltou a reinar no aposento abafadiço. Galaz Reinaldo olhou as poucas coisas existentes nas prateleiras das paredes. Passados alguns segundos o outro voltou. Trazia na mão esquerda um grosso volume — «O Poder da Sugestão». — Tome! — principiou o homem de barba ruiva. O outro pegou no livro e olhou-o. — Quanto custa? — perguntou com voz cansada. — Nada! — foi a resposta. Nada?! — objectou Galaz Reinaldo admirado. — Sim, nada. Ofereço-lho — respondeu o outro com sorriso amigável.

— Mas eu... — Não, ofereço-lho. Mas com uma condição! — Sim, então... — Ofereço-lhe este belo exemplar porque o senhor tem bastante valor pessoal para o ler. No entanto proponho-lhe uma condição. Este livro, do qual sou o editor, não tem um desenho na capa, á altura do seu valor. Portanto o senhor, como é pintor, pode fazer uma capa para este livro e para os outros do mesmo nome, claro. Galaz Reinaldo ouvia-o admirado sem se atrever a interrompê-lo. Por fim quebrou o silêncio para dizer: — Como sabe o senhor que eu sou pintor, se acaso o sou? — Isso agora, para o caso, não interessa! Quem não conhecerá Gama Galvão? — O outro franziu a testa. O seu rosto tornou-se carregado: Eu próprio não o conheço nem nunca ouvi falar nele se porventura existe! — Todos dizem que o senhor é mestre e vejo que não se enganam. Bem, tome. Não se esqueça de fazer uma capa sugestiva.

... ...

Novamente Galaz Reinaldo subia a pequena rua, levando na mão «O Poder da Sugestão». Pensava porque o teria o outro tomado por um pintor ou desenhador qualquer, e como não tivera tempo ou coragem de lhe explicar tudo. Não tinha outro remédio senão guardar o livro, sem o ler, pois não lhe pertencia, e entregá-lo, quando pudesse, ao seu dono. Entregue a vários pensamentos desta natureza, chegou a casa. Ao olhar a parede do seu quarto, viu uma daquelas imagens abstractas que ás vezes, sem nós querermos, ficam impressas em qualquer parte sem de facto nunca existirem. Pensou. Então ele não seria capaz de copiar aquela estranha imagem? Apesar de não ser desenhador, não seria tão desajeitado que não fosse capaz disso. Tentou gravar no cérebro aquela imagem da «Ninfa» olhando o lago e passados minutos cerrou os olhos. Voltou a abri-los e olhou novamente a parede. Depois afastou-se. Quando voltou ao mesmo sítio, trazia nas mãos um lápis preto e um pedaço de papel alaranjado. Olhou a parede, mas agora já não via aquela estranha imagem que vira há pouco. Mentalmente, com os olhos semicerrados, imprimiu no papel alguns traços característicos.

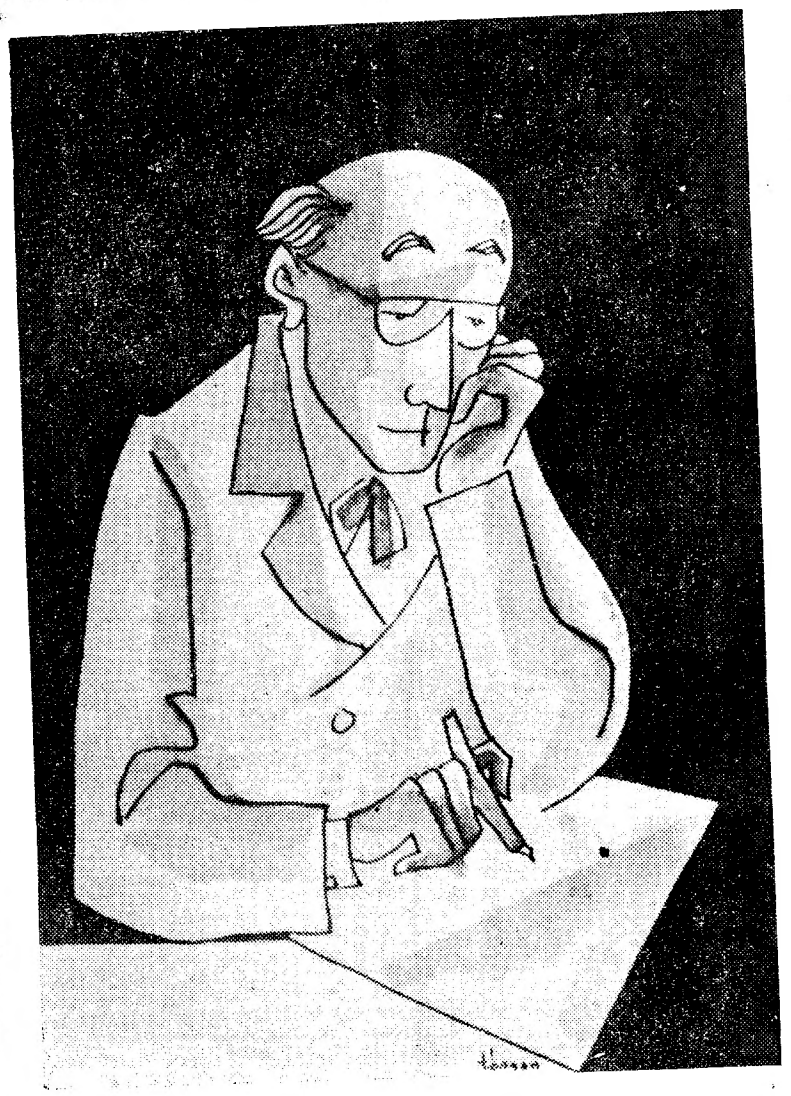
Abriu os olohos e olhou em frente. Inclinou-se um pouco. Agora via novamente a estranha imagem que o inspirara no desenho que fizera, e comparou as duas imagens. Fez mais dois traços no papel e levantou este do livro para o qual o desenho que fora feito sobre si, iria ilustrar. Aproximou-se da figura inspiradora e abeirou os olhos dela. Não eram mais que os nervos da madeira, e agora não via mais que alguns traços incertos.

... ...

Galaz Reinaldo desceu os degraus, que pisara uma vez, da velha livraria e abeirou-se do senhor de barba comprida. Este saudou-o.

— Aqui está a ilustração! — principiou Galaz Reinaldo — e se acaso não lhe agrada tenho aqui o livro para o devolver, pois ainda o não li. O outro olhou o papel alaranjado e mirou o seu interlocutor. Poisou a mão que não segurava o papel, no balcão. Uma rapariga entro e depois voltou a sair. Abriu a porta, o empregado, e murmurou ao mesmo tempo: — E disse que não era Gama Galvão! Até sem ler o livro fez o desenho que ilustrará a nova edição. E' deveras espantoso!

AMIGO N.º 1494



CONVERSA

(Continuação da página anterior)

que, como sempre, dá o exemplo de verdadeira colaboração.

3

Sobre a colaboração

Pedimos aos amigos que nunca se esqueçam da forma como nos devem enviar a sua colaboração:

1.º — Título da colaboração.
2.º — Nome do autor e, entre parêntesis, a idade.
3.º — No final o seu numero de ficheiro caso o possuam já.
4.º — Escrever os trabalhos com letra legível.

Estas normas facilitarão enormemente a tarefa da redacção.

4

Crítica da colaboração

1 — «Uma viagem interplanetária», por Jaime Teixeira Gomes da Silva (Amigo n.º 1036, de Lisboa):

O Jaime nem sequer reviu o que nos enviou.

Escreveu: «chegara o movimento (em vez do momento) culminante»; «incomerável», em lugar incomensurável, etc. Isto revela que o nosso Amigo não deu ao seu trabalho todo o carinho e atenção que devia. Emendámo-lo. Será publicado.

2 — «Uma carta anónima», por A. Nunes de Almeida (Amigo 1680, de Lisboa):

E' um trabalho de interesse. Publica-lo-emos. Mas o nosso colaborador tem que passar a limpo, de futuro, os seus escritos. De outras forma não nos entenderemos.

3 — «Arte cinematográfica», «Páginas de um diário» e «O Dr. Reis» —por Manuel Paula Campos (Amigo n.º 1495, de Castelo Branco).

Eis um jovem que possui aguda sensibilidade interpretativa, como o revela nos dois ultimos trabalhos. E' preciso, porém, que desenvolva as suas qualidades, tendo em vista que um crítico nunca deve perder a independência de juizo quando procura compreender, em toda a sua profundidade, a obra de um escritor. O esforço compreensivo, embora importante, necessário, indispensável, não é o unico fim do crítico; depois da parte interpretativa tem de seguir-se uma actividade crítica em que a obra de um autor encontrará a sua integração histórica, entendendo-se por integração histórica a determinação dos factores sociais, ideológicos, estéticos em que dada obra se gerou, os problemas a que procura responder, e em face de tais problemas e dentro de tais factores, que papel positivo ou negativo assumiu.

Não basta «compreender» o que um escritor pretendeu dizer e se o disse numa linguagem de excepcional nível estético; é fundamental que se saiba evidenciar que lugar ocupam, no contexto histórico do seu tempo, as suas ideias e de que maneira corresponde a verdadeira obra bertação do home veiro, de lucidez n obscurantismo, de nos humanos e n de isolamento ego de fuga. Dominad crise, a História n curso ascencional, a bela odisseia hu de da Pedra.

Os trabalhos Campos serão pub

4 — «Encontro», Semião Seixo (A Moita do Ribatejo

O seu poema é cá-lo-emos num meros.

5 — Vários poem Sá (Amigo n.º 61

O poema «Só» Repete palavras e um ambiente trág mas não atinge ta

«Um homem
Só para si
Só para os
Está só e s
Pensa que
Se amanhã
Não se sen
Só para ele
Só para os

A mesma prisã outro poema — «te», nele, porém, passo com um b tico:

Já não há man
Nem tarde ne
Nos dias da n
Tudo isso se
E sucumbiu a
Dos meus pró

A Marília deve uma expressão s ou a preocupa colher nunca lhe tos, de fora, con exercício escrito verão, pelo contr vências que nec mente de se exp tas que são um exterior no cére

6 — «Quero viv da Sequeira (Am mada):

O seu poema do. Deverá, por idade tem, ou, de nascimento.

7 — «Desenho», de Oliveira M 1912, de Lisboa)

Receamos que pis, e um pouc ser bem reprodu Maria Celeste bre a sua data

8 — Três narr 1842 — José P boa.

Apenas publi desafortunada». reviu o que esc

A travessia dos Antárcticos

Escrita pelos comandantes da grande expedição que, dentro do ambito do Ano Geofísico Internacional, fez a travessia do Continente Gelado,

SIR VIVIAN FOCHS
e
SIR EDMUND HILLARY
(o vencedor do Everest)

acaba de ser publicada, acompanhada de muitos mapas e fotografias, a sua obra

A TRAVESSIA DA ANTÁRCTICA

Volume n.º 1 da Colecção

O HOMEM E O DESCONHECIDO

Livro de profundo interesse para os estudantes foi editado pela Portugália.

OS CAVALEIROS DA TAVOLA REDONDA

SOBRE Tristão! Leu na escura noite do futuro quem te pôs esse nome. Triste havias de ser. Meus olhos vêem-te só e ferido no meio da floresta, longe de uma palavra amiga, perseguido como um malfeitor. Vejo-te nu, entre árvores mudas. Quando avistas o aceno acolhedor de uma aldeia, foges. Quando ouves um som humano, foges. Triste de ti, Tristão! Nem o sono protector te serve de refugio: é o teu pior inimigo e também foges dele. Mas a fome e o cansaço são mais fortes que o teu medo. Aí cais exausto. Estrebuchas para afugentar o torpor que te invade; mas em vão: as aves e os animais silvestres escutam o ritmo do teu coração.

E agora ouvi o que vos conto:

Era tão fundo o seu sono que nem ouviu trompas de caça nem o latir das matilhas. E no entanto é o rei Marcos que anda á caça. Seus homens deparam com Tristão, nu, dormindo a sono solto, com uma espada ao lado. Não o reconhecem. Contam ao soberano o estranho achado. «Um doido» — pensa ele — e pede que o tapem com um manto e o levem para o castelo.

Tão mudado está que Isolda não o conhece. Mas há um oculto sentido nos animais. O pequeno cão que a rainha sempre traz consigo logo que o vê, tem um gemido triste e lambe-lhe as mãos.

— Tristão! — murmura Isolda.

E cai, desvanecida.

Quando Marcos vem ver o desconhecido e verifica que o pobre cãozinho o não abandona, diz:

— Este animal só deixaria Isolda por Tristão. Tu és Tristão, ó desconhecido! Não mintas.

— Nunca menti, senhor. Fazei de mim o que mais vos aprouver.

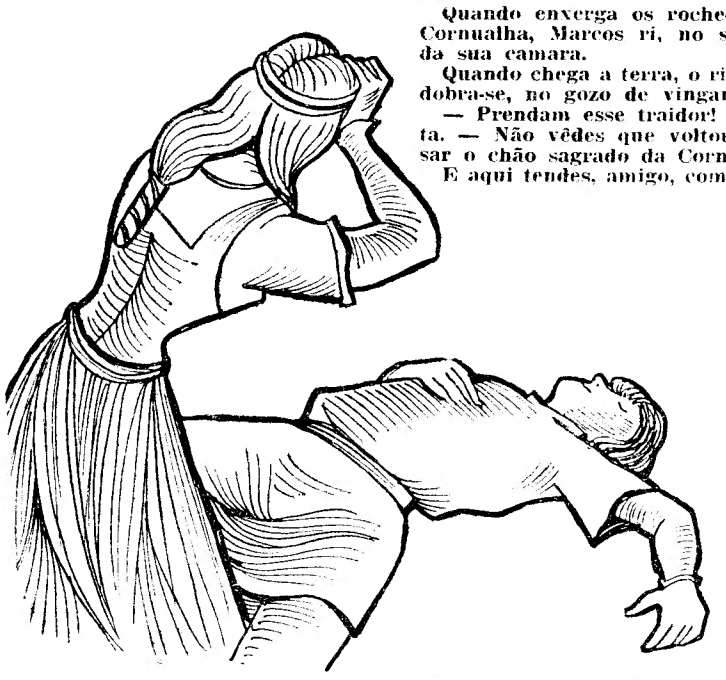
E aqui tendes como Tristão foi julgado para que a maioria votasse:

— A' morte!

Mas os feitos do jovem ainda não tinham sido esquecidos; e os que deles se lembravam pediram apenas que Tristão saisse da Cornualha por dez anos, por dez anos afastado de Isolda.

Os amigos acompanham-no á nave que o levará á corte de Artur e recolhem as suas palavras de despedida:

— Dizei adeus ao rei Marcos e aos meus inimigos. Dizei-lhes também que voltarei. E a vós, amigos, peço-vos que penseis na recompensa que tive por livrar o povo da



Cornualha do peso de um imposto iniquo.

Ora rodaram os tempos. Marcos vai visitar Artur. E pede-lhe o soberano de Inglaterra:

— Senhor, gostaria que me concedesseis um favor.

— Ordenai, senhor! Vossa boca é lei.

— Queria que levasseis Tristão convosco. E' uma bela alma e sofre de saudades pelos amigos. Fazei o que vos peço.

— Prometi, senhor — murmurou Marcos, fazendo-se da cor da cal — e não direis que não sei sustentar a promessa feita.

— Jurai sobre esta Bíblia, á fé de Cavaleiro.

Marcos jurou. Mas a jura não fez ninho em seu coração. Mais forte, antiga e insaciável era a outra jura de o matar.

com os mais inocentes perfumes, Marcos levou Tristão consigo. Durante a viagem sempre lhe sorriu. Suas palavras eram mansas. Seus gestos, suaves. E tudo assim correu entre azul e azul, o mar e o céu.

Quando enxerga os rochedos da Cornualha, Marcos ri, no silêncio da sua camara.

Quando chega a terra, o riso desdobra-se, no gozo de vingança:

— Prendam esse traidor! — grita. — Não vêdes que voltou a pisar o chão sagrado da Cornualha?

E aqui tendes, amigo, como Tristão sofreu a injustiça do cativeiro.

Sempre sorrindo, tal como as flores venenosas que se mascaram ro.., Que seria amanhã? Ou depois? Onde estará Isolda? Tornará a vê-la?

Assim se consomem os dias. Pelas estreitas grades aspira o perfume da liberdade longíqua.

Um dia sabe que também Isolda está presa. O mesmo emissário que lhe traz a notícia leva uma carta para a pobre rainha. E nessa carta escreveu Tristão:

«Senhora minha, ajudai-me. Que um dos vossos fiéis amigos vos apreste um barco. Nele fugiremos para a corte do rei Artur, onde vossos males terão fim».

Isto se fez. Os jovens fugiram.

E Tristão pôs Isolda á guarda da rainha eGnebra e do rei Artur.

Mas sabeis que ainda não chegara o termo de seus males. Um dia Isolda desaparece. Por mais que a procurem não a encontram.

O que se passou? — dirão as vossos corações.

Sempre a traição, a negra traição.

Marcos enviou um mensageiro a Isolda para lhe dizer:

— Se não voltardes, mandarei matar Tristão por um dos meus rainha Genebra e do rei Artur.

Isolda quer salvar da morte o seu amigo. Vai ao caminho da tristeza. Vêde a nave de luto em que ela segue! Nem o vento lhe acaricia as velas.

Certa manhã, no chão azul do mar, desabrocha uma flor branca. São velas! São velas! Aos poucos e poucos ganham corpo. Já se vê a tripulação. Já se ouvem as vozes dos rudes marinheiros. Abordagem. E diz um homem dos de lá.

— Queremos falar á senhora Isolda! Temos novas para ela.

Isolda surge na coberta para receber a triste colheita. Tristão morreu de desespero, sem comer nem dormir, noite e dia, dia e noite. Morreu na praia, de olhos fitos e secos na liquida imensidão do Oceano. Por fim o coração vazio estalou-lhe de dor: ficara na praia como um facho consumido até ao cerne.

Isolda colhe uma a uma estas palavras de chumbo ardente. Vai ter com Tristão nas asas do vento, nas asas, nas asas do vento.

Desembarca junto do amado que nunca teve. Diz-lhe as palavras mais doces do Mundo. E ele mudo! Frio. Cego. Senhor, senhor, que estou a mais neste Mundo!

Eis Isolda cortada, rente, na flor da vida. Dorme o ultimo sono ao pé do seu amado. Seguram-se as mãos frias. Só assim seus destinos se juntaram. Mas ai deles! — quando já não era preciso.

Assim acabou o menestrel a sua canção.

Lá em cima, na janela do castelo, sucedia uma coisa extraordinária: Lancarote do Lago aparecia pela primeira vez desde há muitos meses, aos olhos de todos.

VERSA DA SEMANA

(ina anterior)

o exemplo de

oração

que nunca se
no nos devem
ão:
oração.
e, entre pa-

numero de fi-
já.
balhos com le-

arão enorme-
cção.

boração

erplanetária»,
omes da Silva
sboa):
reviu o que

o movimento
culminante»;
ar incomensu-
que o nosso
trabalho todo
que devia.
iblicado.
nima», por A.
migo 1680, de

interesse. Pu-
osso colabora-
limpo, de fu-
De outras for-
nos.
ráfica», «Pá-
«O Dr. Reis»
mpos (Amigo
anco).
possui aguda
ativa, como o
os trabalhos.
desenvolva as
em vista que
perder a in-
quando pro-
toda a sua
e um escritor.
), embora im-
indispensável,
crítico; depois
tem de se-
e crítica em
or encontrará
ica, entenden-
istórica a de-
sociais, ideo-
ue dada obra
s a que pro-
face de tais
tais factores,
negativo assu-

nder» o que
dizer e se o
de excepcio-
damental que
que lugar
stórico do seu
de que ma-

neira correspondem ao fim de toda a verdadeira obra de arte — de libertação do homem e não de cativeiro, de lucidez no pensar e não de obscurantismo, de crença nos destinos humanos e não de pessimismo, de isolamento egotista, de rendição, de fuga. Dominados os períodos de crise, a História reata sempre o seu curso ascencional, como o demonstra a bela odisseia humana desde a Idade da Pedra.

Os trabalhos de Manuel Paula Campos serão publicados.

4 — «Encontro», por Maria Alzira Semião Seixo (Amigo n.º 962, de Moita do Ribatejo):

O seu poema é muito belo. Publicá-lo-emos num dos próximos numeros.

5 — Vários poemas, por Marília de Sá (Amigo n.º 610, de Lisboa):

O poema «Só» é muito confuso. Repete palavras com o fim de criar um ambiente trágico ou de obcessão, mas não atinge tal objectivo:

«Um homem só.
Só para si próprio
Só para os outros...
Está só e só pensa.
Pensa que só será ele
Se amanhã
Não se sentir só;
Só para ele,
Só para os outros.
etc.

A mesma prisão retórica asfixia o outro poema — «Manhã, Tarde, Noite», nele, porém, já se depara neste passo com um breve momento poético:

Já não há manhã
Nem tarde nem noite
Nos dias da minha existência.
Tudo isso se amalgamou
E sucumbiu ao peso
Dos meus próprios dias

A Marília deve lutar por atingir uma expressão sincera do que sente ou a preocupa; os temas que escolher nunca lhe poderão ser impostos, de fora, como uma espécie de exercício escrito obrigatório; eles deverão, pelo contrário, resultar de vivências que necessitam, imperiosamente de se exprimir, vivências estas que são um reflexo do universo exterior no cérebro humano.

6 — «Quero viver» — por Fernanda Sequeira (Amigo n.º 1911, de Almada):

O seu poema merece ser publicado. Deverá, porém, dizer-nos que idade tem, ou, melhor, a sua data de nascimento.

7 — «Desenho», por Maria Celeste de Oliveira Miranda (Amigo n.º 1912, de Lisboa).

Receamos que o seu desenho, a lápis, e um pouco confuso não possa ser bem reproduzido. Tentaremos. A Maria Celeste que nos informe sobre a sua data de nascimento.

8 — Três narrativas do Amigo n.º 1842 — José Pires Franco, de Lisboa.

Apenas publicaremos «Uma caça desafortunada». O José Eduardo não reviu o que escreveu. Tem erros de sintaxe e de ortografia. Exemplos: «ao longe a nossa vista «desvastava» umas manchas escuras» (deve ser devisava, enxergava, ou termo de igual sentido); «quando de repente «ouve-se» um grito cavernoso» (é «se ouve»), etc.

O Amigo deve evitar as moralidades no fim da narrativa. A «moralidade» deve existir na própria história e não reclamada á força.

9 — Três poesias de Maria Elisa Gonçalves (Amigo n.º 1644, de Lisboa):

A melhor é «Outono». «Anne Frank e o Mundo» ficou aquém do assunto. «Escuta, avezita» esteve quase a ponto de ser uma delicada poesia. No entanto publicaremos as três, pois o merecem.

10 — «Fome de pão e de céu», por José António Pinheiro (Amigo n.º 1816, Porto):

A sua poesia tem momentos bastante bons acotovelados por versos incompreensíveis.

Primeiro caso:

A morte agarrou nas mãos cavas as esferas
E fundiu-as com o frio do seu hálito.
Pegou nos grãos de trigo, grado e loiro
E fez rochedos de granito nas searas.

Do segundo:

Não morte; tu que adivinhas
A fome de estrelas que nos devora,
Serás castigo, mas de astros e de luar,
E o teu sofrer, uivo de vento que se afasta.

E' pena. Revelas qualidades. Deves lutar pela clareza. O confuso não quer dizer «profundo». Manda mais trabalhos, pois temos muito interesse nisso.

11 — «Cartas do Reporter Perdido» por A. Pereira da Silva (Amigo n.º 1436, de Aveiro):

E' um belo exemplo de convivência de ideias, de tolerancia, de respeitoso e proveitoso diálogo. Parabéns. Será publicado.

12 — «Poesias» de Maria de Lourdes Teresa dos Santos Martins (Amigo n.º 854, Lisboa):

Publicaremos todas as tuas poesias, sempre delicadas, misteriosas.

13 — Duas poesias de António Rui de Sá (Amigo n.º 1804, Lisboa):

Ambas serão publicadas brevemente.

Fica por criticar a colaboração de Maria Carla Calhau Silvestre, António Mourato de Almeida, Maria Luísa Ferreira de Sousá, Rui Manuel Pedroso, Luísa Maria Pinto, Jorge Domingues Rodrigues, Teresa da Cunha Telles Hall e Jaime Pereira da Silva. Fica para a semana.

5

Crítica do n.º 148

Continuou a ser um numero equilibrado e variado. Melhor artigo, sem duvida, e não atendendo apenas á sua idade, a «Noite de Natal» do Pedro Foyos, que, desta forma acumula dois prémios.

DIARIO DE BORDO

Amigo 1273 — António Valério Ramires (Olhão): Não há duvida de que os livros se extraviaram, o que muito lamentamos. Contudo, para melhor verificação, manda dizer que livro era e quando te tinha sido atribuido. Veremos o que pode fazer-se.

Amigo 420 — Maria Nazaré Silva Nunes (Lisboa): Bem-vinda sejas á família do Juvenil. O teu numero é este. E artigos, não tens nenhuns? Não estarias interessada em artigos de divulgação científica?

Amigo 1908 — Maria Cristina Morgenstern (Lisboa): Recebemos a tua cartinha com imensa satisfação como deverás ter calculado, ao escrevê-la. Cá ficamos aguardando os teus artigos. E estamos certos de que não faltarão, se és ainda a mesma Cristina que conhecemos...

NOTA: Pedimos aos Amigos premiados até ao numero 148, o favor de levantarem os seus livros o mais depressa que lhes seja possível, a fim de não criar embaraços. Os da Província recebe-los-ão pelo correio dentro de dias. Agradecemos a estes contemplados o favor de acusarem a sua recepção.

Vosso amigo TROTE

«DOIS MUNDOS»

Nesta famosa Colecção cujas obras, na maioria dos casos, podem ser lidas pelos jovens maiores de 17 anos, Colecção onde saiu

DIÁRIO DE ANNE FRANK

e

NO RASTO DE ANNE FRANK

apareceram agora os nomes de

PEARL BUCK

e

CALDWELL

Colecção «Dois Mundos» é editada por LIVROS DO BRASIL, LDA.

Por acaso, acreditam os Amiguinhos que, por estarem esfomeados, é possivel um leão comer uma cobra? Um carneiro, uma salsicha? Um coelho, ovos? Como é isto possível? E depois, que fará a cegonha com aquele osso? E a rã com a cebola?

Quererão vocês arranjar as coisas de maneira que cada animal coma, apenas, aquilo de que gosta?

As respostas devem estar na nossa redacção até ao dia 26 do corrente, acompanhadas da idade, nome, morada, profissão dos concorrentes assim como da menção dos três artigos de que mais gostaram neste numero.

"A nova geração tem uma tendência para compreender a grande arte e a verdadeira arte do teatro" — disse-nos

Entrevista por
EUGÉNIO PINTO BASTO
16 anos
FERNANDO LEÃO TRIGO
17 anos

JOÃO VILLARET

João Villaret nasceu em Lisboa em 10 de Maio de 1913. Depois de ter feito o curso do liceu entrou, com 15 anos, para a Secção Teatral do Conservatório Nacional de Lisboa, onde obteve altas classificações. Em 1931 ingressou no Teatro de D. Maria II onde se estreou com a peça «Leonor Teles» e onde interpretou, além de outras, «Electra e os fantasmas» e «Sonho de uma noite de Verão». Em 1943 transitou para o elenco dos Comediantes de Lisboa, no Teatro da Trindade, desempenhando os principais papéis das peças «Miss Bá», «A mensagem dos deuses», «A rosa enjeitada» e muitas outras. Tomou parte, também, nos nossos teatros musicado e revisteiro. Em 1936 fez o papel de D. João VI no filme «Bocage» tendo filmado seguidamente «Pai tirano», «Inês de Castro», «Camões», «O violino do João», «Três espelhos», e, recentemente «O Primo Basílio» onde interpretou a figura de Sebastião. Deu inumeros recitais não só em todo o País como também no Brasil, onde se fixou durante algum tempo, nas restantes Republicas sul-americanas e no Ultramar português. Um dos pontos culminantes da sua carreira foi o desempenho de «Esta noite choveu prata», de Pedro Bloch. Criou recentemente «Patate», de Marcel Achard, não voltando, desde aí, aos palcos, pois solicitado para uma peça, há pouco estreada no Teatro Monumental, não o pôde aceitar, por motivos de saude.

* * *

Numa atitude muito simpática, que nos apraz revelar, João Villaret preferiu ser entrevistado pessoalmente á simples resposta a um questionário escrito. Isto, apesar de estar doente, como é do conhecimento geral. Recebeu-nos em sua casa, mantendo durante toda a conversa o seu característico bom humor, que muito contribuiu para nos pôr mais á vontade. Foi neste estado de espírito que começámos.

— Num dos seus programas, na TV, referiu-se ao artista, na verdadeira acepção do termo, como sendo a pessoa que se dedica a uma determinada arte, de alma e coração, até á morte. Uma presença momentanea, por assim dizer, não tem grande interese. Tomando por base isto, qual considera a «sua» arte: a arte de declamar ou o teatro?

— Bem, a minha arte é a arte do teatro porque eu acho que a arte do teatro é feita de um conjunto de artes de representação. Crio que justamente o estudo da dicção foi um bocadinho descurado em muitos actores para se preocuparem apenas com uma representação realista e deixaram cair a pantomima, a dança, a dicção, que faziam parte integrante da arte do actor. Evidentemente que a minha preocupação de sempre é a arte do actor em si mas não posso negar que uma das preocupações grandes que me tem dado a minha vida de artista, justamente por uma questão de natureza e de intuição, é, realmente, a interpretação poética. E como, de facto, a poesia em Portugal tem uma força enorme talvez seja essa também uma das razões que me levaram a estudar a poesia e a dizê-la».

— O que representa a sua presença esporádica, digamos, pois ela não é realmente muito assídua, no cinema nacional?

— Bem, devo dizer-lhe que tenho feito cinema apenas esporádicamente, porque o cinema nacional não me parece que tenha uma continuidade, que haja um actor português que possa dizer que é artista de cinema. No teatro nós encontramos uma continuidade de representação, mesmo com todos os perigos da carreira e com toda a sua instabilidade. O que não há duvida é que o teatro em Portugal é uma profissão que se pode fazer mas, agora ninguém pode contar com a base do cinema para fazer a sua vida de artista porque eu lembro-me perfeitamente que entre «Os três espelhos» e a ultima fita que fiz mediou um tempo de quasę dez anos sem trabalhar no cinema. Ora, já vê, se eu tivesse realmente feito do cinema uma base para a minha vida de artista tinha de me considerar um artista desempregado...

— Reparámos, e cremos que corresponde á verdade, que nos seus recitais predominam poesias de certos autores como Botto, Régio, Prévert, Pessoa...

— Sim, sem duvida nenhuma.

— Ora, queriamos saber precisamente qual a razão dessa predominancia? Se por um acordo consigo próprio, se por qualquer outra razão?

— Vou-lhe dizer sinceramente. No fundo foi a formação da minha geração. Agora o que não quer dizer que não me interesse muito pela poesia nova e pelos poetas novos, mas realmente a presença, e devo dizer-lhe uma coisa, sobretudo a presença de Fernando Pessoa e de Mário de Sá Carneiro nos meus recitais é quase que uma obcessão, porque ainda como dizem os franceses «je n'ai pas mangé à ma faim». Realmente eles são dois poetas tão extraordinários e tão grandes que ainda não encontrei o suficiente que lhes podia dar e que os podia servir. De resto, uma das coisas que mais me interessou na minha vida de artista foi a gravação do meu «long-play» de Fernando Pessoa e justamente devo dizer-lhes que deve sair mais uma série de «long-play» de poesia, que vão ser editados pela «Parlophone», que eu devo fazer brevemente, entre eles, Sá Carneido, António Nobre e Cesário Verde. Esta é uma obra que me interessa muito. Agora até penso fazer um novo recital e incluir nele quatro ou cinco nomes da poesia mais moderna portuguesa.

— Que pensa da possível realização, pelas camadas jovens, de recitais de poesia? Temos, como exemplo o caso do «Juvenil» em que pensamos organizar um...

— Acho uma ideia magnifica que devem levar por diánte!

— Nesses recitais haveria uma expansão da arte de declamar e consequentemente da poesia...

— Sem duvida nenhuma.

— Acha, realmente, que existem poetas jovens á altura?

— Bem, não posso dizer-lhe porque não conheço profundamente todo essa juventude. Primeiro porque muitos deles não têm livros publicados, não é; depois porque têm uma produção muito dispersa, espalhada por revistas, quer dizer, uma obra não una ainda. Portanto, é muito difícil a gente pronunciar-se com um julgamento definitvo sobre uma totalidade poética desses jovens autores. Agora de alguns que eu tenho conhecido, sem duvida nenhuma que há potencialidade poética e que há um grande futuro para eles. Há dias li no «Juvenil» uma poesia de uma jovem que achei interessante. Penso que o vosso semanário é uma iniciativa inédita, segundo creio, que dá aos jovens possibilidades e lhes prepara, deste modo, um pouco o futuro. De resto, a nossa tradição poética é grande. Infelizmente, a nossa tradição de teatro não é a mesma. A riqueza lírica portuguesa é muito grande e eu acredito firmemente na continuidade dessa tradição através dos novos poetas que vão surgir.

— Bem, nós não pretendiamos que fosse um recital de categoria, mas um ponto de partida para cometimentos mais altos!

— Mas, bem vê, que isso é um bocadinho pretensioso. Eu nunca pensei em categoria, nem nessas coisas. Acho que a gente deve fazer as coisas espontaneamente, porque gosta delas e crê nelas. A categoria vem depois. Isso é uma coisa que depois se etiqueta segundo a freguesia, mas isso não interessa nada.

— Falou-se, em Portugal, durante muito tempo numa crise teatral...

— Isso desde que eu me estreei que ouço falar na crise de teatro e, noutro dia, passando em revista «As ultimas páginas» de Eça de Queiroz também se falava na crise de teatro. Luís Jouvet dizia uma coisa muito verdadeira: «em teatro só há um problema — é o êxito»; e quando o êxito aparece não há crise. Agora estou convencido de uma coisa, que hoje o teatro está com tendências para uma grande renovação em todo o sítio, em todo o Mundo. Há, outra vez, um grande interesse pela arte viva do teatro, pela arte humana do teatro, A minha geração era muito pior do que a vossa porque, noutro dia, num espectáculo em que os estudantes estavam a assistir, no «À espera de Godot», de Beckett, eu comovi-me profundamente com a recepção, com a forma maravilhosa como esses jovens de 17 anos puderam sentir e compreender uma obra daquele jaez e daquela força. Isso quer dizer que a nova geração tem uma tendência para compreender a grande arte e a verdadeira arte do teatro.

— Então, crê que houve, de facto, uma reabilitação?

— Uma reabilitação, sem duvida nenhuma! E os nomes de Luís Francisco Rebelo e Costa Ferreira confirmam-na.

— O que pensa do antiteatro? Gostariamos que analisasse, se possível, a reacção do publico português perante a representação desta moderna expressão teatral.

— Mas antiteatro é uma coisa que não existe. Tudo é teatro dentro do Teatro. Pode ser um antiteatro na forma convencional, naquilo que o teatro tem de censurável e de mau. Isso, realmente, talvez seja o antiteatro a que Ionesco se queria referir. Mas Ionesco, ele é o próprio Teatro, porque nunca vi

ninguém entrar tão de repente, tão de palma nua dentro da acção teatral e dentro da forma teatral como esse admidável autor que se chama Ionesco. E Beckett não me parece que seja da mesma corda de Ionesco, se bem que seja um grande, um extraordinário poeta do Teatro, com uma obra teatral muito pequena, infelizmente. Mas, estou convencido que, no fundo, é como nos problemas musicais, todos contribuem, desde Vivaldi até Stravinsky, até Bela Bartok. Cada um contribui com a sua parte de musica para a Musica, assim todos eles contribuem com a sua parte de teatro para o Teatro. Para que é que os havemos de juntar numa assimilação intelectual, se não vale a pena?! O que é preciso é que eles façam teatro como o sentem, e fazem-no por isso estão todos certos. Não acredito no antiteatro senão no antiteatro revolucionário, no sentido grande e nobre da palavra.

— Como tem actuado tanto no Cinema como no Teatro, embora no Cinema muito menos...

— Não; desculpe, vou fazer trinta anos de Teatro e de Cinema, se juntasse, não tinha nem doze meses...

— Não sei se viu «Doze homens em furia» e «Doze homens fechados?...

— Vi!

— Então, gostaríamos que confrontasse, se possível, as duas artes...

— Difícil, olhe, a mim como espectáculo interessou-me mais o espectáculo de teatro; senti mais a peça dentro do teatro do que no cinema, mas isso deve ser um caso de deformação profissional, porque eu, de um modo geral, sinto sempre mais o teatro do que o cinema. Em todo o caso, para os nossos colegas portugueses acho que foi um «handicap» extraordinário, por que vocês sabem que na América se produz de uma maneira muito estranha, por que se vão buscar os artistas exactos para os papéis e demasiadamente novo-rico para poder ser uma arte perfeita. Até aqui era uma industria bonita, mas, mais nada. Evidentemente que o cinema, nos seus 50 anos, nos deu golpes de génio, que vão de Chaplin a Dreyer, mas, meu Deus, entre as vinte ou trinta obras clássicas destes 50 anos quanta pacotilha e quanta porcaria... E veja-se o sucesso comercial de «Os dez Mandamentos», de Cecil B. de Mille e o fracasso comercial de «A Estrada», de Fellini. Mas, agora, estou convencido que o cinema vai encontrar-se a si próprio.

— Há algum personagem histórico ou literário que tenha para si um significado especial, que seja como que um símbolo? Já o interpretou ou gostaria de fazê-lo?

— E' difícil a resposta... Bem. Um símbolo da minha própria concepção da vida?

— Sim, isso mesmo.

— E' difícil, porque parece-me que, até hoje, só encontrei essa aderência no pensamento poético. Não é que eu não tivesse sentido o mais profundamente e o mais que me foi possível humanamente todos os papéis que representei. Mas, como sou actor, nunca me procuro encontrar a mim próprio num papel, mas sim o papel. Eu o que procuro fazer quando represento é despersonalizar-me por completo, encontrar a alma, a vida, o cérebro do personagem que represento. Na poesia já há muito de mim próprio em certas interpretações poéticas, porque estas são completamente afins da ideia do poeta. Agora em teatro quantas vezes tenho representado papéis que, no fundo, me repugnam, mas que lhes dou tudo quanto posso, porque estou a fazer um serviço ao papel e não a mim próprio. Em todo o caso, há um papel que não se parece nada comigo e que gostaria de o desempenhar como símbolo do que é a Humanidade, não que eu a admire, mas como castigo: seria o «Tartufe», de Molière. Acho que o «Tartufe» é, de facto, um símbolo das tristes coisas que nós somos, e este gostaria muito de o interpretar.

— Desculpe, mas, há pouco, disse que não tinha encontrado esse símbolo no teatro, mas na poesia...

— Bem. Não foi bem isso que eu disse. Muitas das minhas ideias, das minhas concepções pessoais, encontro-as realizadas no pensamento poético, em que tenho de aderir a uma forma mental, a uma forma de sensibilidade. No teatro, meu Deus, tenho feito desde o ladrão até ao rei, e eu não sou nem rei nem ladrão. Percebem o que eu quero dizer, não é?

— Concerteza...

— Procuro ser uma pessoa que o autor criou. Agora, dentro do plano de interpretação poética, muitas vezes é um encontro da minha sensibilidade que está dentro da realização do poema, o que é muito diferente. Não quer dizer que eu não tenha interpretado imensos papéis que estão de acordo com a minha maneira de ser e a minha maneira de ver a vida. Acho que o actor é um servidor do autor, e dentro disso é que está o seu plano de criação: na sua despersonalização completa, aquilo a que Gordon Craig chamava, simbólicamente, a «marionnette». A «marionnette» não é mais do que isso, porque nós não podemos representar como «marionnettes». A «marionnette» ideal do actor, de que ele falava, era o actor que se esquecia de si próprio e das suas ideias para ser total e completamente aquilo que o autor idealizou.

— E, agora, uma pergunta de certo modo clássica: O que sentiu no seu primeiro contacto profissional com o publico? Esmagaménto? Plenitude?

— Olhe, senti tudo. Senti esmagamento, senti plenitude, senti prazer e devo ter sentido, sobretudo, uma grande inconsciência porque quando se tem 18 anos não se tem consciência de coisa nenhuma, a não ser duma coisa muito forte, que é a Juventude.

— Foi aos 18 anos?

— Sim, foi aos 18 anos que eu me estreei no teatro?

— E com que peça?

— Com «Leonor Teles», de Marcelino Mesquita, no Teatro D. Maria.

— Acha que a arte teatral e, vá lá, a arte dum modo geral, ganha quando universalizada ou deve ser de interesse estrictamente nacional?

— Concerteza que universalizada! O que não quer dizer que uma arte nacional pura, perfeita, chamemos-lhe não-folclórica, não possa ser compreendida em toda a parte e possa chegar a todos os publicos. Não acho que a arte seja assim uma coisa para uso próprio de nações.

— Mas, não acha que se podem conciliar estes dois aspectos?

— Sim. Temos, por exemplo, Garcia Lorca que é, realmente, um autor duma profundidade imensa e um homem que escolheu sempre para seus motivos a Espanha. Mas, quer dizer, foi o que eu já disse: Sendo-se profundamente nacional pode-se ser profundamente universal, não no sentido folclórico, mas no sentido humanista.

— Para terminar, desejávamos que dirigisse aos jovens de Portugal, a sua mensagem.

— A minha mensagem, sobretudo em relação ao teatro, é que amem o Teatro e que o façam, porque não há maneira melhor de amarmos as coisas do que fazê-las. Uma atitude intelectual é uma atitude muito bela e muito util mas, mais do que isso, é vermos os jovens, rapazes e raparizas que têm mocidade dentro de si, amarem o Teatro, fazendo-o de qualquer maneira, não importa como nem quando. Façam-no, representem-no, dêem-lhe vida, porque o Teatro é uma quarta dimensão, não é para se ler, é para se viver e para se fazer. Chamem-lhe «Teatro Experimental», chamem-lhe «Teatro Universitário», chamem-lhe «Teatro de Cooperativa», chamem-lhe tudo o que quiserem, mas façam teatro, dêm vida a esse grande mistério.

Tínhamos terminado a nossa entrevista. Ainda conversámos algum tempo com o famoso actor que, amávelmente, nos acompanhou á porta. João Villaret provara-nos que o valor e a simplicidade se podem conjugar. Ao terminar, somos obrigados a formular um voto ao qual esperamos se associem todos os que, verdadeiramente gostam e apreciam o Teatro. Que Villaret reapareça, restabelecido, em breve, aos nossos palcos para que o publico, de novo, o possa aplaudir.